UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CRISTIANO CEZAR GOMES DA SILVA

UM AGRESTE MODERNO? ECOS DA MODERNIDADE E A INSTITUIÇÃO DOS SIGNOS MODERNOS NA CIDADE DE BELO JARDIM ENTRE 1953 - 1978

RECIFE
2004

CRISTIANO CEZAR GOMES DA SILVA

UM AGRESTE MODERNO? ECOS DA MODERNIDADE E A INSTITUIÇÃO DOS SIGNOS MODERNOS NA CIDADE DE BELO JARDIM ENTRE 1953 - 1978

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Profª. Drª. Isabel Cristina Martins Guillen

RECIFE
2004

Silva, Cristiano Cezar Gomes da
Um Agreste moderno? Ecos da modernidade e a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim entre 1953 - 1978 / Cristiano Cezar Gomes da Silva. – Recife : O Autor, 2004.
163 folhas : il., tab., gráf., fotos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2004.

Inclui bibliografia e anexos.

1. História - Belo Jardim (PE) – Narrativa. 2. Cidade - Belo Jardim (PE) – Modernidade, urbanização e industrialização. 3. Análise do discurso – Fala e imaginário social. 4. Vocação industrial – Análise do discurso – Belo Jardim (PE). 5. Futebol (Copa do Interior) – História – Belo Jardim (PE). Titulo.

981.34:316.422 CDU2.ed.) UFPE
981.3406 CDD (21.ed.) BC2004-438

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO CRISTIANO CEZAR GOMES DA SILVA

Às 14:00 h do dia 09 (nove) de setembro de 2004 (dois mil e quatro), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Cristiano Cezar Gomes da Silva**, intitulada **"Um Agreste Moderno? Ecos da Modernidade e a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim entre 1953 – 1978"**, em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO COM DISTINÇÃO**" em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Isabel Cristina Martins Guillen (Orientadora), Antonio Paulo de Morais Rezende e Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida . Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária Maria Betania Pinto de Oliveira, para os devidos efeitos legais.

Recife, 09 de Setembro de 2004.

Profª. Drª. Isabel Cristina Martins Guillen

Prof. Dr. Antonio Paulo de Morais Rezende

Profª. Drª. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

Maria Betania Pinto de Oliveira

Para Davi e Vinícius, os meus filhos amados pela alegria de viver, para Luciana pela sua existência em minha vida e para minha mãe que iniciou tudo.

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho inevitavelmente foi desenrolando-se um filme em minha mente. Via à frente do computador, a minha mente viajar no tempo e passear por alguns dos muitos caminhos que percorri nessa trajetória. Lembranças, recordações, reminiscências acerca da árdua, mas prazerosa caminhada acadêmica. A certeza do dever cumprido, mesmo com as possíveis incoerências e falhas que a nossa condição humana insiste em permitir que aconteçam, é a sensação que domina essas linhas. Um misto de saudade e alegria pela tarefa concluída, ou melhor, parcialmente concluída, pois a pesquisa acadêmica nunca cessará.

Ao CNPq agradeço pelo incentivo financeiro através da concessão de uma bolsa de pesquisa, sem a qual seria muito difícil o desenvolvimento deste trabalho.

Muitas pessoas contribuíram para este trabalho. À Professora Isabel Guillen, o meu muito obrigado pela árdua tarefa de me orientar. Os meus agradecimentos pelas valiosas sugestões e intervenções no trato com as fontes e com a escrita, sem as quais não conseguiria concluí-lo. Agradeço pela maneira segura e firme com que se dispôs a conduzir esta pesquisa, pelas constantes sugestões bibliográficas e ampliação do meu olhar sobre os documentos. Por ter realmente orientado e incentivado nos momentos que o caminhar se tornava mais pesado. Sem dúvida, foi uma convivência bastante enriquecedora para minha caminhada acadêmica, um grande aprendizado. Isento-a das possíveis falhas e incoerências que este trabalho venha conter.

Ao professor Antonio Paulo Rezende, pela maneira sempre acessível ao diálogo e pela sensibilidade com que se mantém sempre pronto a contribuir, a ouvir o outro e pelas valiosas sugestões, a quem eu devo o despertar para a discussão sobre a modernidade, a apresentação de inúmeros autores e possibilidades de tratar a temática. Este trabalho deve-se em grande parte às discussões realizadas em suas prazerosas e brilhantes aulas. Muito obrigado pela oportunidade do

convívio acadêmico pelo qual percebemos que é possível pensarmos e abordarmos a história com múltiplos olhares.

À Profª. Graça Ataíde de Almeida, pela maneira afetiva com que sempre me brindou, pela preocupação com o outro, pela solidariedade e com o bem-estar dos que estão próximos. Os meus agradecimentos pelas inúmeras contribuições e indicações bibliográficas presentes neste trabalho, a partir das discussões em sala de aula e fora dela. Discussões que foram fundamentais para a construção do mosaico que forma esta pesquisa e tenho certeza de que muitas abordagens não seriam possíveis sem os aportes teóricos da análise de discurso aos quais fui apresentado em suas fascinantes aulas.

Ao professor Antonio Torres Montenegro, pela maneira atenciosa com que sempre me ouviu. O meu muito obrigado pelas brilhantes sugestões sem as quais este trabalho estaria bem menos interessante. Agradeço a gentileza e sensibilidade de opinar quando neste trabalho ainda não havia sequer uma página escrita, apenas idéias, muitas idéias. Obrigado pelo incentivo para que eu sempre avançasse na escrita, pelas observações nos originais, pelas sugestões bibliográficas, pelo apoio durante as angústias da vida acadêmica e pelas palavras de conforto nas dificuldades da caminhada.

À professora Sílvia Cortez com quem iniciamos os diálogos acerca deste trabalho, muito obrigado pela maneira fraterna e carinhosa com que me acolheu. Muito obrigado pelas sugestões bibliográficas e pelas possibilidades de ampliar a discussão.

Aos professores Carlos Miranda, Virgínia Almôedo e Marcus Carvalho por acreditarem que poderíamos concretizar este sonho.

Ao professor Lourival Holanda, pelas sugestões de análise da modernidade, pela sua sensibilidade, atenção, disponibilidade para ouvir e principalmente acreditar no nosso trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação de História da UFPE, especialmente aos que tivemos contato em sala de aula, Tanya Brandão e Marc Hoffnagel.

À professora Bernardina Araújo, por ter aberto as portas da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim. Agradeço pelos diálogos, pela atenção e pelo ambiente acadêmico proporcionado que contribuíram neste trabalho.

Aos meus antigos mestres da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim, onde tudo começou. Aos professores Adalva Marangon, Aleixo Leite, Ana Marluce Rodrigues, Ana Paula Pontes, Bernardina Araújo, Euno Andrade, Geneci Leal, Heleno Lopes, Irineu Menezes, Ivete Vieira, João Estêvão, José Adilson Filho, José Vieira, Maria Lúcia Cordeiro, Mario Marangon, Mercês Costa e Ricardo de Oliveira, os meus agradecimentos pela jornada.

Ao amigo e professor José Adilson Filho, muito obrigado por acreditar em nosso potencial quando ainda concluíamos a graduação. Agradeço pelos ricos diálogos, pelas inúmeras discussões sobre a cidade de Belo Jardim, sobre a pesquisa e pelo convívio sempre agradável.

Ao amigo Veridiano Santos, com quem compartilhávamos as idéias, os sonhos e os desejos de estudar a modernidade no interior de Pernambuco quando assistíamos às aulas do professor Antonio Paulo Rezende como alunos especiais em 2001.

Aos amigos Adelson Lopes, Jeannie Menezes e Dilton Maynard, obrigado pelo convívio e pelos diálogos nesta reta final de trabalho.

À Luciane pela forma carinhosa e atenciosa com que invariavelmente fui atendido na Secretaria do Programa de Pós-graduação de História da UFPE, a quem se credita uma pródiga memória e uma agradável convivência, diminuindo as angústias e as incertezas do mestrado.

À Marli, Betânia e Gibson pela atenção no atendimento na Secretaria do Programa de Pós-graduação de História da UFPE, pelas informações seguras e precisas sempre que solicitadas.

Aos companheiros de mestrado: Ufa! Terminei! Tenham a certeza de que há um pouco de nossas discussões neste trabalho. Ao amigo Guaracy, o querido “Guara”, os meus agradecimentos pelos diálogos e pela contribuição para conclusão de alguns trabalhos. As amigas Tatiane Ferraz, Tatiane Silva, Marjone, Ana Elisabeth, Geysa Kelly, muito obrigado pelo convívio salutar e pelas sugestões ao trabalho. Aos amigos Rômulo, Osvaldo Aciolly e Maciel, pelas contribuições. À amiga Adriana que dividiu conosco alguns momentos em que podemos aprender com suas valiosas intervenções durante o seu doutorado. A todos, obrigado pelos momentos de descontração sem os quais o caminhar seria mais difícil.

A Fábio, Flávio e Fernanda, pela gentileza e pela presteza com que sempre fui atendido no Arquivo Público Municipal de Belo Jardim, interrompendo os seus afazeres para localizar documentos que enriqueceram a nossa pesquisa.

À Graça Valença, pela disposição da pesquisa e do envio dos dados solicitados ao CONDEPE. À Sra. Conceição e ao Sr. Tadeu pela gentilieza e preocupação com a coleta dos dados e livros estatísticos do IBGE e CONDEPE arquivados na biblioteca deste órgão estadual.

Aos funcionários da hemeroteca localizada na Biblioteca Pública Estadual Presidente Castello Branco, muito obrigado pela localização e coleta dos exemplares solicitados.

Aos responsáveis pelo Projeto Memória e da Divisão de Arquivo da Assembléia Legislativa de Pernambuco, pela conservação da memória legislativa e dos discursos naquela tribuna.

À Sra. Alba Leite e ao Prof. Adalberto Jordão pela cessão de grande parcela das fotografias e jornais da cidade de Belo Jardim que compõem este trabalho e ao amigo Ademir Pinto Filho, pela maneira ágil e eficiente com que sempre contribuiu para que pudesse formatar e copiar as fotografias deste trabalho, interrompendo os seus afazeres.

À professora Dulce Ramos, muito obrigado não somente pela entrevista concedida, porém,

mais ainda pela disponibilidade para percorrermos a cidade em busca de fontes que enriqueceram a pesquisa. Obrigado pela maneira cordial e fraterna que sempre me recebeu em sua residência.

Ao jornalista Bartolomeu Marinho, agradeço pela maneira amiga com que sempre me atendeu. Pela forma zelosa com que guardou os documentos sobre a cidade de Belo Jardim, publicados no Diário de Pernambuco desde os anos de 1960, tão bem encadernados e arquivados, e que com um incomum gesto, entregou-os à Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim.

À Carmelita, obrigado por contribuir com a condução dos meus dois filhos, Davi e Vinícius, na minha ausência e na de minha esposa, dando-nos a tranqüilidade e a confiança para continuarmos os nossos trabalhos.

Ao professor Iêdo Paes, muito obrigado, não apenas pela revisão do texto, mas pelo convívio e pelo diálogo enriquecedor, pela troca de idéias, pela agradável convivência e pela afinidade com a história. Isentando-o dos possíveis erros que cometi após a sua revisão.

Aos amigos Riyuzo Ikeda e Cláudio Aparecido Sacomani por acreditarem e incentivarem o sonho de fazer uma dissertação e por viabilizarem-no permitindo a minha ausência para freqüentar as aulas como aluno especial quando ainda estava na caserna.

Ao pastor Jônatas Mendes pelas conversas, pelo despertar da curiosidade, pelo apoio espiritual e pelas orações juntamente com os irmãos em Cristo que proporcionaram conforto nas horas difíceis da construção deste trabalho e que sem a presença de Deus nada seria possível.

Por fim, os agradecimentos às pessoas que mais de perto sentiram as dificuldades e as ausências pelo trabalho: meus filhos Vinícius e Davi, minha esposa Luciana e minha mãe Conceição.

À minha mãe, Conceição Gomes, a quem agradeço eternamente pela condução nos caminhos do mundo desde as primeiras palavras e os primeiros passos. Agradeço a quem, imersa

nas adversidades e percalços da vida, sozinha conduziu-me com coragem e segurança, não permitido que me abalasse com as dificuldades. A vida é feita de sonhos e da busca por realizá-los. Se hoje realizo este, é pelo motivo de você há pouco mais de três décadas, ter plantado e regado uma pequenina semente que agora frutifica. O meu eterno agradecimento por sempre incentivar-me e mostrar-me os caminhos das letras e a importância da educação. Muito obrigado, pelo carinho e eterno amor de mãe expressado pela preocupação constante de sempre ligar após as infinitas viagens entre Recife e Belo Jardim, para saber: “Fez boa viagem, meu filho?”

À Luciana, a minha amada esposa e companheira, o meu muito obrigado. Obrigado pelo incentivo, pela partilha não apenas dos instantes de alegria e felicidades, pois esses são mais fáceis, mas principalmente pelo compartilhar dos momentos de dúvidas, de incertezas, de angústias e de dificuldades. Obrigado por conduzir o nosso lar e as nossas crianças durante a minha presença-ausência. Esses agradecimentos são infinitamente menores do que o seu esforço para tocar o barco à frente com sabedoria e dar exemplo aos nossos filhos. Peço desculpas pela ausência talvez mais difícil para conviver, pois se está tão perto e ao mesmo tempo tão longe, recluso no afã do trabalho acadêmico. Obrigado por você existir em minha vida, não conseguiria concluir este trabalho sem a sua força e a sua ajuda. Para você, rememoro um trecho do livro mais sábio que podemos ler: Provérbios, escrito há milhares de anos, que diz no capítulo 31:10,11***: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor excede muito o de rubis . O coração do seu marido confia nela, e a ele não faltam riquezas.”*** Serei eternamente grato por ter a preciosidade de seu amor ao meu lado.

Ao meu pequenino Davi, o meu muito obrigado por você existir e nos proporcionar tamanha felicidade. “Papai, me dá um papel, papai”. “Papai, me dá uma caneta para eu riscar”. Assim, você adentra o local de escrita. Na simplicidade dos seus quase, depois dois e agora três anos, transmite mais ensinamentos do que poderia supor antes de tê-lo em nosso lar e em nossas

vidas. O seu sorriso, o seu chamado para brincar, “jogar bola”, faz-me lembrar que o mundo existe em outras dimensões e perspectivas, e que a felicidade é bem mais simples do que se imagina. É bem mais possível, quando se pode ver o seu sorriso, o seu “correr”, o seu “gritar”, o seu “pular”, o seu “abraçar”. Obrigado pela felicidade e pela motivação que você proporciona e peço desculpas pela minha ausência. Agora filho, podemos correr, brincar, passear. Ah! E também andar de bicicleta, afinal neste intervalo você cresceu e saudável!

Ao meu filho Vinícius, os eternos agradecimentos pelos intervalos durante a escrita deste trabalho. Ao propor “papai, vem fazer uma carreta comigo”, após pedir um lápis e um papel para desenhar. Ou ainda, “preciso de um papel e um lápis para desenhar uma carreta”, aparentemente interromperia o trabalho da escrita. No entanto, durante essas pausas e através do seu sorriso e de sua bela inocência dos seus quase e depois quatro anos de idade, era o momento em que eu encontrava forças para continuar a escrita e o verdadeiro sentido para continuar o trabalho. O instante em que encontrava estímulo para não esmorecer diante do labirinto da escrita, das incertezas diante das fontes, enfim das angústias da pesquisa acadêmica.

Vários foram os momentos em que o pequeno Vinícius me acompanhava no local de escrita após às 22:00 horas. Em um nítido esforço para ficar acordado durante mais alguns instantes e poder apenas estar ao meu lado um pouco mais. Retratava a nossa família em seus desenhos coloridos: eu, ele, o nosso pequeno e amado Davi e a amada mamãe e esposa – Luciana.

Aproveito a oportunidade para pedir perdão pelas ausências de seu pai no acompanhamento do seu mundo. Digo “seu”, pois a criança tem o seu próprio mundo – o espaço da fantasia, dos sonhos – que raramente conseguimos compartilhar pela velocidade do nosso ritmo de vida.

Por fim, não retirei as letras abaixo digitadas pelo pequeno Vinícius num instante em que pôde sentar à frente do computador sem que eu percebesse. A todos, o meu muito obrigado.

DDDVVVVVVCCCGGGGGGGAAADDUUUKKKKMMMN

Bem-aventurado o homem que encontra sabedoria, e o homem que adquire conhecimento, pois ela é mais proveitosa do que a prata, e dá mais lucro do que o ouro. Mais preciosa é do que os rubis; tudo o que podes desejar não se compara a ela.

Provérbios 3: 13-15

RESUMO

Este trabalho busca analisar a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim, localizada no Agreste de Pernambuco, no período de 1953 a 1978. Dentre outras possibilidades elegemos discutir as transformações urbanas, o futebol e o discurso acerca da industrialização na cidade. Partindo de algumas inquietações sobre a contemporaneidade citadina, procuramos respostas para a consolidação do discurso da "vocação" industrial, como também a construção histórica que permeou algumas práticas como o futebol, o cinema, os espaços de sociabilidade, como também a urbanização em Belo Jardim.

Nesse sentido, tais aspectos foram estudados a partir dos pressupostos teóricos da modernidade. A cidade foi observada não apenas como um espaço geográfico que se encerra em si mesmo, mas como um palco, um grande cenário de transformações, como um espaço de rupturas e continuidades onde os signos modernos instituídos se imbricavam com o tradicional. Uma instituição que desvela uma das faces desse caleidoscópio que é a modernidade – a busca pela unidade das práticas sociais, culturais, políticas e econômicas e a transcendência das fronteiras geográficas.

Palavras-chave: Belo Jardim, cidade, modernidade, futebol, industrialização, discurso.

ABSTRACT

This work searchs how to analyse the modern sign institution in Belo Jardim city situaded in Pernambuco at period from 1953 through 1978. Among another possibilities elected to discuss the urbans transformations, the soccer and speech about the industrialization in this city. From some of the inquietness about the conteporaneousness citizen, looking for the answers to the speech of the industrial “indination” so as historical construction that permeated some practices like the soccer, the movie, the sociability spaces so as the urbanization in Belo Jardim.

On this sence such aspects where studied from the modern theoretician pressoupposeds. The city was observed not only like a geographical space that encloses itsely but like a stage, a big transformation scenery, like continuities and breakages space where the moderns signs instituted mixes with the tradition. A institution that unveils nos face of these multiple faces that is the modernity – the search for the unity of social, cultural, politicial and economics practies and the transceding of the geographics frontiers.

Key-words: Belo Jardim, city, modernity, soccer, industrialization, speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 – Obras da barragem do Bitury em 1957.....43
2 – Calçamento da rua Valdemar de Lima em 1953.....47
3 – O abrigo de “Zé Ramos” na década de 1950.....52
4 – Inhumas Tênis Clube nos anos de 1960.....66
5 – Uma das primeiras “mesas redondas” da televisão brasileira.....79
6 – Santa Cruz Futebol Clube da cidade de Belo Jardim nos anos de 1940.....87
7 – Anúncio para a partida entre o Santa Cruz x ASA na década de 1960.....97
8 – “Expectativa das mais ruidosas pelo início da Copa do Interior”.....100
9 – “Rubem Moreira presidiu a reunião das ligas do interior”.....101
10 – “Convocados os jogadores para a seleção de Belo Jardim.....102
11 – “Atenção desportistas belojardinenses!”.....104
12 – “Hoje na TV Rádio Clube às 18:40 HS. (sic) os principais lances em filmes dos jogos do interior”.....105
13 – “20 – Domingo – 20: Santa Cruz do Recife (Titulares) X Santa Cruz (local).....111
14 – Vista aérea da fábrica de baterias Moura.....119
15 – Área interna de produção da fábrica de baterias Moura.....119
16 – Gráfico do PIB industrial dos municípios do Vale do Ipojuca, 1996.....121
17 – Gráfico do PIB da agricultura dos municípios do Vale do Ipojuca, 1996.....121
18 – Gráfico do PIB do comércio dos municípios do Vale do Ipojuca, 1996.....121
19 – Gráfico do PIB dos serviços dos municípios do Vale do Ipojuca, 1996.....121
20 – “O progresso chegando: construção da fábrica de laticínios Dannata.....132
21 – Vista das instalações da fábrica de laticínios Dannata.....132
22 – Tabela com a população urbana dos anos de 1940, 50, 60 e 70 de alguns municípios circunvizinhos.....147
23 – Tabela com o número de indústrias e o valor da produção industrial dos anos de 1940, 50, 60 e 70 de alguns municípios circunvizinhos.....147
24 – Praça da Conceição e Igreja da Matriz no final do século XIX.....164
25 – Estação ferroviária de Belo Jardim no início do século XX.....164
26 – Estação ferroviária de Belo Jardim s.d.....165

27 – Demolição no centro da cidade na década de 1950.....165
28 – Construção da barragem do Bitury em 1957.....166
29 – Visita do Frei Damião na década de 1970.....166
30 – Transmissão da Rádio Bitury no final da década de 1950.....167
31 – Antiga sede da Rádio Bitury na Rua Siqueira Campos, atual Prefeitura.....167
32 – Conjunto de cantores que se apresentavam nos programas da Rádio Bitury nas décadas de 1950 e 1960.....168
33 – Equipe de futebol do Brutos Futebol Clube na década de 1970.....168

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....18

CAPÍTULO I – Urbanização e práticas sociais: a instituição do moderno em um Belo Jardim.....41

1.1 – Concretizando um sonho, instituindo o moderno.....42
1.2 – As transformações urbanas na década de 1950.....46
1.3 – Novos espaços de sociabilidade: o Abrigo de “Zé Ramos” e os cinemas.....50
1.4 – As obras do governo Júlio Alves.....55
1.5 – “A passos de tartaruga”: as ambigüidades modernas.....61
1.6 – As transformações dos anos de 1970.....63
1.7 – Os reflexos da modernidade: novas práticas de lazer.....65

CAPÍTULO II – Futebolidade: histórias do futebol e da modernidade na cidade de Belo Jardim.....68

2.1 – Futebol: espaço do jogo, cultura, ludens, práticas instituintes do real.....69
2.2 – Futebol, cotidiano e contemporaneidade.....77
2.3 – Futebol, um signo moderno?.....82
2.4 – A cidade esteve em festa.....93
2.5 – A expansão do futebol em Belo Jardim.....96
2.6 – O campeonato das Ligas – A I Copa do Interior e a Taça Pernambuco.....99
2.7 – A instituição de um novo espaço de sociabilidade.....108

CAPÍTULO III – Entre a fala e o imaginário: uma modernidade discursiva e a (des)construção da “vocação” industrial.....114

3.1 – Uma industrialização em quatro momentos.....117
3.2 – A construção da “vocação industrial”.....122
3.3 – Indústria e memória: a continuidade do discurso da industrialização.....128
3.4 – Descompassos com o moderno: a ambivalência do discurso.....132
3.5 – Por uma desconstrução da “vocação” industrial.....140

3.6 – A modernidade em números e a ambivalência da realidade.....144

PALAVRAS FINAIS.....151

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....156

ANEXO FOTOGRÁFICO.....163

INTRODUÇÃO

"Não existem, segundo se afirma, narrativas mestras sobre a identidade, a tradição, a cultura ou qualquer outra coisa. Há apenas acontecimentos, pessoas e fórmulas passageiras, e, mesmo assim incoerentes. Devemos contentar-nos com histórias divergentes em idiomas irreconciliáveis, e não tentar abarcá-las em visões sinópticas. Tais visões são impossíveis de obter. Tentar obtê-las leva apenas à ilusão – ao estereótipo, ao preconceito, ao ressentimento e ao conflito" (...) Precisamos é de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades..."[1]

Clifford Geertz, Nova luz sobre a antropologia

POR QUE FALAR EM MODERNIDADE?

Sobre o Nordeste na contemporaneidade, permanece uma percepção de alguns estereótipos: seca, atraso, pobreza, miséria, entre outros. Há também outros como o coronelismo no aspecto político, a "fala arrastada" e as palavras pronunciadas erroneamente caso o enfoque seja lingüístico. Na economia, percebe-se que por muito tempo esteve ligada predominantemente à produção açucareira ocorrida na região da Zona da Mata.

Em todos esses aspectos há uma idéia de homogeneidade do que seria o Nordeste. Várias seriam as razões para esses estereótipos. Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior,

> *"O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dela constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes."*[2]

---

[1] GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*, tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001. pp. 194, 196.

[2] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

E o que dizer de uma pequena cidade do interior do Nordeste entre as décadas de 1950 e 1970? Quais perspectivas fariam parte de uma narrativa histórica? Poderia abandonar esse estereótipo de miséria cujo contraponto é abordado no trabalho de Albuquerque Júnior? Além da cana-de-açúcar arraigada na memória e no imaginário sobre o Nordeste haveria outras atividades na economia? Quais práticas sociais poderíamos abordar? Como foram instituídos outros signos da modernidade como a urbanização e o futebol?

A ênfase da produção açucareira também é encontrada na literatura como nas obras *Menino de engenho*, do *Fogo morto* ou *Usina*, de José Lins do Rego. Ou ainda, o estereótipo de seca ou de rebeldia em *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para citar apenas alguns dos mais conhecidos.

Ao enfocarmos a modernidade e a sua instituição a partir das práticas e da modernização do espaço público, como também a industrialização em uma pequena cidade do Nordeste, para nós torna-se um grande desafio. Tentar escapar dessa continuidade de seca, indústria açucareira, revoltas, coronelismo e outros temas que contribuem para a consolidação de uma realidade, quer seja rememorando, quer seja reproduzindo um discurso, é a motivação trazida pela curiosidade de investigar, de levantar novos questionamentos e novos enfoques. Curiosidade ainda maior, em tratar a temática cidade e modernidade fora dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, buscamos analisar a instituição e a repercussão dos signos modernos na cidade de Belo Jardim. Privilegiamos dentre outros vários signos, o futebol, a industrialização e as transformações urbanas da cidade. Ao longo do nosso trabalho, tentaremos elucidar a maneira como abordamos e compreendemos alguns conceitos inseridos nesta pesquisa.

Belo Jardim está situada no Agreste central de Pernambuco, a 182 Km do Recife. É ligada à capital do Estado através da rodovia BR 232. Originariamente um distrito pertencente ao

município de Brejo da Madre de Deus, hoje possui aproximadamente 70.000 habitantes[3] e sua emancipação política se deu em setembro de 1928.

Elegemos estudar a cidade como palco de transformações, e não apenas como um espaço geográfico delimitado e encerrado em si mesmo. Dessa maneira, é vista como cenário de rupturas e continuidades entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno. Uma ambigüidade que perpassa a sociedade de Belo Jardim no período objeto deste estudo – 1953 a 1978 – que retomaremos mais adiante.

Procuramos ressaltar as peculiaridades da instituição da modernidade no espaço citadino. Entretanto, a nossa trama não pretende uma conotação de estarmos narrando as transformações ocorridas nas grandes metrópoles européias da virada do século XIX para o século XX, ou das grandes cidades brasileiras das primeiras décadas do século passado. Cada sociedade tem a sua maneira própria de viver o tempo. Cada sociedade é também uma maneira de fazer o tempo[4]. Nesse sentido, rememoramos a abordagem de Robert Darnton acerca da cidade de Montpellier

[3] Dados do censo do IBGE de 2000.

[4] CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade.* Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. pp. 239-252. Para Castoriadis, o tempo é definido como identitário e imaginário. O tempo identitário refere-se ao tempo cronológico do calendário, também definido pelo autor como tempo de demarcação ou tempo das medidas. Nele, há divisões numéricas apoiadas sobre os fenômenos da natureza sempre referentes aos fenômenos espaciais como dia, estações do ano, mês lunar. Por outro lado, o tempo imaginário ou socialmente imaginário é o tempo da significação, mantém o tempo identitário como referência, mas lhe confere uma dimensão da significação – tempo moderno, tempo medieval, tempo do capitalismo, tempo pós-moderno. Dessa maneira, exprime uma temporalidade específica que só poderá ser amplamente compreendida dentro de cada sociedade ou através da compreensão de suas significações simbólicas. Assim, Castoriadis afirma que "cada sociedade tem sua própria maneira de viver o tempo", pois cada sociedade o vivencia em seu próprio ritmo, dentro das significações por ela instituídas. Neste sentido, pressupomos que a cidade de Belo Jardim vivencia os "tempos modernos" intrinsecamente relacionada a uma temporalidade identitária específica, em um tempo imaginário próprio, imprimindo um ritmo diferente ao de outras cidades, especialmente ao das grandes metrópoles. Em uma outra tentativa e abordagem de compreensão do tempo, Norbert Elias, em sua obra "Sobre o tempo", afirma que a particularidade do tempo está no fato de medir o fluxo do devir em todos os níveis de integração – física, biológica, social e individual – e por estar sintetizada no mecanismo de medição do relógio, transmitindo mensagens e sendo socialmente apreendido e operacionalizado – "o tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico." ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 16-17. Para Elias, assim como para Castoriadis, o tempo está intrinsecamente ligado às representações simbólicas socialmente instituídas. Uma tentativa de apreensão e mensuração do devir.

em uma comparação com a cidade de Manchester durante o período da Primeira Revolução Industrial:

> "***Montpellier, no entanto, não era nenhuma Manchester***. *Produzia os mesmos artigos desde o final da Idade Média, e na mesma escala reduzida. A fabricação de azinhavre, por exemplo, ocupava cerca de oitocentas famílias e resultava em até 800.000 libras por ano."*[5]

Darnton não hesita em enfocar a cidade de Montpellier metodologicamente através da história cultural e cronologicamente durante a Primeira Revolução Industrial na "*Europa do início dos tempos modernos*"[6]. Assim, buscamos alguns aspectos desse processo de instituição da modernidade que repercutem na cidade de Belo Jardim, a partir das práticas de sociabilidade dos signos modernos analisados: urbanização, futebol e industrialização.

Delimitamos para este estudo o período entre 1953 e 1978. No entanto, essa delimitação não será uma "camisa de força" em nosso trabalho. Ela não terá o papel de uma prisão, pois, algumas vezes para uma melhor compreensão dos acontecimentos recorreremos a fatos e documentos fora desse período. Nesse intervalo proposto em nosso trabalho, há o início e a consolidação das atividades da fábrica de baterias automobilísticas Moura e a implantação do primeiro e segundo distritos industriais. Há ainda, a pavimentação das principais ruas e a demolição de casas e prédios, entre outras modificações nos aspectos urbanísticos.

Simultaneamente ao período do nosso estudo, o futebol tem um maior destaque nas cidades brasileiras, como também se consolida o imaginário do Brasil como "país do futebol". Há uma proliferação do esporte. Uma conseqüência do bicampeonato da Copa do Mundo conquistado

---

[5] DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução Sonia Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 150. Grifo nosso.
[6] Idem, Ibidem. p. 152.

pela seleção brasileira em 1958 e 1962, assim como pela conquista dos bicampeonatos da Taça "Libertadores da América" e mundial de clubes pelo "Santos de Pelé" em 1962 e 1963.

Na cidade de Belo Jardim ocorre a construção e a inauguração da barragem do Bitury em 1957. Essa barragem proporcionaria as condições favoráveis de oferta de água para a instalação de várias indústrias na cidade durante a década seguinte, bem como o próprio abastecimento d'água e de várias cidades circunvizinhas.[7] Nos anos 60, institui-se o discurso do moderno na cidade e Belo Jardim surge com uma "vocação para o seu destino industrial". Discurso esse, atrelado a uma idéia de progresso e a um imaginário do moderno, foi inicialmente difundido pelas elites governantes e consolidado através dos jornais. Dentre esses, podemos citar o *Diário de Pernambuco*, jornal de grande circulação em Pernambuco, *Vanguarda*, da cidade de Caruaru e os jornais da cidade de Belo Jardim, como *A Voz da Cidade* - 1942, *O Batalhador* - 1960, *O Líder* - 1964, *Rio Bitury* - 1965, *O Bitury* - 1972, *Voz do Bitury* - 1975, *Gazeta do Bitury* - 1983, *Jornal Mariola* – 1989.

Essas publicações, mesmo as posteriores a 1969, trazem matérias que registram a memória de eventos acontecidos no período que abordamos. São jornais cujos conteúdos se reportam ao cotidiano local através de artigos e reportagens. Ressaltam as obras públicas, a vida social dos clubes, a política, a economia, registrando os fatos ocorridos como as modificações implementadas no traçado urbano da cidade pelo prefeito Júlio Alves em 1964. Abordam ainda os relatos sobre o início da industrialização com a inauguração da fábrica Mariola e da fábrica Moura. Registram as disputas esportivas do campeonato de futebol da cidade, as seções religiosas, as colunas sociais locais, os artigos sobre as bandas de música da cidade. Enfim, as práticas no espaço citadino.

[7] SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. *Belo Jardim*: história, cultura e recursos naturais. Recife: O autor, 2001.

MODERNIDADE, MODERNIZAÇÃO E AMBIVALÊNCIA

O pensamento contemporâneo acerca da modernidade concebe-a como um processo que busca padronizar aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais mediante práticas universalizadas. Uma maneira de ter uma "vigilância", um "controle" sobre as variadas formas de organização das diferentes sociedades, em locais muito distantes uma das outras[8]. Uma tentativa de estabelecer um modelo para essas práticas inserida em uma espécie de "modelo" a ser seguido.

Nesse sentido, vários pensadores contemporâneos fazem uma releitura dos clássicos da modernidade e ressignificam os seus escritos. Elegemos em nosso estudo três desses pensadores – Anthony Giddens, Marshall Berman e Alain Touraine. Para Giddens, a modernidade "*refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência*"[9]. Para o autor, as instituições sociais modernas são, sob alguns aspectos, únicas. Os modos de vida produzidos pela modernidade são descontínuos em relação aos modos de vida tradicionais. Porém, contraditoriamente, às vezes parecem contínuos: a velocidade, o "*ritmo de mudança*" que a era da modernidade põe em movimento é uma das características dessa ruptura com o tradicional.[10]

Nessa ótica de ambivalência e rupturas, o autor cita o exemplo das cidades modernas. Relata que os modernos assentamentos urbanos assemelham-se a uma continuação da expansão das cidades tradicionais. Contudo, Giddens ressalva que "*na verdade, o urbanismo moderno é*

---

[8] Sobre a idéia de modernidade como noção de vigilância por parte do Estado moderno através da instituição do poder administrativo e a influência de sociedades distantes na construção e expansão da modernidade, ver GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens*: o sentido da modernidade, tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 87-88. Ou ainda, TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, 7ª ed., tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, pp. 99-112.

[9] GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 11.

[10] Idem, ibidem, pp. 11-15.

ordenado segundo princípios completamente diferentes dos que estabeleceram a cidade pré-moderna em relação ao campo em períodos anteriores."[11]

Ao analisar os clássicos da sociologia, Giddens sugere que a modernidade seja analisada por um olhar multidimensional. Contrapondo-se, dessa maneira, a ser influenciado apenas por uma visão. Na concepção marxista, analisa o autor, a modernidade é uma nova ordem social e capitalista. A inquietação da vida moderna seria decorrente do ciclo investimento-lucro-investimento. Também se esquiva de uma visão atribuída a Durkheim de que vivemos em uma ordem que não é capitalista, mas industrial. A instabilidade seria causada pela complexa divisão de trabalho intrínseca à nova ordem industrial. Ou ainda, uma ótica weberiana de que vivemos em uma era da racionalização – o capitalismo racional. Essa nova ordem seria expressa através da tecnologia e da burocracia. Porém, ao propor uma rápida análise sobre essas três correntes de pensamento a respeito da modernidade, Giddens ressalta a influência desses autores para o seu entendimento, para a construção da teoria em vários de seus trabalhos publicados e para os estudos e os debates contemporâneos sobre a temática.[12]

Todavia, poderíamos divergir em um aspecto do pensamento de Giddens acerca da modernidade. O autor afirma que não vivemos uma ordem de pós-modernidade, mas "*um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes*". Neste caso, parece-nos a ênfase da questão estar na nomeação modernidade ou pós-modernidade. Pois, o autor concorda que vivemos em uma nova ordem social, diferente da anterior, ou seja, que não seria mais a mesma. Afirma que não vivemos a ordem moderna de outrora e sim uma outra ordem denominada como "uma modernidade

[11] Idem. Ibidem, p. 16.
[12] Idem. Ibidem, pp. 19-25.

radicalizada" ou ainda uma "alta modernidade[13]", rejeitando, no entanto, defini-la como pós-moderna. Assim, rememoramos aqui Gabriel Garcia Márquez que, em sua obra "Cem anos de solidão", diz sobre as novidades em sua imaginária Macondo: "*o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisa apontar com o dedo*".[14]

Um outro pensador que se propõe a discutir esta temática – Marshall Berman, em "Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade" – afirma que a modernidade na contemporaneidade encontra-se dividida em dois compartimentos distintos de um mesmo processo: modernismo e modernização. Para Berman, o modernismo está ligado à cultura, à arte e à sensibilidade. Enquanto a modernização está ligada ao aspecto econômico e político[15].

Nessa perspectiva, ao falarmos de modernização, estamos abordando um aspecto da modernidade. Modernidade que para Berman transcende as fronteiras geográficas, espalha-se e difunde-se por todas as partes. Entretanto, paradoxalmente, aquilo que parece dar um sentido de unidade, traz uma desestruturação, uma desintegração – cada vez mais presente na contemporaneidade. Assim, para o autor:

---

[13] Esta crítica parcial à teoria elaborada por Anthony Giddens, fundamenta-se principalmente no fato de o autor escrever em "É a modernidade um projeto ocidental?" In: Op. cit., pp. 173-177, que a partir de movimentos culturais são dadas respostas à *radicalização da modernidade* e à globalização. Para Giddens, "*movimentos 'além da modernidade'* ocorrem num sistema global caracterizado por grandes desigualdades de riqueza e poder e não podem deixar de ser por eles afetados." Em outro trecho, o autor afirma que "entramos num período de *alta modernidade*", o que, dessa forma, corrobora a idéia de instituição de uma nova ordem e retorna à problemática de como nomear essa nova ordem. Já em sua obra intitulada *Conversas com Anthony Giddens*: o sentido da modernidade, o autor afirma que "*a expansão do capitalismo, os efeitos transformadores da ciência e da tecnologia e a expansão da democracia de massa*" ainda representam os princípios dinâmicos da modernidade e se apresentam na atualidade. Mas, continua se opondo a definição de pós-modernidade, embora caracterize a contemporaneidade de forma bastante semelhante aos que concordam com o termo pós-moderno. Nestes dois trabalhos citados, o autor deixa de abordar que as características que ele define como inerentes às sociedades modernas estão imbricadas com outros valores e significados de nossa contemporaneidade. Valores esses que autores como Stuart Hall (2000), Steven Connor (1996) e Jean-François Lyotard (2000), entre outros, caracterizam como pertencentes a uma ordem pós-moderna: a fragmentação, as contradições, a relativização e os deslocamentos da identidade; as formas de produção cultural, a performance como forma de arte e cultura; a instituição do saber produzido e consumido como mercadoria e determinante do enriquecimento dos Estados-nações contemporâneos. Grifos nossos.

[14] MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*, 18. ed., tradução de Elaine Zagury. Rio de Janeiro: Editora Record, s. d.., p. 7.

[15] BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar:* a aventura da modernidade, tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 87.

> "*A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e de ideologia: nesse sentido pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e de angústia.*" [16]

Em uma outra obra, "Crítica da modernidade", Alain Touraine faz uma análise quanto à concepção clássica de modernidade. A modernidade seria a rejeição às formas tradicionais sociais e culturais. Uma busca e a construção de um novo homem através do desencantamento, da secularização, da autoridade racional legal e da ética da responsabilidade – conceitos weberianos. "*Um homem e um mundo novos devem ser criados, voltando as costas ao passado, à Idade Média*". O homem não é mais a sua alma, há um afastamento de Deus. O homem é apenas um cidadão em sua utilidade social.[17]

Para Touraine, a modernidade estaria não apenas intrinsecamente ligada à modernização. Mas sobretudo, enfatiza que a modernidade está inseparavelmente relacionada aos aspectos culturais e à transcendência das fronteiras geográficas. Dessa maneira, interagindo com sociedades divergentes e também com suas especificidades. A idéia de modernidade é concretizada e implementada pela ação modernizadora. A idéia de progresso torna-se a forma de produção e trabalho – industrialização, urbanização e extensão da administração pública que transformam a vida moderna.

A modernidade, segundo Touraine, passou de uma concepção de "modernidade triunfante" durante o século XIX, para uma concepção de contradições culturais, fragmentárias no século XX. Na modernidade triunfante do século XIX, vivíamos e pensávamos "*dentro de um modelo da sociedade nacional e de classe*", com o qual havíamos concretizado a expressão da

[16] Idem. Ibidem, p. 15.

modernidade. A modernidade se definia ao mesmo tempo pelo aumento das mudanças, o desenvolvimento da produção, a participação crescente na vida política e a formação de nações e Estados nacionais. [18]

Na modernidade fragmentária e de contradições culturais do século XX, a modernidade se consolida como um modelo pleno, global e ao mesmo tempo cultural. Uma "*modernidade autodestrutiva*". Assim, "*cada fragmento de modernidade traz em si simultaneamente a marca da modernidade e a da sua crise. Em nossa cultura tudo está marcado por essa ambigüidade. Tudo é moderno e antimoderno* (...)". Para Touraine, "*o campo social e cultural no qual vivemos desde o final do século XIX não possui unidade: não constitui uma nova etapa da modernidade, mas sim a sua decomposição*". Uma nova ordem social é instituída: produção e consumo. Uma ordem que possui práticas globais de modernidade no âmbito cultural, social, econômico e político.[19]

Ao analisarmos Giddens, Touraine e Berman, percebemos que as suas concepções teóricas enfatizam a transcendência geográfica da modernidade. Esses autores apontam os aspectos "globalizantes", a quebra das fronteiras na sociedade contemporânea. Os aspetos culturais, sociais, políticos e econômicos são pretensamente universalizantes. Afirmamos pretensamente, pois as sociedades e culturas locais interagem, interferem e ressignificam essas influências. Poderíamos dizer que há uma circularidade. As tradições, os costumes e hábitos locais são modificados e modificam a modernidade, construindo especificidades, evidenciando uma alteridade.

---

[17] TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*, 7. ed. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 38.
[18] Idem. Ibidem, pp.108-109.
[19] Alain Touraine na segunda parte da obra "Crítica da modernidade", intitulada "A modernidade em crise", faz uma discussão sobre a decomposição da modernidade em seu primeiro capítulo, pp. 99-112.

MODERNIDADE E AMBIGÜIDADE: O LOCAL E O GLOBAL

Tentamos expor acima que parte do pensamento contemporâneo referente à modernidade compreende-a como um processo amplo, globalizante e que objetiva uma pretensa homogeneidade das práticas políticas, econômicas, sociais e culturais. No entanto, há um estereótipo instituído sobre as pequenas e médias cidades, especialmente as que possuem populações menores ou que estão em determinadas regiões geográficas – como o interior do Brasil. Nessa concepção, essas cidades não seriam modernas, não estariam no fluxo da modernidade, como se estivessem dissociadas ou desconectadas do resto do mundo.

Ao propormos Clifford Geertz na epígrafe desta introdução, pretendemos afirmar que há histórias divergentes que não dão conta das particularidades, das especificidades de cada sociedade, de cada cultura ou de cada cidade. Como afirma o autor, essas visões sinópticas nos levam à ilusão. Uma ilusão de que em nossas sínteses teóricas conseguimos abarcar todo o mundo em nossa volta e explicá-lo. Nesse contra-fluxo, o nosso trabalho pretende repensar, trazer à tona essas visões de não-modernidade nas pequenas cidades, especificamente em Belo Jardim, e simultaneamente, em uma crítica imanente à modernidade ali instituída, desconstruir como esse moderno também é instituído discursivamente na cidade. Contudo, essa construção através do discurso não contradiz ou invalida a nossa proposta inicial de discutir uma cidade pequena a partir da instituição da modernidade.

O título do nosso trabalho desvela indícios de como pensamos a modernidade neste contexto. Ao sugerirmos "*Um Agreste moderno? Ecos da modernidade e a instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim entre 1953-1978*", pretendemos afirmar que a modernidade instituída em Belo Jardim não possui as mesmas características, não é tão ampla, tão plena como a ocorrida na Europa desde o século XVII e nos Estados Unidos a partir do século XVIII. Mas

sim, afirmar que a modernidade instituída localmente, a partir dos signos modernos globais, é uma modernidade destituída da complexidade das grandes metrópoles, dos grandes centros urbanos – multidão, velocidade, trânsito, grandes transportes públicos, entre outros. Enfim, é bastante imbricada com as práticas tradicionais.

No pensamento de Octavio Ianni, é possível que "(...) *traços e fragmentos de modernidade se encontrem por toda parte na sociedade moderna – **o que pode significar que nos lugares mais óbvios os seus segredos permanecem indecifrados*** (...)"[20]. Nesse sentido, o nosso trabalho visa contribuir para a elucidação do enigma da modernidade em uma pequena cidade. Objetiva decifrar como se institui, pretendendo dessa forma, preencher uma lacuna sobre a instituição dos signos da modernidade no Agreste de Pernambuco. Para Anthony Giddens, "*a modernidade é universalizante não apenas em termos de seu impacto global, mas em termos do conhecimento reflexivo fundamental a seu caráter dinâmico (...) A modernidade é inerentemente globalizante*."[21]

No entanto, antecipando-nos às críticas que possamos sofrer na construção da nossa trama teórica e metodológica, fazemos algumas considerações. Rememoramos que as metrópoles brasileiras no início do século XX têm os seus contextos históricos amplamente abordados em vários trabalhos que se reportam à modernidade no Brasil. Todavia, naquele momento histórico, essas cidades ainda não possuíam a dinâmica moderna atribuída às cidades européias do século XVIII e XIX – entre elas, Paris, Londres e Viena, da mesma forma que as populações das metrópoles brasileiras eram bem menores do que as das metrópoles européias.

Se ao nos referirmos à modernidade em pequenas cidades brasileiras cometemos alguma incoerência teórica como alguns poderiam afirmar, estaríamos negando os próprios pensadores

[20] IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 125. Grifo nosso.
[21] GIDDENS, Anthony. Op. cit., pp. 174,175.

sobre a modernidade que afirmam ser um processo universal, globalizante, que inclui praticamente todo o mundo. E para corroborar essa universalidade dos valores e dos signos modernos, faz-se necessário que esses signos atinjam, penetrem e moldem as mais diversas e remotas sociedades e culturas, em escalas diferenciadas, interagindo com as especificidades locais, influenciando nas relações culturais, sociais políticas e econômicas. Rememoramos as palavras de Anthony Giddens, em sua obra "As conseqüências da modernidade" acerca da repercussão e influência da modernidade:

> "*Em condições de modernidade, o lugar torna-se cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a 'forma visível' do local oculta as relações distanciadas que determinam as suas relações.*"[22]

HISTÓRIA, CIDADE E MODERNIDADE

Em uma sucinta revisão na historiografia brasileira contemporânea, vemos a temática modernidade contemplada nas pesquisas realizadas a partir das grandes cidades, das grandes metrópoles. Em alguns trabalhos apresenta-se como temática principal, objeto central de estudo, em outros, como parte de uma outra temática, de uma outra abordagem. No entanto, também envolvem as práticas, os hábitos e costumes, as representações, as tensões e as transformações trazidas pela busca da modernidade mediante a modernização ocorrida no espaço citadino. São narrativas que abordam as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

[22] Ibidem, p. 27. Grifo nosso.

São vários os trabalhos que se reportam à cidade do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belo Horizonte[23]. Contudo, prevalecem as pesquisas produzidas sobre o Rio de Janeiro e São Paulo que ressaltam, em sua maioria, uma articulação entre essas cidades e as metrópoles européias vistas como um modelo a ser seguido – o modelo da Belle Époque. Uma busca incessante pelo progresso. Para Nicolau Sevcenko,

> (...) *"acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia, onde 'nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa'. A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia."* [24]

Os projetos modernizadores, como também as práticas, costumes e hábitos culturais e sociais modernos das demais capitais brasileiras são descritos em grande parte das pesquisas como inspirados inicialmente no modelo "Rio-São Paulo". Porém, alguns trabalhos realizados nas demais capitais, como Recife e Belo Horizonte, fazem a articulação do modelo local ao atribuído àquelas duas primeiras cidades, sem no entanto, desarticulá-lo do modelo europeu.

A historiografia sobre Pernambuco é constituída por alguns trabalhos dentro dessa temática. Destacamos a pesquisa realizada no início da década passada por Antonio Paulo Rezende,

---

[23] Entre estes trabalhos, destacamos: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi, 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Idem. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999. ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer*: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos*: histórias do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997. SOUZA, Eneida Maria de. (org). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. Esta última obra foi publicada inicialmente em 1925 e narra literariamente o cotidiano da cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX. O autor usa o pseudônimo de Sylvio Floreal, no entanto, seu verdadeiro nome era Domingos Alexandre.

[24] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 29.

intitulada “(Des)encantos modernos: histórias do Recife na década de vinte”. Em seu trabalho, Rezende evidencia as transformações ocorridas nos hábitos e no cotidiano da cidade do Recife. Na rua Nova, localizada na área central, encontravam-se os espaços de sociabilidade de uma parte da população que se espelhava nos modelos europeus – eram os cafés e a própria rua sendo transformada em “passarela” em que desfilava a moda. Com a instituição do cinema, o Recife vê surgir novos hábitos. As sessões à noite eram bastante concorridas. A cidade tornara-se a principal praça cinematográfica no Brasil do início do século XX – nas palavras do autor, uma espécie de “Hollywood brasileira”.

Outros aspectos são contemplados. As obras higienizadoras também modificaram a cidade. A preocupação com as moradias e com a saúde pública é novidade no cotidiano citadino. Há um estranhamento por parte da população com a instituição dos novos hábitos. As obras públicas concretizavam a instituição do moderno na cidade do Recife. Traziam-se engenheiros famosos pelo planejamento e saneamento de outras capitais. Estudavam-se propostas de privatizar os serviços de água, esgotos e obras por serem altos os seus custos. Ampliava-se a distribuição de energia elétrica e explicitamente buscava-se a modernização a cidade:

> *“O discurso da modernização contagia o poder público. (...) Na parte de obras públicas, salientava a adoção de um moderno sistema de construção de pontes de cimento armado, além da ampliação da quantidade de estradas carroçáveis. A preocupação com a higiene dos prédios, com o aumento da rede de iluminação elétrica, a criação da Repartição do Saneamento, sob a orientação do famoso engenheiro Saturnino de Brito, a preocupação com o número insuficiente de escolas, fizeram parte da mensagem. (...) A higiene, as obras de melhorias urbanas, a instrução pública eram preocupações marcantes na mensagem de Manoel Borba.”* [25]

[25] REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos*: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997, pp. 37-38. Neste trecho o autor reporta-se à mensagem do governador de Pernambuco Manoel Borba, em 06/03/1919.

Em outra obra publicada sob o título "A construção da verdade autoritária", Maria das Graças Ataíde de Almeida aponta, especificamente no terceiro capítulo intitulado – "Em nome da modernidade"[26] – uma relação entre a modernização da cidade do Recife e o projeto autoritário durante a Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco. A partir da análise serial do jornal "A Folha da Manhã" e uma ampla coleta de documentos, a autora evidencia a instituição das novas práticas higienizadoras e modernizadoras, inserindo novos hábitos e costumes à população e aos turistas. O aparelho repressor do Estado, bem como a imprensa para-oficial – "A Folha da Manhã" – são os principais instrumentos na consolidação e instituição dessas práticas modernas.

> "*Na tarefa de tornar a cidade bem apresentada, expulsavam-se do centro do Recife os vendedores de víveres e os carregadores de piano. Além desses, uma outra classe de trabalhadores – os engraxates – tinham nas ruas centrais sua clientela predileta: 'os cavaleiros calçados'. A Fôlha da Manhã, numa campanha violenta, investiu contra os mesmos, sendo a polícia, mais uma vez, apresentada como solução para acabar com a miséria exposta na rua, miséria identificada por meio da figura do engraxate, que tomava conta das calçadas principais da cidade de Recife. (...) Mas o que tornava esta situação mais escandalosa era o fato de que um dos locais escolhidos pelos engraxates ficava à frente do ponto principal da cidade: a Confeitaria Cristal" (...)* [27]

A autora também evidencia as transformações urbanísticas mediante a narrativa das demolições de casas e prédios antigos que dão lugar não apenas às novas residências, mas principalmente às novas ruas, avenidas e praças. A erradicação dos mocambos, dando lugar às vilas operárias, das lavadeiras, costureiras, eram ações associadas à higienização[28]. Buscava-se evidenciar, na análise da autora, as categorias da modernidade – progresso e beleza. As mudanças

[26] ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, pp. 125-162.
[27] Idem. Ibidem, p. 146.
[28] Essas ações higienizadoras de criação das vilas para os trabalhadores durante a interventoria de Agamenon Magalhães, narradas por ALMEIDA (2001), p. 129, ocorrem de maneira semelhante no início da década de vinte

de hábitos também são abordadas, através das diferentes formas e representações que compõem o imaginário social. A dicotomia entre o carnaval da elite no espaço dos clubes, e o "*carnaval do povo*" nas ruas também são enfocados. A tentativa de instituição do "*novo carnaval*" com ordem, higiene e moral é vista como decorrente do ideário estadonovista.

Ao repaginar a historiografia contemporânea sobre Pernambuco, deparamo-nos com um silêncio. Há uma lacuna de narrativas sobre as pequenas cidades do interior acerca da temática cidade e modernidade. Na tentativa de "dar voz", de produzir uma fala a essas páginas silenciosas, inserimos nosso estudo sobre a cidade de Belo Jardim. Partimos, dessa forma, dos pressupostos teóricos relacionados à modernidade a partir das suas práticas universalizadas. Nesse sentido, buscamos compreender como a cidade está articulada a esse processo. Partindo da observação da contemporaneidade citadina, percebemos indícios dessa conexão. Entretanto, os hábitos locais também se apresentam imbricados aos valores e às instituições encontradas nos referenciais teóricos da modernidade.

Dentro dessa perspectiva modernizadora, a cidade de Belo Jardim estaria conectada aos acontecimentos ocorridos em outras partes do mundo, irradiados pelas grandes metrópoles. Nosso ponto de partida é a fragmentação da modernidade que perpassa as sociedades modernas, especialmente as cidades como espaço de fixação e influência das instituições modernas – lugar por excelência da modernidade. Para Octavio Ianni,

> "*É desde a grande cidade que se difundem a modernidade e pós-modernidade, como estilos de vida ou visões do mundo. São as luzes da cidade que iluminam praticamente todas as partes do mundo. Quando se fala em modernidade e pós-modernidade, tendo-se em conta o local, o nacional, o regional e o mundial, não se pode esquecer que uma e outra modulações ressoam desde a grande cidade. É aí que se radicam as relações, os processos, as estruturas que organizam, movimentam e transformam o mundo.*"[29]

---

como descreve REZENDE (1997), pp. 38-39, durante a inauguração de uma vila operária no governo do prefeito Lima Castro em 1921.

[29] IANNI, Octavio. Op. cit., p. 135. Nesta obra, enfatizamos o pensamento construído pelo autor em dois capítulos denominados "metamorfoses do novo mundo" e "cidade e modernidade". Neles, aborda as inquietações acerca da

Deste modo, a cidade de Belo Jardim estaria inserida na órbita modernizadora da cidade do Recife. E no intuito de desvelar as aparentes contradições, os descompassos na instituição dos signos modernos e suas articulações discursivas, passamos à coletânea e análise das fontes. As ambigüidades entre os registros encontrados e a contemporaneidade da cidade nos levou a fragmentar o nosso trabalho em três principais eixos: urbanização e práticas sociais, futebol e industrialização.

No primeiro capítulo – "Urbanização e práticas sociais: a instituição do moderno em um Belo Jardim" – buscamos abordar como a cidade interage e como repercutem as modificações realizadas em seu traçado urbano, a construção da barragem do Bitury como uma obra estruturadora, o surgimento de novos espaços de sociabilidade e de novas práticas sociais. Tentamos perseguir o descompasso entre a modernidade desejada, a realidade representada nos documentos e as tradições inventadas, como também a tensão entre a repetição dos hábitos e costumes e a instituição do novo na cidade de Belo Jardim. Descompasso esse, abordado a partir da análise de periódicos que representam esse momento vivido de transformações.

Procuramos então desvelar algumas ambigüidades do moderno, as práticas que representavam o "atraso", aquilo que deveria ser transformado. Assim, não privilegiamos apenas as modificações do traçado urbano e as novas construções. Mas principalmente, o desejo das transformações no cotidiano mediante a instituição de novos signos e de novas práticas. Práticas que se imbricam às representações da tradição, quer seja no respeito às práticas religiosas católicas, quer seja nas relações de sociabilidade.

Ao ampliarmos a pesquisa e a análise das fontes coletadas, chamou-nos a atenção os registros em relação a um outro signo moderno. Mediante as análises documentais realizadas nos

---

temática e consolida a idéia de que a modernidade é um processo civilizador universal como modo de ser, pensar, sentir, agir e compreender o mundo, como também de ser a cidade o lugar de sua instituição, aprofundamento,

jornais – *Diário de Pernambuco* e *A Vanguarda*, de Caruaru – observamos a constante representação da cidade a partir da prática esportiva. O futebol aparece como um esporte e lazer que se prolifera na cidade e na região. Com o objetivo de reconstituir historiograficamente essas práticas, é que construímos o segundo capítulo – "Futebolidade: histórias do futebol e da modernidade na cidade de Belo Jardim". Tal construção foi possibilitada a partir das reportagens dos jornais arquivados e catalogados na coleção "Jornalista Bartolomeu Marinho"[30], localizada no Laboratório de História da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim – FABEJA, como também através das fotografias coletadas e a transcrição de entrevistas.

Ao percorrermos a representação da cidade através das práticas esportivas e de lazer registradas nos periódicos, encontramos indícios de como esses acontecimentos repercutiram na sociedade local. Podemos analisar como a criação da Liga Desportiva Belojardinense filiada à Federação Pernambucana de Futebol – FPF – em 1960, evidenciava a importância dada aquele esporte na cidade que é corroborada pela existência de apenas oito Ligas Desportivas filiadas à FPF: Caruaru, Limoeiro, Garanhuns, Pesqueira, Escada, Igarassu, *Belo Jardim* e Barreiros[31].

Nessa perspectiva, observamos a instituição da prática do futebol na cidade de Belo Jardim. Os grandes públicos eram registrados pela imprensa local. A disputa dos campeonatos oficiais da cidade se espalhava por cidades vizinhas como São Bento do Una, Tacaimbó e Sanharó que mantinham representantes no certame belojardinense de futebol. Também era registrado o

---

transformação e propagação.

[30] Ao jornalista Bartolomeu Marinho deve-se a gratidão pelo cuidado incomum em zelar e guardar boa parte da memória da cidade de Belo Jardim a partir dos anos de 1960 através da coletânea das reportagens publicadas sobre a cidade no jornal *Diário de Pernambuco*, catalogadas, arquivadas e gentilmente cedidas ao Laboratório de História da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim - FABEJA.

[31] Cf. "Campeonato das Ligas: perspectiva de progresso para o futebol interiorano". In: Diário de Pernambuco, Recife, 1960.

entusiasmo da torcida durante as disputas intermunicipais. Todos esses registros desvelavam indícios[32] para aprofundarmos as nossas pesquisas.

No terceiro capítulo – "Entre a fala e o imaginário: uma modernidade discursiva e a (des)construção da 'vocação' industrial" – construímos uma narrativa a respeito do imaginário e do discurso sobre o moderno em Belo Jardim. As fotografias, os discursos políticos, as reportagens e entrevistas registrados nos periódicos, na Assembléia Legislativa de Pernambuco mostram a construção e a instituição de uma modernidade discursiva, a partir uma "vontade de verdade"[33]. A cidade passa também a ser construída discursivamente, surgindo como a "cidade da vocação industrial"[34] afinada e alinhada com o ritmo do progresso.

Entre as fontes privilegiadas nesta pesquisa, destacamos: fotografias, entrevistas, livros de Leis e Decretos municipais de Belo Jardim, Anuários Estatísticos do IBGE, dados coletados junto ao CONDEPE, discursos políticos, livros e jornais. Como já destacamos, essas fontes apontam para a instituição da modernidade a partir dos seus signos na cidade de Belo Jardim. Há ainda a consolidação e a expansão da indústria de acumuladores Moura que se tornaria, décadas mais tarde, um dos maiores fabricantes do seu segmento de baterias para a indústria automobilística leve e pesada, como também para o setor de telefonia fixa e móvel na América Latina –

---

[32] Sobre a observação dos indícios como metodologia para a pesquisa histórica ver o método indiciário em "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história, tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.

[33] FOUCUALT, Michel. *A ordem do discurso*, 5. ed., Tradução de Laura de Almeida Fraga. São Paulo: Edições Loyola, 1999. pp. 8-17. Para Foucault, a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída mediante certos procedimentos que visam controlar os seus poderes e perigos. Visam dominar os acontecimentos aleatórios e esquivá-lo da materialidade. O discurso apresenta-se controlado por "sistemas de exclusão". Dentre eles, inclui a "vontade de verdade". Foucault analisa esse procedimento discursivo debatido desde a Grécia Antiga. Afirma que ele objetiva inferir ao discurso uma "vontade de verdade" em sua intrínseca separação entre o verdadeiro e o falso. Conotando, dessa maneira, um desejo de atribuição e apropriação da verdade. Neste sentido, o discurso "apóia-se em um suporte institucional" por um conjunto de práticas como "o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje." Entretanto, essas práticas são reconduzidas, segundo o autor, "pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído e de certo modo atribuído."

[34] "Galvão impulsiona Belo Jardim para o seu destino industrial". In: Diário de Pernambuco, Caderno Especial, Recife, 13.09.1978, pp. 6-7. Nessa reportagem há uma entrevista concedida pelo então prefeito do município de Belo Jardim – Sr. Fábio Galvão – em que ele afirma acreditar na vocação e no destino industrial da cidade.

exportando sua produção para vários países e fornecendo diretamente para diversos fabricantes automobilísticos e para operadoras de instaladas no Brasil – Volkswagen, FIAT, Ford, Mercedes-Benz, Renault, TIM, Claro, Telemar.

Essas fontes registram também a modificação do espaço urbano da cidade: a construção e as reformas de matadouros públicos, abertura de ruas, avenidas e praças, entre outros signos que objetivam instituir normas higienizadoras, estabelecer comportamentos e o embelezamento da cidade em uma perspectiva de progresso. Dessa maneira, através da modernização, esses signos instituem um caleidoscópio da modernidade na cidade de Belo Jardim.

Enfim, neste trabalho pretendemos a construção de uma trama acerca da modernidade e da sua ambigüidade na cidade de Belo Jardim. Uma trama, pois como aponta Paul Veyne:

> "*Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamamos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco 'científica' de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa."*[35]

Essa modernidade institui-se nas práticas cotidianas, nas obras estruturadoras, nas desapropriações de imóveis, na construção e pavimentação de ruas e praças, nas festas e nos espaços de sociabilidade. Há uma modernidade e uma ambigüidade que são construídas na contradição entre a modernidade desejada e a realidade que nem sempre conseguia instituí-la, nas imbricações entre o moderno e o tradicional. Como também, nas disputas futebolísticas que instituíam o esporte como prática no espaço citadino, na industrialização, na representação da discursividade sobre o moderno e na desconstrução de uma não-modernidade em um Belo Jardim.

---

[35] VEYNE, Paul. *Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história*. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 42.

CAPÍTULO I

URBANIZAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS:
A instituição do moderno em um Belo Jardim

"A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens." [36]

Antonio Paulo Rezende, Desencantos modernos.

1.1 – CONCRETIZANDO UM SONHO, INSTITUINDO O MODERNO

A modernidade em Belo Jardim toma impulso a partir da década de 1950 e se estende pelas décadas seguintes. A cidade assiste à instituição e à consolidação dos signos modernos que elegemos objeto de nossa análise – indústria, futebol e urbanização. A barragem do Rio Bitury tem suas obras iniciadas no ano de 1957. A fábrica de baterias Moura inicia as atividades nesse mesmo ano. O primeiro campeonato de futebol da cidade de Belo Jardim acontece em 1960. Há significativas intervenções urbanísticas na primeira metade da década de 1950. E durante os governos dos prefeitos Artur Paes de Carvalho Barros, entre 1947-1951 e 1955-1959, Arnaldo Barbosa Maciel, entre 1952-1954 e 1960-1963, e Júlio Alves de Lira, entre 1964-1968, realizam-se o calçamento, pavimentação e o alargamento das principais ruas, assim como a reforma das principais praças, construção de matadouro público, dentre outras modificações no espaço urbano do citadino.

[36] REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos Modernos*: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

O lançamento da pedra fundamental da barragem do Bitury dá-se em 3 de julho de 1957[37]. É projetada para prover abastecimento d'água da cidade de Belo Jardim e de mais cinco municípios circunvizinhos – São Bento do Una, Cachoeirinha, Sanharó, Tacaimbó e Lajedo. Essa construção tem um significado simbólico para a cidade – é a instituição dos signos modernos. Signos que se inserem no cotidiano da cidade e constroem um imaginário de desenvolvimento, de busca pelo moderno, pelo novo. A construção da barragem tem a sua imagem ligada à idéia de progresso.

Ilustração 1 – Obras da barragem no rio Bitury na cidade de Belo Jardim

Na foto acima, vemos as obras dessa construção. Observamos o local em que o leito do rio é represado e formaria o lago da barragem. Vemos ainda, o paredão de terra que logo seria construído em concreto e sobre esse paredão, encontra-se um automóvel. A nossa atenção volta-se, então, para esse despretensioso veículo. O que faria um automóvel no final da década de 1950

[37] Cf. Lei Municipal nº 16, do município de Belo Jardim, de 31 de outubro de 1957, registrada à folha nº 115 do

em um local de difícil acesso? Estaria por acaso nessa fotografia? Boris Kossoy ao analisar a utilização da fotografia como fonte na pesquisa histórica afirma que:

> *"Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual onde se pode detectar – tal como ocorre nos documentos escritos – não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela linguagem escrita da história. Por outro lado, apesar de sua aparente credibilidade, nelas também ocorrem manipulações de toda ordem... assim como o intrigante dado de ambigüidade que lhes é peculiar."*[38]

Um efeito de realidade é construído pela fotografia, uma concepção sígnica variável da realidade, uma segunda realidade[39]. Todavia esse cenário registrado e perpetuado como memória do passado, pode a partir da "aparente credibilidade" constituir uma manipulação do real, uma espécie de maquiagem do cenário que se encontra congelado pelo registro fotográfico.

A fotografia anterior nos parece impactante, cria um outro contexto dentro de um real, reproduz uma imagem de desenvolvimento. Representa a criação de um testemunho a partir de uma imagem congelada que busca representar o passado através do seu registro. Dois signos modernos se evidenciam nessa fotografia, passam quase despercebidos se focarmos nossa atenção apenas para as personagens fotografadas: a construção de uma grande obra estruturadora – a barragem – e a presença de um automóvel na década de 1950.

Livro de Leis e Atos Municipais de 1957. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

[38] KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 99.

[39] Sobre a análise fotográfica como efeito de realidade, ler: CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. *História e imagem*: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 401-417. Nesse trabalho, os autores discutem a fotografia como signos e ícones, como textos que veiculam mensagens. Afirmam que o efeito

O momento histórico dessa fotografia é revelador, pois é nesse período do governo JK que se incentiva a instalação de fábricas automotivas no país. A cidade de Belo Jardim estaria dessa forma "sintonizada" com o moderno, com o novo, com as transformações modernizadoras que se implementam no país naquele momento. A modernidade é construída a partir dos símbolos e dos signos que modificam as práticas e permeiam o imaginário citadino. Institui-se uma construção imaginária de uma cidade voltada para o progresso, para o desenvolvimento. Nesse sentido, os signos modernos são os símbolos que sustentam essa construção imaginária. Há uma necessidade de sustentação simbólica para o imaginário existir. Nesse relação entre imaginário e simbólico, Castoriadis afirma que:

> *"As profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário aparecem imediatamente se refletirmos sobre o seguinte fato: o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para 'exprimir-se', o que é óbvio, mas para 'existir', para passar do virtual a qualquer coisa mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de 'imagens' mas estas 'imagens' lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas, também inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é."* [40]

A barragem do Bitury é um dos símbolos da instituição da modernidade na cidade de Belo Jardim. A partir da sua construção, a cidade tem uma maior visibilidade e importância na região do Vale do Ipojuca. A oferta de água é fundamental nessa nova construção imaginária acerca da cidade. Belo Jardim passa a ser referência ao distribuir água para outras cidades vizinhas. A reportagem abaixo registra parte do contexto histórico vivido naquele instante:

---

de realidade construído pela fotografia é uma relação semiótica entre o mundo exterior e esse texto, no caso a fotografia, sendo uma concepção culturalmente variável da realidade.

[40] CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*, tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982, p. 154.

> *"Por falar em água, o engenheiro Rubem de Barros Correia, em declarações prestadas ao colunista informou que está quebrando lanças no sentido de levar água do Açude Bitury para a cidade de São Bento do Una. Disse o engenheiro belojardinense, que o empenho é tremendo para a concretização da obra que se verificará com o término da construção da Adutora. Assim, contendo com a ajuda do govêrno federal o povo sãobentense será beneficiado dentro em breve da tão importante empreendimento."*[41]

No trecho acima, vemos uma fala acerca do fornecimento de água potável da barragem do Bitury até a cidade vizinha de São Bento do Una, distante cerca de 20 Km. Essa polarização no abastecimento d'água da região é fundamental para a afirmação regional de Belo Jardim. A abundante oferta de água seria a base para a industrialização da cidade que trataremos no segundo capítulo. Essa industrialização consolidaria a posição hegemônica da cidade de Belo Jardim no final da década de 1960.

1.2 – AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA DÉCADA DE 1950

A década de 1950 é marcada pelo início das transformações que traduzem as mudanças no traçado urbano da cidade de Belo Jardim. Os prefeitos Artur Paes de Carvalho Barros[42] (1947-1951 e 1955-1959) e Arnaldo Barbosa Maciel[43] (1952-1954), revezaram-se no governo da cidade por toda a década.

[41] MARINHO, Bartolomeu. "Água para São Bento do Una". *Vanguarda*, 1963.
[42] Sobre Artur Paes de Carvalho Barros, o seu primeiro mandato foi entre 1937 e 1944. Foi interventor na cidade de Belo Jardim, nomeado por Agamenon Magalhães durante o Estado Novo implementado por Getúlio Vargas. Substitui ao prefeito deposto Pedro Moura Júnior, pai de Edson Mororó Moura que mais tarde fundaria a Indústria de Acumuladores Moura.
[43] Sobre Arnaldo Barbosa Maciel, teve o seu primeiro mandato foi entre 1952 e 1954. O seu segundo mandato foi entre 1960 e 1963.

Ilustração 2 – Calçamento da rua Valdemar de Lima em 1953

Nesse sentido, são inúmeras as intervenções realizadas na cidade. O calçamento da rua Valdemar de Lima no ano de 1953, mostrada na fotografia anterior, evidencia uma das faces das modificações urbanísticas sofridas pela cidade. Durante o segundo mandato de Arnaldo Barbosa Maciel outras obras trariam essas mudanças. Um ano antes, seria concluída a Praça Desembargador João Paes, iniciada no governo anterior, mediante um crédito especial de Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros).

Todavia, é a partir da segunda metade da década de 1950 que se intensificam as transformações. Aquele período foi marcado pelas desapropriações de terrenos e casas durante o terceiro governo do prefeito Artur Paes de Carvalho Barros, entre 1955 e 1959[44]. Nessa gestão foi adquirido o terreno em que na década seguinte se daria a construção do Hospital Municipal. Para tanto, foram desapropriadas “por utilidade pública” inúmeras casas que ficavam na localidade conhecida como Rua das Mágoas. Embora, não tivesse oficialmente esse nome, era dessa forma

popularmente conhecida, conforme descrito na Lei[45] que autorizava a desapropriação e confirmado em entrevista concedida pela Sra. Dulce Ramos.[46]

Dois anos antes, em 1956, ocorrera a desapropriação dos terrenos em que seria construído o Campo de Aviação do município. A indenização se daria através de um crédito especial por conta de saldos orçamentários do exercício de 1957. Os 27,6 hectares localizados na área suburbana da cidade, atualmente às margens da rodovia BR – 232, foram adquiridos pelo valor de Cr$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) a serem pagos aos proprietários Macário Machado, Maria dos Anjos Almeida e Maria Mariano de Almeida.[47] Antes de passar o cargo para o seu sucessor, Arnaldo Barbosa Maciel que concluiria o Campo de Aviação, o prefeito Artur Paes de Barros Carvalho inaugura o Campo de Pouso em 21 de abril de 1959. As despesas foram custeadas através de um crédito especial decretado pela Câmara Municipal e sancionado pelo próprio prefeito.[48]

Em 1958, inicia-se a construção do Fórum da cidade de Belo Jardim. Primeiramente, é firmado um convênio com o governo do Estado de Pernambuco, a quem caberá a construção. Em 20 de maio daquele ano, desapropria-se um terreno localizado na Rua Geminiano Maciel, situada paralelamente à Rua Siqueira Campos através de Lei Municipal nº 40[49]. Em seguida, complementa-se o crédito especial aberto no valor de Cr$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros),

---

[44] Adalberto Jordão, Op. cit., pp. 212-216.
[45] Cf. Lei Municipal nº 32, Ato nº 16, do município de Belo Jardim, de 15 de março de 1958, registrada à folha nº 139 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1958. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[46] Dulce Ramos, é professora aposentada pela Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim. Lecionou nas escolas da rede pública da cidade de Belo Jardim durante as décadas de , residindo atualmente no centro de Belo Jardim.
[47] Cf. Lei Municipal nº 24, do município de Belo Jardim, de 17 de dezembro de 1957, registrada à folha nº 132 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1959. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[48] Cf. Lei Municipal nº 79, Ato nº 110, do município de Belo Jardim, de 09 de junho de 1959, registrada à folha nº 184 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1959. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[49] Cf. Lei Municipal nº 52, Ato nº 46, do município de Belo Jardim, de 19 de setembro de 1959, registrada à folha nº 149 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1958. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

com uma parcela correspondente a 50% daquele valor, através da aprovação da Lei Municipal nº 44, assinada em 31 de maio de 1958.[50]

Os exemplos acima citados trazem pistas, indícios, emitem sinais dessas transformações na configuração urbana. As desapropriações, como já frisamos, são uma marca da década de 1950 na cidade de Belo Jardim. Uma tentativa de dotar a cidade da infra-estrutura necessária às mudanças ocorridas na sociedade local naquele momento. Os Livros de registro de Leis e Atos Municipais daqueles anos trazem indícios de como essas transformações do cenário urbano atingiam a cidade. Intervia-se não somente nas ruas centrais da cidade. Em setembro de 1958, vemos a desapropriação de uma casa localizada na rua 1º de janeiro, no bairro de São Pedro, fora do centro da cidade, a fim de melhorar o fluxo no citado bairro. As mudanças do traçado urbano se espalhava pelos desvãos da cidade.[51]

Nos registros encontrados nos documentos há sinais de uma ambigüidade na construção da modernidade. Desapropriava-se e auxiliava-se financeiramente tanto para construir o moderno quanto para construir e reconstruir o tradicional. Essa ambigüidade também ocorria nas desapropriações de imóveis para atender a Igreja Católica[52]. Pode ser observada uma imbricação entre o tradicional e moderno mediante os "*prédios desapropriados para o fim de possibilitar o prolongamento pôr reconstrução da Matriz local*."[53] Dois anos depois, a prefeitura doava a quantia de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), "*em auxílio na construção de uma capela no local*

[50] Cf. Lei Municipal nº 44, do município de Belo Jardim, de 31 de maio de 1958, registrada à folha nº 149 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1958. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[51] Cf. Lei Municipal nº 55, do município de Belo Jardim, de 19 de setembro de 1958, registrada à folha nº 150 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1958. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[52] Cf. Lei Municipal nº 24, do município de Belo Jardim, de 17 de dezembro de 1957, registrada à folha nº 184 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1959. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[53] Cf. Lei Municipal nº 23, do município de Belo Jardim, de 17 de dezembro de 1957, registrada à folha nº 184 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1959. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

denominado Sítio Campo Novo, neste município." [54] O tradicional representado pela Igreja Católica era (re)construído no mesmo tempo em que ocorriam outras transformações urbanas que representavam o novo e o moderno.

Essa imbricação entre o tradicional e o moderno, aponta como torna-se difícil a sua dissociação. A apropriação do moderno pelo tradicional, a roupagem com que o arcaico se reveste do novo, confunde, cristaliza uma espécie de amálgama entre ambos. Constrói um espaço em que o tradicional se disfarça, mascara-se, cria uma espécie de esconderijo, labirinto a ser percorrido pelo historiador. Nesse sentido, "a velocidade das mudanças torna, muitas vezes, o que era moderno, em mais um refúgio do tradicional".[55] Torna-se complexo o discernimento do que é moderno e o que é tradicional nessa cristalização, nesse emaranhado de significados e significantes.

1.3 – NOVOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE: O ABRIGO DE "ZÉ RAMOS" E OS CINEMAS

As modificações no espaço urbano realizadas durante a década de 1950 interferiam no cotidiano da cidade de Belo Jardim. Naquele período, vemos as práticas do cotidiano serem modificadas. A modernização do espaço público constrói novos espaços de sociabilidade. Os moradores passam a freqüentar esses locais. Em 1953, é construído o "Abrigo de Zé Ramos", como era conhecido o Abrigo Monte Carlo e sua inauguração se daria no início de 1954. As linhas inovadoras de sua arquitetura se destacavam das demais construções do local. Atraía as pessoas, transformara-se num ponto de encontro, era o local em que as pessoas iam conversar,

[54] Cf. Lei Municipal nº 82, Ato nº 112, do município de Belo Jardim, de 09 de junho de 1959, registrada à folha nº 184 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1959. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

"bater papo", saber as novidades, os mais recentes acontecimentos da cidade. E também era o espaço para um café, uma bebida, um almoço. Enfim, um novo espaço de convivência.

O "Abrigo de Zé Ramos" era uma construção composta por dois pavimentos em formato de polígono, localizado na Praça Joaquim Soares no centro da cidade, próximo ao Cine Teatro São Jorge. Para esse novo local, convergiam as pessoas mais influentes na cidade, como políticos, profissionais liberais e empresários. Há uma imbricação entre cotidiano e masculinidade denunciada pela presença do jogo e pela ausência de um público feminino. Uma espécie de código em que o tradicional se reveste de moderno. Não se percebe a presença feminina entre os freqüentadores desse espaço, como aponta Adalberto Jordão da Silva:

> *"Em dia de festa ou finais de semana era o ponto preferido por jovens e adultos da alta sociedade, que para ele se dirigiam, para almoçar, beber ou conversar. Os fregueses mais exigentes preferiam subir por sua escada circular, para ocupar as mesas localizadas na sacada do primeiro andar, outros, as localizadas no térreo, ou mesmo preferindo debruçarem-se sobre seu elegante balcão (...) Em qualquer lugar onde o freguês se acomodasse ficava bem. O importante era beber, almoçar ou conversar ali. Suas dependências ficavam repletas de fregueses bem vestidos, com os mais idosos muitas vezes ostentando seus elegantes ternos de linho, chapéus Prada ou Ramezzoni e charutos importados."*[56]

Em outros relatos da narrativa de Adalberto Jordão, há também a movimentação do local. Nos finais de semana e em dias de festa, o "*sobe e desce*" das escadas era constante. Vemos a presença dos "*jovens e adultos da alta sociedade*" de Belo Jardim. No entanto, a imbricação entre o moderno e o tradicional novamente chama a nossa atenção. Não percebemos nos relatos daquele pesquisador, a presença do público feminino no "Abrigo de Zé Ramos". A presença feminina é contemplada na sua narrativa, apenas pela sua esposa, D. Quitéria e sua filha Maria José. Durante a semana, o local era freqüentado pelas pessoas mais simples, como nos sugere a

---

[55] REZENDE, Antonio Paulo. *Op. cit.*, p. 25.
[56] SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. *Belo Jardim*: história, cultura e recursos naturais. Recife: O autor, 2001.

fotografia abaixo na década de 1950.[57] E os relatos narrados na obra de Adalberto Jordão da Silva. Nesses dias, tomava-se caldo de cana e à noite jogava-se numa sala reservada no primeiro andar até altas horas da madrugada.

Ilustração 3 – O Abrigo de "Zé Ramos" na década de 1950

O cotidiano citadino era perpassado pelas novidades que atraíam uma parcela da população. Outros espaços de sociabilidade viviam naquela década uma efervescência, modificava a rotina daquela época. O Cine Teatro São Jorge, também de propriedade de "Zé Ramos", que aparece ao fundo na foto acima, era bastante freqüentado. O cinema mantinha um serviço de alto-falantes que anunciava os filmes em exibição, como também realizava as propagandas, os anúncios comerciais.

[57] SILVA. Adalberto Jordão da. Op. cit., pp. 266-270.

Um dos locutores desse alto-falante nos anos 50 – Bartolomeu Marinho – relata-nos que fazia os cartazes com as "chamadas dos filmes" escritos à mão em letras grandes. Rememora como se dava aqueles anúncios realizados através do sistema de som do cinema,

> *"No cinema de 'Zé Ramos', a gente tinha um horário à noite, de 6 horas às 7 horas, porque 7 horas começava a benção. E nesse serviço de alto-falantes, o som ia direto para a Praça da Conceição onde fica a Igreja Matriz. Aí se eu deixasse o alto-falante ligado ia penetrar dentro da Igreja. Então, em respeito à religião católica a gente parava o som às 7 horas da noite. Era de 6 às 7. Todas as noite entrava no serviço de alto-falante do Cine Teatro São Jorge."*[58]

Há uma separação entre o tempo da Igreja e o tempo da cidade, entre o tempo do sagrado e do profano. As práticas demonstram um espaço citadino ainda não laicizado totalmente. Uma tensão entre o moderno e o tradicional em que o tempo da Igreja normatiza, regula o tempo e o ritmo das transformações modernizadoras. Quando Bartolomeu Marinho diz que "*em respeito à religião católica a gente parava o som às 7 horas da noite*", sinaliza que não havia uma ampla secularização das práticas.

Bartolomeu Marinho relata-nos uma outra face acerca da locução que realizava no cinema de "Zé Ramos". Havia patrocinadores, anunciantes que pagavam uma taxa para veicular as suas mensagens. No contrato verbal que mantinha com o proprietário do cinema, Bartolomeu Marinho recebia trezentos mil cruzeiros para fazer os cartazes e a locução, além do recebimento das taxas das propagandas. No entanto, fazia parte do acordo não receber os valores relativos às notas fúnebres – falecimento, missa de sétimo dia. Pois, o proprietário "era político e aí ele podia arrumar votos com isso. Cobrava ou não cobrava, dependendo da pessoa que morresse". [59]

[58] Trecho da entrevista concedida por Bartolomeu Marinho em 13.02.2004.
[59] Ibidem.

Entretanto, existiam outros cinemas. Muitos outros. Os cinemas haviam se proliferado pela cidade. Nas reminiscências de Bartolomeu Marinho, O Cine Guarani, em frente à sua casa na Rua João Pessoa, fora um dos principais de sua infância. Nele, assistia aos

> *"seriados de Capitão Marvel, Flash Gordon conquistando o mundo, né. Aqueles filmes interplanetários que começavam a surgir e ninguém nem sabia que poderia haver viagens interplanetárias. E naquela época os americanos já começaram a fazer aqueles filmes de Flash Gordon, Capitão Marvel".*[60]

Havia ainda, o Cine Teatro Brasília, local onde hoje funciona um supermercado, que era de propriedade do "Sr. Arcanjo". Nesse espaço também eram realizados shows. Era a época das revistas de rádio. Os programas de rádio faziam sucesso nas grandes cidades e repercutiam na cidade de Belo Jardim, cuja primeira rádio surge apenas em 1958 – Rádio Bitury. Essas novidades trazidas das grandes cidades – principalmente do Recife, pela sua proximidade – quebravam o cotidiano e construíam um outro.

Bartolomeu Marinho rememora com riqueza de detalhes um desses shows que ele mesmo trouxe à cidade para ser apresentado no Cine Teatro Brasília cujo dono era grande amigo do seu pai:

> *"(...) E ele tinha uma grande consideração ao meu pai. E ele uma vez sentado, eu disse: 'Arcanjo, **eu vou trazer um show do Recife, da Rádio Clube para apresentar**'. Aí, isso era um dia de segunda-feira à noite, quer dizer, uma data muito bonita para se fazer um show. E nesse dia, ele disse: 'Não, pra você eu faço'. 'Quanto é'?. Ele disse: 'Você paga quanto quiser'. (...) Aí ele disse: 'Só confio em você, porque antes era um show de Teixeirinha, aquele cantor gaúcho. Fizeram um show de Teixeirinha e quebraram muitas cadeiras'. Aí eu disse: 'Dessa vez não vai haver isso não'. Dessa vez deu tudo certinho. **Eu levei Lacerdinha, levei Eunice Paiva, as atrações da época. Levei aquele do pandeiro... Martins do Pandeiro... Norma Nery, era uma cantora muito conhecida na Rádio Clube de Pernambuco, no âmbito radiofônico do Recife.** E resultado, esse show quando faltava uma hora pra o show começar, faltou energia em toda a cidade. E quase tive um prejuízo*

[60] Ibidem.

imenso. Mas, já faltando dez minutos pra hora que eu tinha marcado pra começar o show, foi que a energia voltou. Salvou o espetáculo, deu pra pagar os artistas e paguei também para ele."[61]

No trecho da entrevista acima, percebemos algumas mudanças nas práticas daquele período em Belo Jardim. As atrações trazidas em uma segunda-feira à noite conseguiram mobilizar o público da cidade. Há a presença do novo, aqui representado pelo espetáculo trazido da grande cidade, pela aglomeração de pessoas em um ambiente fechado em uma nova prática de sociabilidade – assistir a um show dos "cantores de rádio" ao vivo. Os programas de auditório eram as principais atrações das rádios naquele momento, posteriormente seriam a sensação da programação da Rádio Bitury recentemente inaugurada.

1.4 – AS OBRAS DO GOVERNO JÚLIO ALVES

Na primeira metade da década de 1960, a imprensa local registrava um grande número de obras realizadas durante o governo do prefeito Júlio Alves. Vemos, além do calçamento da rua Siqueira Campos, a construção do matadouro público, a reforma da Praça da Conceição, localizada em frente à Igreja da Matriz, com sua fonte luminosa no centro da cidade. A abertura e o alargamento de ruas e demolições de prédios nas ruas Agamenon Magalhães, Dom Luiz, Vila Salvador e Geminiano Maciel, todas próximas ao centro da cidade.[62]

A "Coluna Belojardinense" publicada semanalmente no jornal "Vanguarda", da cidade de Caruaru, igualmente registrava as realizações durante o governo do prefeito de Belo Jardim – Júlio Alves de Lira. Na ocasião, o jornalista escrevia com entusiasmo acerca das obras em

[61] Ibidem. Grifo nosso.
[62] *O Líder*, Belo Jardim, 02.08.1964, ano I, n.º 1, p. 6.

andamento na praça da Conceição. Ressaltava-a como uma das grandes metas do governo de Júlio Alves e antes mesmo da conclusão da reforma, enaltecia a "visão excelente" que teria quando a praça estivesse concluída:

> *De acôrdo com as declarações prestadas ao colunista pelo prefeito Júlio Alves, dentro de mais 60 dias será inaugurada a nova Praça da Conceição, uma das grandes metas do atual governo municipal. Quem visita a terra do Bitury, já vê o nôvo aspecto da praça que começa a dar uma visão excelente do que será quando estiver concluída. Segundo os cálculos do edil belojardinense serão gastos mais de 3 milhões de cruzeiros, para a concretização da obra."*[63]

A inauguração das obras realizadas na praça da Conceição aconteceu em clima de festa. O governador do Estado de Pernambuco, Paulo Pessoa Guerra, fez-se presente às solenidades que transcorreram durante dois dias. No sábado, ocorreu um almoço no Inhumas Tênis Clube – ITEC – com a presença de diversas autoridades e convidados. Além do governador do Estado e do prefeito de Belo Jardim, participaram o juiz de Direito da Comarca, Dr. Benildes de Sousa Ribeiro, o bispo da Diocese de Pesqueira, Dom Severino Mariano de Aguiar que discursaram destacando a administração do prefeito Júlio Alves de Lira.[64]

As festividades continuaram durante o domingo. Uma parcela significativa da população da cidade de Belo Jardim participou das comemorações. A banda de música Sociedade Cultural Sebastião, o Grupo Escolar Bento Américo e o Ginásio Professor Donino desfilaram pelas ruas da cidade, "*momentos antes da inauguração da praça. Belo Jardim, mais uma vez, reviveu um*

[63] MARINHO, Bartolomeu. "Praça da Conceição dentro de 60 dias". *Vanguarda*, 1964.
[64] MARINHO, Bartolomeu. "Prefeito inaugurou obras – governador compareceu". *Vanguarda*, 1964.

de seus grandes dias (...)". [65] A cidade vivenciava as transformações urbanas. As inaugurações tornavam-se espetáculos. A população mobilizava-se e prestigiava aos eventos.

Ao afirmar que Belo Jardim "reviveu um de seus grandes dias", o jornalista aponta para uma concepção de "Idade de ouro". Demonstra uma nostalgia por uma época que estaria sendo revivida, em um desejo de permanência e continuidade, uma tentativa de rememorar e trazer de volta o passado. Ao contrário da idéia de moderno que nega o passado e busca o futuro, as transformações, o novo.

Outras obras também foram realizadas nesse mesmo período. O bairro de Santo Antônio, localizado no lado oeste da cidade, recebeu água potável distribuída através das tubulações do "Saneamento do Estado". Os canos que estavam sendo substituídos por outros de maior capacidade e diâmetro, garantiriam o abastecimento do bairro de Santo Antônio por onde passaria a tubulação, aumentando também a oferta d'água para o centro da cidade. As escavações para a substituição dos canos que fariam o transporte d'água causariam transtornos aos moradores que aguardavam a conclusão das obras e a possibilidade de terem água potável em suas casas.[66]

Os moradores viam a cidade crescer. Os ares interioranos eram perpassados pelos símbolos da modernidade. As máquinas e as picaretas rasgavam o chão. A urbanização, o calçamento, as praças, enfim, o novo concretizava-se no espaço citadino. A cidade se urbanizava a partir dos símbolos de uma modernidade trazidos das metrópoles e dos grandes centros urbanos. Como aponta Henri Lefebvre,

> *"Enquanto esse aspecto do processo global (industrialização e/ou urbanização) segue seu curso, a grande cidade explodiu, dando lugar a duvidosas excrescências: subúrbios, conjuntos residenciais ou complexos industriais, pequenos aglomerados satélites pouco diferentes dos burgos urbanizados.* ***As cidades pequenas e médias tornam-se dependências, semi-colônias da metrópole.***

[65] Idem, ibidem.
[66] MARINHO, Bartolomeu. "Bairro de Santo Antônio com água". *Vanguarda*, 1964.

É assim que nossa hipótese impõe-se, ao mesmo tempo como ponto de chegada dos conhecimentos adquiridos e como ponto de partida de um novo estudo e de projetos: a urbanização completa."[67]

Essa dependência das pequenas e médias cidades cristalizam-se não apenas nos aspectos econômicos e urbanísticos, mas também nos aspectos culturais, políticos e sociais que se refletem na maneira de viver, nas práticas cotidianas, nas práticas culturais e de lazer, inseridas na aparente uniformidade dos fenômenos urbanos das cidades, respeitadas as suas especificidades. As relações entre cidade industrial e urbanização abordaremos no capítulo final.

A *"Maternidade vai funcionar"*, com essa manchete é anunciada a proximidade do funcionamento da Maternidade de Belo Jardim, no prédio do Hospital Osvaldo Lima Filho. Esse seria o anúncio de uma realização intermediada pela prefeitura da cidade durante o governo de Júlio Alves. Na reportagem veiculada pelo jornal "Vanguarda", havia 26 leitos já disponíveis no prédio em que funcionaria a maternidade, avaliados em quatro milhões de cruzeiros.[68] A cidade de Belo Jardim ganhava uma infra-estrutura mais adequada.

As transformações continuam e no urbanismo citadino se cristaliza o ritmo das mudanças. Novas ruas, velhos prédios demolidos, novas praças construídas, a cidade ganha novos ares, nova roupagem. O espaço urbano é redimensionado. Não pretendemos comparar as modificações no traçado urbano da cidade de Belo Jardim com as ocorridas nas metrópoles como Recife, Rio de Janeiro ou São Paulo. Todavia, percebemos similaridades no sentido de suas realizações, como também a influência no imaginário mediante a divulgação realizada pela imprensa. Essas similaridades demonstram uma concretização, uma materialização da dependência das metrópoles por parte das pequenas e médias cidades afirmada por Lefebvre, anteriormente citada.

---

[67] LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana.* Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, pp. 17-18. (destaque nosso)

Embora em temporalidades distintas, transformações semelhantes foram também percebidas por Nicolau Sevcenko como um marco na cidade do Rio de Janeiro. Nela, a transformação

> "*se revela em 1904 com a inauguração da avenida Central (...) marco inicial da transfiguração urbana da cidade do Rio de Janeiro. Era a regeneração da cidade, e por extensão, do país, na linguagem dos cronistas da época. Nela são demolidos imensos casarões coloniais e imperiais do centro da cidade (...) a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins (...)*"[69]

A respeito da temporalidade distinta dos acontecimentos e das transformações em cada sociedade, em cada cidade, gostaríamos de tecer algumas considerações. Lembramos que ao recorrermos a citações de eventos análogos em cidades e em épocas distintas, pretendemos reforçar a idéia de que as sociedades não vivem linearmente o mesmo tempo. As suas instituições não estão imaginariamente alinhadas a um mesmo "tempo social-histórico". Há variações cronológicas do tempo identitário, do tempo calendário, em relação a fatos, acontecimentos e instituições em sociedades diferentes. Segundo Castoriadis,

> *" (...)* ***cada sociedade, tem sua maneira própria de viver o tempo, mas: cada sociedade é também uma maneira de fazer o tempo e de o fazer ser o que significa****: uma maneira de se fazer ser como sociedade. E esse fazer ser do tempo social-histórico que é também o fazer-se ser da sociedade como temporalidade não é redutível à instituição explícita do tempo social-histórico, ao mesmo tempo em que é impossível sem esta. O social-histórico é esta temporalidade, cada vez específica, instituída como instituição global da sociedade e não explicitada como tal. O tempo que cada sociedade faz ser e que a faz ser é seu modo próprio de temporalidade histórica que ela desdobra existindo e pela qual ela se desdobra como sociedade histórica, sem que necessariamente ela o conheça ou o represente para si como tal.* ***Não seria nem suficiente dizer que a descrição ou a análise de uma sociedade é inseparável da descrição de sua temporalidade; a descrição e a análise de uma sociedade é evidentemente descrição e análise de suas instituições; e destas, a***

---

[68] MARINHO, Bartolomeu. "Maternidade vai funcionar". *Vanguarda*, 1964.

[69] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 30.

primeira é aquela que a institui como ser, como sendo-sociedade e esta sociedade-aqui, ou seja, sua instituição como temporalidade própria."[70]

Nesse sentido, ao citarmos os acontecimentos e fatos ocorridos em outras temporalidades e em outras sociedades e cidades brasileiras, buscamos evidenciar aquilo que Castoriadis aponta como o tempo social-histórico e as instituições imaginárias da sociedade. Buscamos demonstrar que a cidade de Belo Jardim vivencia uma temporalidade diferente de outras cidades, especialmente das grandes metrópoles. Procuramos evidenciar que o imaginário da cidade, a sua instituição e os acontecimentos, ocorrem em temporalidades distintas, sem que isso se torne um equívoco metodológico. O devir não ocorre com a mesma velocidade em sociedades e cidades diferentes, tampouco ocorrem com a mesma intensidade.

Contudo, a modernização de alguns espaços que aparentemente dá uma idéia de velocidade, contrasta com a rotina da cidade. A tradição ainda se mantém arraigada pelas suas práticas. A repetição convive lado a lado com as transformações. A cidade torna-se ambivalente. A cidade é uma imbricação entre tradição e modernidade. Há um entrelugar[71], uma fronteira bastante tênue que delimita esses dois conceitos, esses dois arcabouços. Esses espaços de negociação[72], essas imbricações, são evidenciadas pela imprensa:

"O mundo católico belojardinense viverá um de seus grandes dias, no dia de hoje, quando será comemorada a festa do Sagrado Coração de Jesus. As festividades terão como lugar a ***nova Praça da Conceição****. Por outro lado as solenidades litúrgicas serão celebradas ma Igreja Matriz, contando com a presença do pároco Cônego Francisco de Assis Neves. Apesar de* ***não apresentar muitas novidades****, a citada festa, surge como uma agradável movimentação a fim de mudar* ***a atual rotina em que se encontra a terra do Bitury."***[73]

[70] CASTORIADIS, Cornelius. Op. cit., p. 243. (destaque nosso)
[71] Ver: BHABHA. Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
[72] Idem, ibidem.

Na reportagem anterior, percebemos a ambivalência da modernidade que se instituía na cidade de Belo Jardim. Observamos a presença significativa da tradição imbricada na cidade. A tradição mais uma vez invade o cotidiano – é o tempo da festa. Embora houvesse a construção de um novo lugar, mediante a recente inauguração da Praça da Conceição, a cidade era percebida pelo ritmo e pela velocidade sem grandes inovações. A tradição cristalizada nas festas sacras realizadas pela Igreja Católica, divulgada pela imprensa local por "*não apresentar muitas novidades*", desvela a repetição característica dessa tradição. "*A atual rotina em que se encontra a terra do Bitury*", frase que encerra a reportagem citada, evidencia a impressão, o testemunho do cronista sobre o cotidiano da cidade de Belo Jardim no início da década de 1960.

1.5 – A PASSOS DE TARTARUGA: AS AMBIGÜIDADES MODERNAS

O jornalista Bartolomeu Marinho registava o desejo da população por transformações com um ritmo mais acelerado. Através do título da reportagem "*A passos de tartaruga*", publicada na "Coluna Belojardinense" do jornal "Vanguarda", retratava a velocidade das obras de calçamento da Rua Siqueira Campos, principal rua da cidade. "*O serviço de calçamento da rua Siqueira Campos continua a passos de tartaruga. Esperamos que o prefeito acorde nêsse ponto para que a cidade se embeleze o quanto antes*". A modernidade que se instituía naquele momento e cristalizada pela modernização da praça da Conceição, dentre outras obras, não possuía a velocidade desejada e contrastava com a realidade de outras praças e lugares da cidade.

A imprensa elogia o governo do prefeito Júlio Alves, no entanto, relata as cobranças da população sobre a necessidade de providências por parte da prefeitura:

---

[73] MARINHO, Bartolomeu. "Festa do Sagrado Coração". In: *Vanguarda*, janeiro de 1965. (destaque nosso)

"A prefeitura Municipal ganhou nôvo aspecto. O prefeito Júlio Alves vem se mobilizando com muita boa vontade para modificar o panorama da cidade. Muita coisa já fêz em benefício da cidade e da população. Esperamos que a praça Des. João Paes seja olhada com maior carinho por parte da edilidade, pois a escuridão está campeando naquêle logradouro há mais de dois meses e nenhuma providência foi tomada."[74]

A iluminação pública a partir da utilização da energia elétrica representa o moderno, o novo que fora instituído desde a década de 1920. A escuridão aparece no cotidiano como uma antítese do moderno. Uma antítese dessa modernidade que se instituía mediante as ações, as obras, que transformavam a configuração urbana da cidade de Belo Jardim naquele momento, destoava de muitas outras práticas observadas e ainda inseridas no cotidiano citadino. Alguns problemas que já poderiam estar solucionados, surgiam em Belo Jardim de maneira dissonante da modernidade que se tentava instituir superados e não apenas a falta de iluminação em uma praça pública. A reportagem abaixo, intitulada "Ônibus <Belo Jardim – Recife> faz vergonha", enfoca uma face dessa ambigüidade:

"Inúmeras são as reclamações contra o ônibus que a Emprêsa Realeza colocou para fazer a linha Belo Jardim – Recife. O colunista é testemunho do estado deplorável em que se encontra aquêle veículo. É um verdadeiro perigo de vida os passageiros que se deslocam para outros centros naquêle ônibus. Causa vergonha o estado, as acomodações e finalmente o transporte coletivo que a Realeza colocou para transportar os belojardinenses, foi um verdadeiro <presente de grego>. Constantemente chega atazado (sic) e em uma de suas últimas <confortáveis> viagens, foi multado por não dispôr de faróis trazeiros (sic). Aqui, segue o meu apêlo dos belojardinenses, ao sr. (sic) José Ramos, representante em nossa terra da Realeza, para que abra os olhos do sr. (sic) João Pires a fim de que tenhamos uma viagem verdadeiramente confortável e sem perigos. Vidas humanas, são caras, sr. (sic) João Pires!"[75]

[74] MARINHO, Bartolomeu. "Flashes". *Vanguarda*, 06.12.1964.
[75] MARINHO, Bartolomeu. "Ônibus <Belo Jardim Recife> faz vergonha". In: *Vanguarda*, 1964.

Havia um descompasso entre a modernidade que se pretendia instituir ou que se estava tentando consolidar e as práticas do cotidiano. A viagem de ônibus que ligava a cidade de Belo Jardim à capital do Estado transcorria, pelo relato do cronista, em precárias condições de segurança, utilizando um veículo em um estado de conservação dissonante com a idéia de transformações, mudanças e modernização relatadas em outras reportagens daquele momento. Uma distância entre o desejo de instituir uma modernidade e a sua concretização no cotidiano citadino através de suas práticas mais comuns.

1.6 – AS TRANSFORMAÇÕES NOS ANOS 70

Na década de 1970, a modernização da cidade tem um novo impulso. Dentre outras obras, é iniciada a construção do Centro de Cultura pela prefeitura. Nas páginas do "Diário de Pernambuco" de 29 de outubro de 1971, é publicada uma reportagem acerca do início dessas obras que "*há 20 dias, foram iniciadas*". No dia 31 daquele mês, foi inaugurada a estrada Belo Jardim - Xucuru, que viria integrar a cidade de Belo Jardim à região de Xucuru, um dos distritos do município, como também à cidade de Brejo da Madre de Deus.

Outras modificações também vão ocorrer naquele período durante o governo do prefeito Francisco Cintra Galvão – que mais tarde seria eleito Deputado Estadual. Inicia-se, assim, "*em ritmo acentuado*", o calçamento da Avenida Santo Antônio, no bairro do mesmo nome. Essa avenida ligava aquele bairro à Praça Desembargador João Paes, no centro da cidade. O bairro do Tambor, local em que a cidade se origina a partir da Fazenda do Capim no século XIX[76], assiste à construção do Centro de Abastecimento que seria uma espécie de mercado público da cidade.

[76] CORREIA, Amaury de Barros. "Belo Jardim: de povoado à cidade". In: *Revista de História Municipal*, Ano III, nº 4, março de 1991. Recife: CEHM, 1991, p. 35.

Essa obra traria "*para o bairro do Tambor, outro aspecto em sua configuração*".[77] Eram as modificações na urbanização da cidade.

Contudo, nessa mesma reportagem, outros aspectos nos chamam a atenção. São as modificações das normas de conduta e higienizadoras e a repercussão dessas ações junto à população. Conforme o cronista,

> "*a Prefeitura adquiriu um veículo para transporte de carne, acabando de uma vez por tôdas com o anti-higiênico meio de transporte de burro – que era usado para transportar a carne do Matadouro Público do bairro de Santo Antonio (sic) ao Açougue Público. (...) O povo belojardinense vai sentindo dessa forma, o desejo de acertar, a vontade de trabalhar em prol do município, do prefeito Francisco Galvão, que criticado por muitos no início de seu Govêrno, vem recebendo, ultimamente, os maiores elogios (...)*"

Há uma preocupação com a higiene e com as práticas higienizadoras. A substituição do transporte da carne abatida no matadouro público, realizado em carroças puxadas por burros, por um veículo adquirido para essa finalidade, evidencia uma preocupação com as normas de higiene instituídas há muito tempo nas grandes cidades. Esse descompasso já observado anteriormente, desvela, como anteriormente frisamos, uma ambivalência e uma fronteira pouco delimitada entre o novo e o velho, o antigo e o moderno, o moderno e o arcaico no cotidiano da cidade de Belo Jardim.

Embora encontremos, em 1946, o Posto de Higiene do Município cujas atribuições do seu médico chefe fosse a "*fiscalização de todo o gado bovino, caprino e lanigéro (sic), destinado ao consumo público*"[78], alguma preocupação com as práticas higienizadoras a partir da instituição de normas de higiene também são percebidas na década de 1950. O arrendamento de um terreno e

[77] MARINHO, Bartolomeu. "Belo Jardim constrói seu Centro Cultural". In: *Diário de Pernambuco*, 29.10.1971.
[78] Cf. Portaria nº 3, do município de Belo Jardim, de 23 de janeiro de 1946, registrada à folha nº 27 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1946. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

local para a “matança de gado” reflete uma parcela dessa atenção por parte do público da cidade. O terreno do Sr. Abílio Cavalcante é arrendado por um período de doze meses ao valor de Cr$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) a partir de 26 de março de 1955, mediante contrato firmado com a prefeitura.[79]

Outra medida acerca da preocupação com a saúde pública, seria a criação de três sub-postos médicos nos Distritos de Serra do Vento, Xucuru e Água Fria, também em 1955.[80] Essa tentativa de controle sanitário por parte do poder público é concretizado através das normatização dos procedimentos no atendimento à população. Os médicos chefes desses postos acima citados deveriam visitá-los quinzenalmente a fim de efetivar um acompanhamento direto naquelas localidades.

1.7 – OS REFLEXOS DA MODERNIDADE: NOVAS PRÁTICAS DE LAZER

As práticas relacionadas ao lazer também sofrem transformações, mais uma vez, o poder público é o principal agente dessas mudanças. A cidade assiste à criação do Inhumas Tênis Clube – ITEC, conhecido como aristocrático. Em setembro de 1958, a prefeitura é autorizada pela Câmara Municipal a comprar ações daquele clube.

[79] Cf. Lei Municipal nº 16, Ato nº 67, do município de Belo Jardim, de 15 de março de 1955, registrada à folha nº 17 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1955. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.
[80] Cf. Lei Municipal nº 29, Ato nº 93, do município de Belo Jardim, de 8 de agosto de 1955, registrada à folha nº 23 do Livro de Leis e Atos Municipais de 1955. In: Arquivo Público Municipal de Belo Jardim.

Ilustração 4 – Festa no Inhumas Tenis Clube – ITEC na década de 1960

A modernidade e os seus signos trazem novidades à cidade de Belo Jardim. As pessoas passam a conviver com novas profissões e novas empresas são criadas. O telefone por exemplo, traz a empresa municipal de telefonia após a inauguração da rede telefônica que ligava a cidade de Belo Jardim às cidades de Pesqueira e Sanharó, como também aos Distritos de Xucuru, Água Fria e Serra do Vento. Em 1959, registrava-se na lista de despesas municipais algumas profissões até pouco tempo inexistentes – Encarregado do Serviço Rodoviário, Telefonista da Companhia Telefônica Municipal, Motoristas Eletricistas da Companhia Elétrica Municipal, Encarregado de Limpeza Urbana, dentre outros. Essas novas profissões evidenciam algumas modificações do cotidiano da cidade.

Nesse sentido, os documentos registram e arquivam a memória acerca de algumas dessas novidades, das novas práticas, normas de conduta e profissões. A fim de normatizar a utilização do posto telefônico, promulga-se uma Lei determinando que o recebedor de uma ligação sem compromisso de urgência mandará avisar a pessoa a quem se dirigir a mensagem, cessando o

compromisso no caso da pessoa não se encontrar no endereço conhecido ou indicado pelo telefonista. Os preços das ligações cobrados pela Companhia Telefônica Municipal são fixados, como também, o tempo máximo de permanência de uso do aparelho.

Buscamos assim, evidenciar como a urbanização, o lazer, as novas práticas cotidianas se desvelam como reflexos de uma modernidade que se instituía naquele momento. A nossa proposta acerca dessa temática é a de buscar demonstrar mediante as normas de conduta, a desapropriações, alargamentos de ruas, demolições de prédios, algumas perspectivas das transformações, das mudanças ocorridas na cidade de Belo Jardim.

CAPÍTULO II

FUTEBOLIDADE: História do Futebol e da modernidade na cidade de Belo Jardim

"Que obra pode valorizar uma cidade? Uma grande cidade? Um grande Estádio, belas avenidas, um bom serviço de água e 'esgôto', boa iluminação. Pronto. O mais é conversa fiada. O povo tendo isso tem tudo. Portanto o Estádio é tão necessário à vida do povo, quanto a iluminação, o saneamento etc. Ao lado da necessidade física da água, há a necessidade higiênica do 'esgôto' e a necessidade social e cultural do Estádio." [81]

Júlio Jesum de Carvalho

2.1 FUTEBOL: ESPAÇO DO JOGO, CULTURA, LUDENS, PRÁTICAS INSTITUINTES DO REAL

Jogo. Nesta palavra insere-se uma multiplicidade de conceitos, de abstrações teóricas, uma pluralidade de entendimento, compreensão e discussões acerca da nossa contemporaneidade. Enfoca diversificados aspectos de uma cultura, de uma sociedade, quer seja antiga, quer seja contemporânea. O nosso cotidiano encontra-se permeado por essas variações e por esses deslocamentos conceituais. O emaranhado de signos, significações, significantes, o labirinto de sentidos que a cultura nos impõe, deixam passar quase inadvertidamente essas múltiplas faces de algo que parecemos conhecer há muito tempo – o jogo. A vida é um jogo. A cultura é um jogo. Um jogo de encontros e desencontros. Um jogo de rupturas e permanências, continuidades e descontinuidades.

O texto em epígrafe, publicado no Recife em 1948, nos dá uma pequena idéia da importância cristalizada no jogo para aquele jornalista, aqui precisamente o futebol. Desvela o

[81] CARVALHO, Júlio Jesum de. "Fácil o dinheiro para a construção do estádio". In: *Revista Esportes em Pernambuco*, número 2, 1948, p. 8.

quão importante esse esporte se institui na contemporaneidade e na nossa cultura. Não apenas as necessidades mais elementares e concretas da vida moderna nas cidades, como a energia elétrica, uma boa iluminação, um bom serviço de água e esgoto, devem ser privilegiadas. Pelo contrário, tais necessidades são desejadas e suas satisfações são buscadas com a mesma intensidade atribuída ao lúdico. Notavelmente se esse lúdico inserir o indivíduo em uma coletividade, em uma rede, instituindo-lhe uma identidade, como faz o futebol.

O desejo do espaço de entretenimento, o êxtase, a fascinação e a excitação trazida pelo lúdico dinamizam a cultura, movem a sociedade, ainda mais acentuadamente, quando esse lúdico é construído para alcançar amplos segmentos da população. A cidade tem fome não só do concreto, do tangível, do óbvio. A cidade tem fome do lúdico, do sonho, do "faz de conta", da alegria coletiva. O estádio então surge e é instituído também como um espaço construído e praticado na busca desta necessidade. O jogo é um instante de pausa na vida cotidiana. É um espaço simultâneo, uma espécie de "desconexão" momentânea do mundo fora do espaço do jogo. Há um tempo e um espaço determinado e delimitado para acontecer. "O jogo acaba: o apito do árbitro quebra o feitiço e a vida 'real' recomeça."[82] E ao final do apito voltamos a nossa realidade. Qualquer que seja o resultado do jogo, sabemos não ser verdadeiramente a nossa concretude. O jogo como prática em que um diversificado conjunto de símbolos são projetados. Espaço em que as representações da vida cotidiana são projetadas. A cidade, a cultura então têm fome de algo lúdico, de diversão, não apenas do tangível, do palpável. As pessoas buscam a felicidade, desesperadamente[83]. Uma felicidade inteira e não pela metade, como mostra a letra desta música:

---

[82] HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 14

[83] Há uma ambigüidade nesta frase. Na obra "A felicidade, desesperadamente", transcrita de umas de suas conferências, André Comte-Sponville discute acerca da felicidade, do desejo, da esperança, do amor, da solidão e de

Bebida é água,

Comida é pasto

Você tem sede de que?

Você tem fome de que?

A gente não quer só comida,

A gente quer comida, diversão e arte.

A gente não quer só comida,

A gente quer saída para qualquer parte.

A gente não quer só comida,

A gente quer bebida, diversão, balé,

A gente não quer só comida,

A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água,

Comida é pasto

A gente não quer só comida,

A gente quer comer, quer fazer amor.

A gente não quer só comer,

A gente quer prazer pra aliviar a dor.

A gente não quer só dinheiro,

A gente quer dinheiro e felicidade.

---

outros temas que permeiam a existência humana. Nessa obra, o autor analisa a felicidade em vários filósofos. Em Platão, Aristóteles, Epicuro, Kant, diz Comte-Sponville, a felicidade "é ter o que desejamos", "ser feliz é ter o que se deseja", pois estaria diretamente ligada ao desejo, ou melhor, a realização do desejo. No entanto, em Lucrécio e Schopenhauer, encontra que não poderemos alcançar a felicidade. Ela é inerente à realização do desejo, por isso nunca a viveremos plenamente porque sempre desejamos o que não possuímos. E continua afirmando que não conseguimos escapar da decepção por sermos tomados por dois sentimentos distintos: o *sofrimento* quando não conseguimos realizar os nossos desejos e a *frustração* quando os conseguimos realizar, uma vez que passamos a desejar uma outra coisa e não conseguimos assim ser felizes. "É o que Schopenhauer chama de tédio, que é a ausência de felicidade no lugar mesmo da sua presença esperada". Numa tentativa de libertação desse ciclo, Pascal sugere o esquecimento, a diversão. Enquanto Freud aponta os pequenos derivativos como uma alternativa para fugirmos da nossa realidade. Entretanto, Comte-Sponville propõe uma alternativa, "uma tentativa de nos libertar desse ciclo da esperança e da decepção, da angústia e do tédio", pois "*estamos constantemente separados da felicidade pela própria esperança que a busca"*. Nesse sentido, cita Spinoza, afirma que desejo não é falta, é potência. Potência de existir, de agir, de gozar e de regozijar. Afirma que "a felicidade não é um absoluto, é um processo, um movimento, um equilíbrio, só que instável (...) uma vitória, só que frágil, sempre a ser defendida, sempre a ser continuada ou recomeçada". Propõe que não se viva só através do desejo, da esperança, daí o título da sua obra – A felicidade, desesperadamente – pois, assim jamais viveremos verdadeiramente. E encerra a sua conferência dizendo: "Não se trata de se impedir de esperar, nem de esperar o desespero. Trata-se, na ordem teórica, de crer um pouco menos e de *conhecer* um pouco mais; na ordem prática, política ou ética, trata-se de esperar um pouco menos e *agir* um pouco mais; enfim, na ordem afetiva ou espiritual, trata-se de esperar um pouco menos e *amar* um pouco mais". (grifos nossos). Portanto, Comte-Sponville aponta para a necessidade desconhecer, agir e

A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade. [84]

A letra da música acima capta algumas das angústias e fugas inerentes à vida moderna. A diversão, a arte que muitas vezes vemos na associação do futebol à arte. O prazer para aliviar a dor. Uma saída para qualquer parte que nos liberte do labirinto do cotidiano contemporâneo. A tentativa de uma felicidade por inteiro e não pela metade, são incessantemente perseguidas pelo indivíduo, pelo eu, na sociedade em condições da modernidade[85]. Reflete a procura constante por uma saída para a crise da contemporaneidade. Crise essa que Anthony Giddens associa "não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente" no mundo da alta modernidade[86], no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, o espaço de não-realidade do jogo seria uma tentativa de fuga em relação aos desprazeres do cotidiano, uma busca pelo "prazer pra aliviar a dor", uma "saída para qualquer parte", pois "a vida tal como a encontramos e vivemos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis"[87], dizia Freud. Dentro dessa perspectiva de

---

amar um pouco mais, é a alternativa para a felicidade em nossas vidas, sem nos determos no que não temos, no que não somos, mas vivendo a vida como ela se apresenta para nós.

[84] ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITTO, Sérgio. *Comida*. In: Jesus não tem dentes no país dos banguelas. Titãs, 1987.

[85] Cf. GIDDENS, Anthony. Os contornos da alta modernidade. In: *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, pp.17-38. Anthony Giddens, no citado capítulo, refere-se à modernidade num sentido geral relativo às **instituições e modos de comportamento** estabelecidos na Europa pós-feudalismo e que tiveram impactos mundiais no século XX. (grifo nosso)

[86] Cf. GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. Para Anthony Giddens, "na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum." O autor define a contemporaneidade como "alta modernidade", ao contrário de muitos outros autores que afirmam vivermos uma "pós-modernidade". Essa discussão já realizamos na introdução deste trabalho.

[87] FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 22.

análise da cultura[88], Freud nos remete à reflexão de como a cultura constrói mecanismos de defesa contra o mal-estar que lhe é imanente. Mecanismos que busquem a superação dos sofrimentos, das decepções, das desilusões da realidade.

Segundo a concepção freudiana, a cultura elabora pelo menos três "medidas paliativas"[89] para "suportar" a vida: derivativos poderosos, satisfações substitutivas e substâncias tóxicas. Vamos aqui nos deter apenas às satisfações substitutivas por estarem mais diretamente ligadas a nossa discussão. Para Freud, o homem vive na linha tênue entre o sofrimento e a felicidade. Essa última seria a ausência de sofrimento. Dessa maneira, as satisfações substitutivas levariam o homem a fugir da realidade que seria a causadora do seu sofrimento mediante as angústias, as decepções e as desilusões já citadas anteriormente. Seriam "oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental."[90]

Essas satisfações substitutivas estariam em contraste com a realidade. Teriam uma duração determinada pela continuidade da ação prazerosa, pelo afastamento da realidade árdua que não nos permite a felicidade. Assim, esse substitutivo imaginário, desempenha um papel de fantasia, inconsciente na vida do indivíduo. A realidade imbricada com o imaginário momentaneamente pelo imaginário, pela fantasia. Freud, a respeito do que buscam os homens, indaga: "O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar?" E nos dá a sua resposta: "Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer."[91] Nesse emaranhado de reflexões,

[88] O título original da obra " O mal-estar na civilização" refere-se ao termo cultura e não à civilização, como sugere a tradução para a língua portuguesa.
[89] Cf. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 21-35. As medidas paliativas definidas por Freud funcionam como instrumentos psíquicos de evasão, de esquivar-se da realidade em que o sujeito está inserido. Um momento, um instante de produção, d experiência de uma não-realidade.
[90] FREUD, Sigmund. Op. cit., p. 23.
[91] Ibidem.

Freud nos revela que chamamos de felicidade o momento de satisfação das nossas necessidades. É o instante, o provisório.

Ao retomarmos o texto em epígrafe no início deste capítulo, vemos explicitada a necessidade do futebol para a cidade. A necessidade de construção do espaço para a sua prática – o estádio. E compreendemos, então, a importância da criação destes espaços para as práticas que nos afastam das angústias, das frustrações, da incompletude de nossas vidas. Mesmo que esse afastamento, essa fuga, seja efêmera. Mesmo que seja um deslocamento momentâneo, por alguns instantes, como um relampejar. Instantes que nos transportam para o outro lado desta tênue fronteira entre o real e o imaginário, entre o lúdico e a concretude da realidade.

Este desejo de construção do estádio também seria visto em outras cidades em épocas distintas. Nicolau Sevcenko, em sua obra "*Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20", relata que a efervescência do futebol na cidade de São Paulo em 1919 reunia grandes públicos e tornava-se inadiável a construção de um estádio que acomodasse a multidão em jogos decisivos. A imprensa era o veículo de propagação dos anseios dos desportistas:

> "*A paixão futebolística crescia muito mais depressa do que as providências administrativas dos clubes ou do governo podiam acomodar ou sequer acompanhar (...). Já no torneio do primeiro semestre desse ano de 1919, ficara clara a necessidade premente de um grande estádio municipal para os jogos decisivos, e a imprensa, sobressaltada com o evidente descompasso, passaria a fazer da questão da praça de esportes monumental o seu principal cavalo de batalha na área desportiva. (...) Pelo fim do ano, o anseio público pelo estádio já era tão palpável e candente, que um candidato a vereador o incluiu como ponto de honra do seu programa, em termos que não deixassem dúvidas ao seus potenciais eleitores, quanto ao grau exaltado da sua determinação: 'Obter o mais depressa possível, com toda urgência, sem perda de um instante, imediatamente, já, agora mesmo, a construção do stadium paulista'*".[92]

Havia um crescente desejo e necessidade do estádio permeando as propostas políticas. A inclusão da construção do estádio municipal no programa de um candidato a vereador na cidade de São Paulo retrata essa "*nova necessidade social*". Através da narrativa elaborada por Sevcenko, percebemos uma imbricação entre imaginário, desejo e necessidade do estádio.

Ao rememorarmos a obra "*Homo Ludens*: um jogo como elemento da cultura", publicada inicialmente por Johan Huizinga em 1938, vemos a abordagem do jogo como um elemento lúdico que perpassa as mais variadas culturas. Todavia, não o coloca, inerentemente ligado à cultura, pelo contrário, distancia-se. Concebe o arcabouço teórico do seu trabalho a partir da observação de que o jogo existe independentemente da possibilidade da cultura. Pois para o autor, o jogo também se manifesta entre os demais animais, fora da espécie humana. Estaria, assim, a sua gênese anterior à própria cultura. A frase inicial de sua obra é bastante significativa a respeito de como o seu pensamento é construído. Diz Huizinga, "O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica."[93]

Ao largo das críticas sobre a sua concepção e a relação que propõe entre o jogo e a cultura ou mesmo quanto à sua abordagem, a obra de Huizinga nos convida à reflexão. Reflexão essa, a partir da introspecção e da análise de nossa contemporaneidade, a respeito da intensidade em que o jogo, especialmente o futebol, perpassa, permeia o cotidiano da sociedade contemporânea. A comparação com o "eu", com a vida do indivíduo é quase inevitável. Ambos, o jogo e a vida, se caracterizam pela tensão. A tensão que nessa perspectiva é o momento de hesitação que antecede o desencadear dos acontecimentos, dos instantes de incerteza do jogo, como também da vida. São os instantes de expectativa, é a dúvida em relação ao devir. Assim, o jogo se torna histórico, ou

---

[92] SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhias das Letras, 1992, p. 59.

melhor, objeto de estudo do historiador, pois imbricado à cultura, ao indivíduo, à sociedade e imanentemente ao porvir, reúne em si uma condição histórica.

Ampliando a sua discussão, Huizinga afirma que não apenas os animais, todavia as crianças, mais precisamente os bebês, também já demonstram simpatia pela prática de jogos. Em seu sentido lúdico, o jogo estaria ligado, portanto, não como determinante da cultura. Mas, como já citado anteriormente, seria precedente à sua instituição. Neste sentido, observamos que os bebês ainda não estariam "impregnados" pela cultura ou pelos valores a ela atribuídos. Dessa mesma forma, os animais não estariam inseridos culturalmente por si mesmos, pois a cultura é uma construção e abstração inerente ao homem, à condição humana. No entanto, tanto os animais, quanto os bebês, apropriam-se das práticas de brincadeiras lúdicas, sem ao menos terem instituído culturalmente tais práticas. Isto vem corroborar a separação da gênese entre jogo e cultura. Assim,

> *"Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo tipo de atitudes e gestos. Respeitam a regra e os proíbe morderem, ou pelo menos com violência a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e , o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. Essas brincadeiras dos cachorrinhos constituem apenas uma das formas de mais simples de jogo entre os animais"*[94]

Para Huizinga, o jogo possui uma fascinação, uma intensidade de emoção que não podem ser explicadas unicamente pela biologia, pela psicologia ou pela fisiologia. Nele, encontramos desejo, esforço e excitação. Elementos que seriam a sua própria essência e a sua característica primordial. As idéias de Johan Huizinga sobre o jogo como conceito cultural de uma sociedade,

---

[93] HUIZINGA, Johan. Op. cit., p. 3.
[94] Ibidem.

anterior à própria cultura, ampliam as idéias construídas neste capítulo. Nesse sentido, o jogo é visto como uma forma específica de atividade. No entanto, incorporada à cultura, torna-se significante, instituinte de novas práticas, construindo novos espaços de sociabilidade e com uma função social.

Mas, por que falarmos sobre jogo neste trabalho? O que nos estimula acerca desta temática? Que tipo de relação há entre o jogo, a modernidade e a cidade? Buscaremos uma ligação estreita com a temática proposta nesta pesquisa – cidade e modernidade. A ênfase será dada na instituição da modernidade através da forma lúdica atribuída ao jogo. Desse modo, abordaremos o futebol como um jogo. E não apenas o jogo em sua forma lúdica abordada até então. O futebol será enfocado e inserido na cultura como um significante da modernidade, como um instituinte de práticas modernas. Será analisado, a partir da perspectiva de sua consolidação como esporte de massa, da aglomeração de pessoas, da instituição de novos espaços de sociabilidade, da criação de um espaço de não-seriedade, de não-realidade. Construções essas que também são criadas e propagadas a partir das transformações culturais ocorridas na Europa do século XIX e ressignificadas pelas demais sociedades. Enfocaremos essa discussão em nossa investigação mais adiante.

2.2 – FUTEBOL, COTIDIANO, CONTEMPORANEIDAE E TRANSCULTURAÇÃO

Hoje, no início do século XXI, ao folhearmos os jornais diários, percebemos a grande importância atribuída ao futebol no cotidiano social da contemporaneidade. São inúmeras as páginas dedicadas a este tema. Isto, sem falarmos dos periódicos que exclusivamente divulgam notícias sobre o esporte ou da especialização da mídia em “jornalismo esportivo” e o surgimento

de novas profissões[95], por exemplo. A chamada "mídia televisiva" igualmente dedica programas inteiros ao futebol[96], além dos espaços para as notícias em seus telejornais diários. As transmissões das partidas que têm importância para a definição dos campeonatos, bem como as que envolvem times com grandes torcidas, também são privilegiadas com transmissões simultâneas de várias partidas em tempo real nas TV's abertas e nas TV´s por assinatura, além de abordagens mediante as reportagens dos bastidores que invadem e perpassam o nosso cotidiano e privacidade.

O jornalista Milton Neves rememora as mesas redondas que "não faz muito tempo, elas eram rotuladas de folclóricas e 'desimportantes' para os patrocinadores. Embora sempre tivessem espaço na programação esportiva das emissoras de rádio, esses programas não despertavam um grande interesse das emissoras de TV com maior audiência. Hoje estão em todos os canais abertos e fechados e são a base do jornalismo esportivo na TV." O jornalista faz uma retrospectiva acerca dos programas esportivos chamados de "mesas redondas" que são exibidos na televisão brasileira em grande número na atualidade e aponta que:

> "*No dia 2 de dezembro de 2001, eram cinco programas esportivos gerados de São Paulo: 'Super Técnico' (com Alberto Helena), 'Cartão Verde', 'Bola na Rede', na Rede TV, 'Mesa Redonda', da Gazeta, e o estreante 'Terceiro Tempo', da Record. Nada mal, para um produto outrora tão criticado. Mais o melhor ocorre agora em 2004. Jamais tivemos tanta 'mesa redonda' na TV brasileira, aberta e fechada (...) Até esportes como tênis e F-1 já têm suas mesas.*

[95] Inúmeras outras especializações profissionais surgem a partir do futebol e do esporte em geral, como por exemplo, jogadores de futebol e atletas em geral, técnicos de futebol e demais esportes, massagistas, roupeiros, treinadores de goleiros, comentaristas esportivos, narradores esportivos. A ciência também é invadida pelo esporte e surgem novas especializações e áreas do conhecimento, como exemplo, a medicina esportiva, a nutrição esportiva, a fisioterapia esportiva, a psicologia esportiva, o direito esportivo, dentre outras áreas, como também são elaborados muitos estudos e pesquisa nas áreas das ciências sociais: História, Sociologia, Antropologia e Ciência política. Enfim, esses aspectos dão um panorama de como o cotidiano contemporâneo é perpassado, transformado e ressignificado pelo esporte, especialmente pelo futebol.

Milton Neves continua o seu artigo abordando qual seria o programa esportivo precursor no formato jornalístico conhecido como “mesa redonda” no Brasil. Afirma que uma das primeiras “mesas” seria a que aparece na parte superior da foto anterior em 1962, alguns meses antes da Copa do Mundo do Chile.

Ilustração 5 – Uma das primeiras “mesas redondas” da televisão brasileira

Na foto acima, observamos por trás de uma mesa quadrada, contraditoriamente, uma das primeiras “mesas redondas” da televisão brasileira. Fora realizada pela TV Paulista, canal 5, de São Paulo. Compunham a mesa: Pedro Luiz Paoliello, Paulo Planet Buarque, Edson Leite, Clóvis Carvalho, Lêonidas da Silva e Vicente Feola, técnico da seleção brasileira campeã do mundo na Suécia em 1958. [97]

Entretanto, as rádios, antes mesmo da televisão, já realizavam as coberturas jornalísticas em suas programações que ainda hoje são mantidas, contando com uma boa audiência durante as transmissões. Cada vez mais, a mídia consolida o futebol como esporte de massa, um produto a ser consumido, uma espécie de separação e uma contraditória imbricação com o mundo em que

[96] Ver NEVES, Milton. “Mesas redondíssimas”. In: Revista *Placar*, São Paulo, edição 1270, 1 de maio de 2004, p. 12.

vivemos. Uma ruptura com a nossa realidade. Uma fragmentação entre o real e o imaginário. Uma característica do mundo contemporâneo que transforma o efêmero, o provisório, o instante em um espetáculo. Como constata Guy Debord, em "A sociedade do espetáculo"[98], somos transformados em 'multidões solitárias',

> ..."*o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos 'meios de comunicação de massa', que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação (...) A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda (...) No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado."* [99]

Dessa maneira, Guy Debord aponta como o nosso cotidiano é invadido e perpassado pelo espetáculo. Evidencia como esse espetáculo causa uma ruptura, uma separação entre a realidade concreta e o espaço do lúdico, do divertimento, do imaginário. Embora a sua análise contemple uma explicação do espetáculo como alienação e a serviço de uma classe dominante, abordamos a sua obra pela evidência e pela instituição do espetáculo como um espaço de fuga, uma separação da realidade, cujo "*modo de ser concreto* é justamente a abstração".[100]

Leonardo Pereira, ao analisar o futebol na cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX[101], aponta que os brasileiros, em particular da classe média alta, eram muito atraídos por modelos culturais vindos de outros países. Dessa constatação, rememoramos que o futebol também é introduzido no Brasil por representantes da classe média alta através de

---

[97] Idem, ibidem.
[98] DEBORD, Guy. "A sociedade do espetáculo". Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 23.
[99] DEBORD, Guy. Op. cit., pp. 20, 23.
[100] Idem, ibidem.

Charles Muller em São Paulo, em 1894 e Oscar Cox no Rio de Janeiro, em 1897[102]. No entanto, essa influência é apenas pontual. O futebol ao chegar ao Brasil torna-se uma "outra coisa", é ressignificado a partir de uma rápida e intensa apropriação dessas novas práticas pelas camadas mais populares e pelos trabalhadores – especificamente os operários no caso do futebol.

Para Rubim Santos Leão de Aquino, no livro "*Futebol, uma paixão nacional"*,

> *"É praticamente consenso que o* futebol association**,** *ou simplesmente futebol moderno, foi trazido para o Brasil por Charles Miller. Nascido em São Paulo (1874-1953), filho de pais ingleses, aos 9 anos foi estudar no* Banister Court School*, em Southampton, na Inglaterra.(...)*
>
> *Ao retornar a São Paulo em 1894, trazia em sua bagagem duas bolas de couro, camisas, chuteiras e calções. Constatando que essa modalidade de esporte era praticamente desconhecida no país, empenhou-se em divulgá-la.(...)*
>
> *A historiografia assinala a data de 14 de abril de 1895 para a realização da primeira partida de futebol no Brasil. Graças ao esforço de Charles Miller, enfrentaram-se no campo da Cia. Paulista de Viação as equipes de trabalhadores do The Team Gaz e do The São Paulo Railway."*[103]

O futebol se espalha pelo Brasil. A partir da primeira partida disputada nos fins do século XIX, há uma proliferação e expansão da nova prática esportiva por vários Estados brasileiros. Em Pernambuco, como em São Paulo e no Rio de Janeiro, o futebol é introduzido pelos ingleses. As partidas são inicialmente disputadas entre marinheiros e trabalhadores das companhias inglesas. Como uma repetição do que acontecera no sul do país há alguns anos, *"foi um jovem que estudara na Inglaterra, na Hooton Lown School, quem incentivou outros pernambucanos a jogar futebol. Chamava-se Guilherme de Aquino Fonseca e também se empenhou em criar uma agremiação voltada para a prática futebolística."*[104]

---

[101] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
[102] Idem, ibidem, pp. 21-23.
[103] AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, pp. 25-26.
[104] Idem, ibidem, pp. 28-29.

Se para Sevcenko, ao analisar a transfiguração urbana ocorrida na cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX, havia a intenção de regenerar a cidade e alinhá-la aos padrões de modernização europeus[105], parece-nos que a prática do futebol, naquele momento, inseria-se nessa busca de um modelo europeu de modernidade. Uma busca da transformação dos hábitos, dos costumes, dos modos de comportamento, mediante a instituição do futebol no cotidiano. A modernização não apenas do espaço, do lugar, mas, também das práticas de sociabilidade, inserindo o indivíduo num turbilhão em constante movimento. Neste sentido, rememoramos Marshall Berman e a sua visão acerca da modernidade,

> *"O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: (...) sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarra, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades.(...) No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se 'modernização'."*[106]

2.3 – FUTEBOL: UM SIGNO MODERNO?

O futebol – como esporte que hoje conhecemos – surge na Inglaterra durante o século XIX. Procuramos inseri-lo em nossa discussão sob o prisma das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea mediante a sua prática. Diante de várias possibilidades de análise, neste capítulo elegemos inicialmente fundamentar a discussão acerca da relação entre o futebol e a modernidade através da abordagem trazida por Anthony Giddens[107]. O autor relata que as transformações

[105]Cf. SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque: Rio de Janeiro, capital do arrivismo. In: *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1999, pp. 25-41.
[106] BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 16.
[107] Cf. GIDDENS, Anthony. *Conversas com Anthony Giddens*: o sentido da modernidade / Anthony Giddens e Christopher Pierson. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

implementadas pela Revolução Industrial na Inglaterra, além de instituir uma nova ordem econômica, de relações de trabalho e de modos de produção, também inovam na organização, racionalização e proliferação de novos esportes que se tornaram populares em todo o mundo. Essas transformações o autor associa à modernidade.[108]

Nesse sentido, a partir do surgimento de novas classes sociais e da modernização das relações de trabalho, a modernidade institui novos esportes e novos lazeres. Giddens concebe sua teoria afirmando que os papéis sociais atribuídos aos operários e à classe média, surgidos a partir das transformações iniciadas pela Revolução Industrial, invertem-se no instante em que esses atores organizam suas novas práticas de lazer e de esporte.

Assim, os operários que em sua profissão não têm a possibilidade de construir uma carreira, paradoxalmente, concebem nessas novas práticas de lazer e de esporte, um espaço bastante competitivo, profissionalizado e hierarquizado institucionalmente. Nesse novo espaço, criam-se as ligas, as federações e os demais aparelhos burocráticos que possibilitam, além de uma competição individualizada, uma ascensão aos cargos considerados mais importantes dentro dessa nova organização social hierarquicamente estruturada.

Em contrapartida, Giddens afirma que a classe média instituída pela industrialização, organiza-se em práticas esportivas e de lazer que privilegiam o amadorismo e a competitividade suavizada, com a ausência de organizações caracterizadas pela hierarquização. A exemplo dessa realidade, cita o rúgbi de 15 – esporte em que não existem federações.

Vemos, dessa forma, o futebol sendo instituído como signo, como uma representação do moderno no Brasil durante os últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Uma tentativa de aproximação com o modelo europeu. Uma instituição de novas práticas de lazer consideradas símbolos de uma modernidade a partir da "civilidade" da prática esportiva com suas

[108] Idem, ibidem, pp. 33-34.

regras bem definidas mediante uma racionalidade. Práticas que constroem e instituem identidades, espaços de sociabilidade em que as pessoas se reúnem em torno de um espetáculo. Inúmeras cidades vêem o seu cotidiano transformado por esse novo esporte. Inicialmente importado e praticado pelas elites do Rio de Janeiro e de São Paulo, logo se populariza entre as demais camadas sociais, em especial entre o operariado, como também, espalha-se por outras cidades brasileiras, sendo um fenômeno imanentemente urbano em que a cidade lhe dá vida, "*o fenômeno esportivo em geral, futebolístico em particular, é uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliado das horas de lazer*"[109].

Na abordagem de Sevcenko, a cidade é o espaço de propagação do futebol. Esse fenômeno que atrai multidões, desperta paixões, palpita por toda a cidade e preenche as horas de lazer. Assim, a cidade imbrica-se ao futebol, há uma cumplicidade, "*a cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele*". [110]

Ricardo de Figueiredo Lucena, em sua obra "*O esporte na cidade*: o esforço civilizador brasileiro", corrobora a ligação entre o esporte e a modernidade. Vê o esporte na sua dimensão lúdica, como o novo, no entanto, paradoxalmente autocontrolador e regulador na sociedade.

> "*O esporte aparece, entre nós, como um componente diferenciado e diferenciador. Como um elemento da 'moderna ação' que se estabelece ainda no século XIX e marca uma nova maneira de se relacionar com os fenômenos naturais e com os outros. Diferenciado, portanto, porque mais voltado para a ação de cada indivíduo, marcando a distinção entre uma maneira de viver a esfera lúdica num sentido mais regulamentado e autocontrolado. Diferenciador, porque encampa aqueles 'cujos haustos respiratórios são verdadeiros hinnos de agradecimento à natureza. [E que] não usa entre os dedos a bengalinha fina mas a clava potente do remo que vos espessa a epiderme das*

[109] SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p. 60.
[110] Idem, ibidem.

mãos, vivifica-vos o corpo e retempera-vos a alma'. Ou ainda, a distinção cada vez mais alardeada daqueles que manejam com habilidade a 'esfera de couro'."[111]

No texto, Lucena evidencia uma das possibilidades de imbricação entre o futebol e a modernidade. A transformação ocorrida na Inglaterra a partir de antigas práticas lúdicas mediante uma "passagem sincrônica do jogo popular e ritualístico ao esporte ou jogo esportivizado". Essa passagem revela o ambiente de transformações que a modernidade traz em diversos espaços da vida cotidiana – nesse caso nas práticas de divertimento estruturadas desde o século XIX, regulamentadas e racionalizadas.

Tais práticas esportivas desvelam a necessidade de controle social das emoções, da instituição de uma identidade, uma forma de autocontrole emocional, um instrumento de regulação em uma sociedade moderna caracterizada pela diversificação, controle e práticas sociais em massa, em escala mais ampla. Nesse sentido,

"Essa emergência de práticas também reafirmam um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido de controle social das emoções e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete em nível das ações motoras. O que se controla não são os sentimentos, mas o movimento, a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo. E por isso, é preciso pensar essa relação a partir também de um sentimento de identidade que se estrutura a partir dos outsiders – como uma prática que se inicia num contexto específico de um grupo social e a ela conferem um sentido diferenciado."[112]

Em uma perspectiva semelhante, Leonardo Pereira afirma que o futebol era o palco em que os hábitos europeus se afirmavam no Brasil. Cristalizava a busca pelo padrão de costumes

[111] LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 48.
[112] Idem, ibidem, p. 49.

europeus e que inicialmente influenciava as elites do início do século XX. Mediante essas influências, hábitos e costumes, o autor associa o futebol à modernidade. Assim,

> "*o time do Fluminense ia dando ao jogo no Rio de Janeiro um perfil bem definido: palco de afirmação de modismo e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade."*[113]

O ponto de vista trazido na reportagem do periódico recifense citada na epígrafe que inicia o presente capítulo, retrata as angústias e inquietudes que a falta de um estádio para prática do novo esporte trazia à cidade do Recife durante os anos 40. Para ser moderna, era necessário que as grandes cidades além de "belas avenidas, um bom serviço de águas e 'esgôto', boa iluminação", deveriam ter "um grande Estádio".

Essa "necessidade social e cultural do Estádio" repercute na cidade de Belo Jardim durante a década de 70. No ano de 1972, o periódico "O Bitury" em suas páginas esportivas estampa a seguinte manchete: "Cultura melhora estádio", em alusão às reformas implementadas pelo clube chamado Cultura Futebol Clube. Entretanto, desde os anos 40 as notícias futebolísticas têm um espaço de destaque nos jornais da cidade de Belo Jardim. Um aspecto a destacar é a presença feminina nas fotografias do período.

Ilustração 6 – Time do Santa Cruz Futebol Clube de Belo Jardim na década de 1940

A cidade tem os seus hábitos modificados. É crescente o interesse pelas disputas realizadas todos os domingos no estádio da Gameleira, pertencente ao clube do Santa Cruz Futebol Clube. Há também convites para times de futebol das cidades vizinhas virem jogar em Belo Jardim. O entusiasmo do público local cristaliza-se na expectativa de assistir às acirradas partidas. Os jornais registram esses novos hábitos que concorrem para a consolidação e proliferação do futebol na cidade:

> *"Realizou-se domingo último no estádio da Gameleira um encontro pebolístico entre o «Íris», valoroso «team» de nossa terra e um conjunto de Pesqueira. Lamentando, embora, mas usando da sinceridade temos a registrar que o jogo foi simplesmente destituido (sic) de interesse em virtude do pouco ou nenhum preparo do quadro visitante. Esta notícia é nossa afirmação e a publicamos em nome da Diretoria do querido «Íris» que apresenta ao povo as suas desculpas.*

[113] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit., p. 31.

O «Íris» convidou para jogar, o «Comercio», de Pesqueira, e à revelia de sua Diretoria, veiu (sic) um «conjunto» de última hora, que infelizmente não deixou em nós boa impressão."[114]

A reportagem acima registra o pedido de desculpas quanto à fragilidade do time visitante que, como se deduz, frustraria a expectativa da torcida em relação à disputa. O futebol instituía novos hábitos e costumes, a sua prática permeava o cotidiano da cidade. As disputas dominicais eram aguardadas com ansiedade, registradas pelas páginas esportivas e tinham um espaço de destaque na diagramação dos periódicos. Ao mesmo tempo em que confirmava o prestígio adquirido pelo futebol na cidade, o cronista exaltava o repúdio ao fraco desempenho da equipe visitante. O pedido de desculpas em nome da diretoria do "Íris" desvela a importância dada aos grandes confrontos e partidas disputadas com as equipes convidadas de outras cidades. Dá uma amostra da rivalidade que se esperava durante essas partidas. Rivalidade que crescia especialmente quando aconteciam entre clubes de cidades vizinhas que buscavam naquele momento a consolidação da hegemonia política e econômica local. Também nos revela que a prática futebolística se difundia pelo Vale do Ipojuca, tomando uma dimensão mais ampla e interagindo no cotidiano regional.

Durante a década de 1960, o futebol continua a se difundir e a se espalhar pela cidade de Belo Jardim. Novos clubes surgem, como também cresce o número de adeptos do esporte. O futebol passa a atingir várias camadas sociais e diversas faixas etárias. O público incentiva a prática esportiva ao prestigiar assistindo ao primeiro campeonato de futebol da cidade[115]. Inicialmente cinco equipes são inscritas na competição: Santa Cruz, Cultura, Comércio, Dnocs e

[114] "O jogo de Domingo último entre o «Íris» e um conjunto pesqueirense: foi vitorioso o «team» de José Araçá, pela contagem de 3x2." *A Voz da Cidade*, Belo Jardim, 11.01.1942, ano I, nº 5, p. 4. (grifo nosso)
[115] MARINHO, Bartolomeu. "Futebol da cidade". *O Batalhador*, Belo Jardim, maio de 1960, ano I, nº 1, p. 2.

Mariola, que compõem as primeiras equipes a disputar o campeonato local em 1960[116]. Ocorre ainda a participação de equipes infantis e de aspirantes que realizam as partidas preliminares. O cotidiano da cidade é perpassado pelos novos hábitos incorporados. Institui-se novas práticas, novos hábitos e costumes – o futebol se consolida.

Nesse sentido, o futebol durante a década de 1960 instituiu um espaço de sociabilidade. Discussão essa que Michel de Certeau[117] traz à tona teorizando a dicotomia entre "lugar" e "espaço". Para Certeau, "o espaço é um lugar praticado", em que o lugar se refere a algo estático em que os objetos inseridos não contém muitos significados. Por outro lado, o espaço seria o lugar praticado a partir das ações dos sujeitos que significam, ressignificam o lugar dando-lhe movimento, ação, enfim, construindo-lhe os significados. Os objetos até então inertes, estáticos, ganham novas dimensões a partir das práticas nele instituídos.[118]

O futebol prolifera-se na cidade. O estádio da cidade de Belo Jardim ganha um redimensionamento mediante as práticas do futebol. Deixa de ser estático, apenas um "lugar", para transformar-se num novo "espaço" em que a prática estabelecida não seria apenas uma prática esportiva, mas, toda uma rede de novos hábitos e costumes que são incorporados ao cotidiano da cidade. Dessa forma, institui-se não apenas a simples disputa esportiva, mas, sobretudo a construção desse novo espaço de sociabilidade num emaranhado de novos significados que a cidade incorpora. A identidade é ressignificada através da preferência e escolha pelos times locais. O estádio cristaliza-se como novo cenário do cotidiano e o público comparece e prestigia o campeonato local:

---

[116] Idem, ibidem.
[117] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1 – artes de fazer. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
[118] Idem, ibidem, pp. 201-203.

> *"Indiscutivelmente o futebol belojardinense atravessa uma boa fase. Desde os clubes infantis até os titulares, o movimento é intenso.*
>
> ***O Campeonato da Cidade, primeiro da História Esportiva da Terra do Bitury**, já foi iniciado, apresentando inúmeras novidades mostrando assim, bem claro, esse desenvolvimento, que dia a dia, se arregimenta, criando novos incentivos.*
>
> *Por outro lado, o público local vem colaborando com esse empreendimento comparecendo em massa a toda as competições esportivas. Enquanto isso, os clubes infantis e Aspirantes têm a primazia de se enfrentarem em partidas preliminares, servindo como uma atração a mais no conclave."*[119]

Nos anos seguintes, o futebol consolida-se e o campeonato da cidade passa a se chamar "Hexagonal Hélio Maciel"[120]. Novos times integram as disputas durante o ano de 1964, enquanto outros deixam de participar. O campeonato então é composto por seis equipes: Santa Cruz, Cultura, Ferroviário, Comércio, Mariola Esporte Clube, Associação Belojardinense de Atletismo – ABA[121]. As equipes do Santa Cruz Futebol Clube e do Cultura Futebol Clube, as mais antigas em atividade na cidade, protagonizam o que a imprensa chama de "o grande clássico da terra do Bitury"[122]. As partidas são disputadas sob uma rivalidade e a uma tradição que cada um dos clubes desperta e institui entre o público. O "tricolor da Gameleira" , como fica conhecido o Santa Cruz de Belo Jardim, é o clube de maior torcida ganhando os primeiros campeonatos disputados. O alviverde ou o esmeraldino, como fica conhecido o time Cultura Futebol Clube, é o segundo clube a conquistar mais títulos.

A consolidação do futebol na cidade de Belo Jardim é bastante significativa. Cristaliza-se, como já frisamos, mediante a realização do campeonato local, da participação do público, da boa arrecadação nas bilheterias e do surgimento de novas agremiações. Também concretiza-se

---

[119] MARINHO, Bartolomeu. "Futebol da cidade". *O Batalhador*, Belo Jardim, maio de 1960, ano I, n.º 1, p. 2. (grifo nosso)
[120] PAZ, José da. "O hexagonal Hélio Maciel". *O Líder*, Belo Jardim, 02.08.1964, ano I, n.º 1, p. 6.
[121] Idem, ibidem.
[122] *Diário de Pernambuco*, Recife, 30.10.1977.

mediante a construção dos lugares e instituição dos espaços[123] de sociabilidade. Nesse sentido de construção do lugar, a reportagem do jornalista João Torres no "Diário de Pernambuco" nos dá indícios sobre uma época:

> *Foi inaugurada anteontem a praça de esportes do Cultura Esporte Clube, contando com a presença de autoridades municipais, desportistas da região e pessoas convidadas. O ato solene verificou-se às 14 horas, quando foi entregue a praça de esportes aos belojardinenses. Os trabalhos foram estimados em 1 milhão de cruzeiros (...) Conta Belo Jardim, atualmente, com duas praças de esportes, que dão um aspecto feliz aos homens que comandam o esporte na terra do Bitury.*
>
> *O Estádio Júlio Aniceto da Silva é um belo presente aos desportos belojardinenses e uma grande realidade.*[124]

Por outro lado, a cobrança de ingressos para assistir às partidas realizadas evidencia o interesse do público pela disputa do campeonato de 1964. A boa arrecadação proporcionada é registrada pela imprensa que afirma: "financeiramente o campeonato foi bom, arrecadando aproximadamente Cr$ 200.000,00"[125]. A esse respeito, o valor da arrecadação corresponde apenas ao 1º turno do campeonato, publicado no periódico "O Líder" nas reportagens sobre o "Hexagonal Hélio Maciel" e "Retrospecto Geral do 1º Turno do Certame Belojardinense". Essa constatação vem corroborar a afirmação da boa arrecadação realizada pelo cronista, pois o valor arrecadado corresponde a 10.000 vezes o valor do periódico que custava Cr$ 20,00. Esse campeonato, assim como o primeiro realizado quatro anos antes, foi disputado através de uma mesma fórmula mediante a divisão em dois turnos. Isso facilitaria a compreensão da fórmula de disputa, bem como dos regulamentos do campeonato por parte do público.

---

[123] Discutimos anteriormente neste capítulo acerca da dicotomia entre espaço e lugar.
[124] TORRES, João. "Nova praça de jogos de Belo Jardim foi inaugurada Domingo". In: *Diário de Pernambuco,* abril de 1961.
[125] PAZ, José da. "O hexagonal Hélio Maciel". *O Líder*, Belo Jardim, 02.08.1964, ano I, n.º 1, p. 6.

Mas o novo também causaria o estranhamento. Assim como já havia ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, entretanto, desta vez por motivos adversos. Leonardo Pereira narra o estranhamento por parte da imprensa carioca nas primeiras décadas do século XX, em relação aos resultados das partidas terminavam empatadas[126]. Esse estranhamento, tinha outra motivação em Belo Jardim anos mais tarde. Não mais o estranhamento pelo resultado. Todavia, uma certa impaciência pelos jogos chamados "clássicos" em que uma equipe goleava com facilidade a equipe adversária. Uma vez que essas partidas eram cercadas de expectativa quanto ao embate que se aguardava ansiosamente e sempre se esperava uma disputa mais difícil que se refletiria em um placar sem grandes goleadas. Assim:

> *"O tradicional clássico belojardinense que é o Cultura x Santa Cruz não passou de uma autêntica pelada. O tricolor da gameleira, venceu seu adversário como bem quiz (sic), aplicando-lhe uma tremenda goleada, pois, a equipe esmeraldina não foi adversário a (sic) altura da equipe santacruzense. A equipe do Santa Cruz sagrou-se merecidamente campeã do primeiro turno do Hexagonal Hélio Maciel."*[127]

O cronista acima registra a frustração diante do resultado fácil em uma partida decisiva. Essa frustração se reflete na "autêntica pelada" em que havia se tornado uma partida cercada pela expectativa de um grande confronto decisivo. Retomamos então, a idéia de tensão construída por Huizinga em relação ao jogo. A tensão, a incerteza, a dúvida pelo desfecho, pelo resultado dominam o jogo e *"quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o jogo. Esta tensão chega ao extremo nos jogos de azar e nas competições esportivas"*[128]. Dessa maneira, podemos melhor compreender a frustração descrita pelo cronista. O futebol, como os demais esportes, consegue atrair a atenção do público, consegue mobilizar grande parte

[126] Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit.
[127] PAZ, José da. "O hexagonal Hélio Maciel". *O Líder*, Belo Jardim, 02.08.1964, ano I, n.º 1, p. 6.

de uma sociedade em busca de uma fuga da realidade, em busca de uma felicidade momentânea. E a tensão, essa incerteza, esse acaso, essa expectativa com o desenlace do jogo é um dos elementos que torna o esporte interessante, atraente, apaixonante.

2.4 – A CIDADE ESTEVE EM FESTA

A proliferação do futebol em Belo Jardim a partir de 1960 consolida-se com a criação da Liga Desportiva Belojardinense – LDB, filiada à Federação Pernambucana de Futebol – FPF. O "Diário de Pernambuco" estampa em suas páginas esportivas: "Belo Jardim viveu dias de festas com a posse da diretoria da LDB".[129]

Em 22 de maio daquele ano, a cidade passou a integrar o restrito grupo de municípios oficialmente representados junto à Federação Pernambucana de Futebol – Caruaru, Limoeiro, Garanhuns, Pesqueira, Igarassu, Escada, Vitória de Santo Antão e Belo Jardim. Dessa forma, o campeonato municipal de futebol passa a não apenas ser oficialmente reconhecido pela entidade competente no Estado, como também se torna mais atraente, reunindo agremiações de cidades próximas. O primeiro presidente da LDB é o senhor José de Sousa Cavalcante – homenageado após a sua morte, dando nome ao Estádio do Santa Cruz, popularmente chamado de Estádio da Gameleira.

"A cidade esteve em festa". A criação da Liga Desportiva local contou com a participação das pessoas que dirigiam o futebol de Belo Jardim, das seis equipes que fundaram a Liga e também contou com uma grande participação do público que prestigiou o evento.[130] Houve ainda a realização de um torneio vencido pelo Santa Cruz local. O conhecido jornalista Lenivaldo

---

[128] HUIZINGA, Johan. Op. cit., p. 14.

Aragão, do jornal "Diário de Pernambuco", acompanhou os acontecimentos que foram registrados em reportagem que destacava a presença do presidente da Federação Pernambucana de Futebol – Sr. Rubens Moreira. Entretanto, a ênfase dada pela reportagem seria em relação à "florescência do futebol na cidade"[131], evidenciando a proliferação do esporte:

> *"O futebol de Belo Jardim encontra-se atualmente numa fase de florescência, a julgar pela criação da liga, em 22 de maio deste ano. Até pouco tempo existia apenas um clube, o tradicional Santa Cruz. Outros clubes foram surgindo; daí a necessidade da fundação da LDB, o que foi feito graças ao esforço de José de Souza, José de Andrade e outros. Hoje, a Liga Desportiva Belojardinense reúne os seis clubes seguintes: Santa Cruz Esporte Clube, Comércio Futebol Clube, Cultura Esporte Clube, Mariola Esporte Clube, Palmeiras Atlético Clube e Olaria Futebol Clube."*[132]

A idéia de desenvolvimento e progresso também se faz presente na racionalização do futebol em Belo Jardim. A existência de poucas Ligas Desportivas locais em Pernambuco, as festas, as solenidades e as disputas programadas para a posse da diretoria da LDB, bem como a presença do Presidente da FPF, constroem no imaginário coletivo uma idéia de importância crescente e de projeção para a cidade a partir do futebol.

> *"A cidade de Belo Jardim estará em festa, hoje, com a posse da primeira diretoria de sua Liga Desportiva, recentemente fundada. Trata-se de um acontecimento de importância para o desporto daquele centro, que começa a se projetar no cenário estadual, graças à abnegação dos homens que o dirigem.*
>
> *Fundada em maio deste ano, a Liga Desportiva de Belo Jardim é um marco de progresso na história dos desportos belojardinenses, que, a exemplo de outros centros, vai caminhando na trilha do desenvolvimento concorrendo assim para que o bom nome desportivo de Pernambuco seja enaltecido, não só na capital, mas também no interior."*[133]

---

[129] ARAGÃO, Lenivaldo. "Belo Jardim viveu dias de festas com a posse da diretoria da LBD". In: *Diário de Pernambuco*, maio de 1960.
[130] Idem, ibidem.
[131] Idem, ibidem.
[132] Idem, ibidem.

Essa idéia de progresso é difundida através da imprensa esportiva. A respeito da proliferação das Ligas Desportivas pelo interior de Pernambuco, a imprensa vê uma necessidade de acompanhar o ritmo do desenvolvimento, mediante a organização das Ligas Desportivas. E como incentivo à criação dessas instituições, observa a possibilidade de realização de um campeonato entre as seleções das Ligas existentes e filiadas como de fundamental importância para a desejada proliferação e consolidação do futebol no interior do Estado de Pernambuco e não mais apenas na capital. Naquele momento,

"As perspectivas para a realização de um campeonato entre seleções são boas, embora saibamos que em alguns centros os obstáculos sejam inúmeros, entretanto nunca insuperáveis.

A criação de um certame anual entre as seleções das ligas proporcionará um maior intercâmbio entre os centros interioranos e na certa influirá fortemente na fundação de mentoras em outras cidades, que procurarão forçosamente acompanhar o ritmo de progresso das demais."[134]

O campeonato da Ligas Desportivas das cidades era visto como a probabilidade mais concreta de um grande incentivo e apoio àquelas Ligas. No início dos anos 60, predominava a idéia de que a FPF poderia consolidar e dinamizar a prática do futebol no interior de Pernambuco, mediante a organização do certame intermunicipal que movimentaria as entidades locais filiadas. A imprensa esportiva mais uma vez tornava-se a porta-voz dos desportistas distantes da capital de Pernambuco. O campeonato seria a perspectiva de progresso para o futebol no interior do Estado, e nesse sentido, Lenivaldo Aragão escrevia em um de seus artigos publicados no Diário de Pernambuco:

---

[133] "Liga de Belo Jardim empossa diretoria". In: *Diário de Pernambuco*, agosto de 1960.

> *"Não pode ficar relegado ao esquecimento o futebol no interior, se bem que o <association> da capital requisite pelo menos oitenta por cento das atenções da entidade. De há muito as ligas necessitam de uma maior apoio, moral e material, o que já existe, por sinal, porém em pequenas proporções.*
>
> *A necessidade de se imprimir o desporto interiorano um grau maior de progresso se faz sentir, o que não é papel apenas da entidade da Rua D. Bosco, mas da próprias ligas, que devem unidas trabalhar com este objetivo e apresentar resultados benéficos futuramente.*[135]

A preocupação do jornalista estaria centralizada no papel a ser desempenhado pela Federação Pernambucana de Futebol e das Ligas Desportivas locais. Para Aragão, as Ligas deveriam se unir na tentativa de sensibilizar o presidente da FPF no intuito de realizar o "campeonato da Ligas". Naquele momento de discussão, a imprensa teria um importante papel na consolidação dos ideais e dos sonhos de que a FPF patrocinasse e organizasse o campeonato. Nesse sentido, foi sugerida pelo jornalista uma reunião entre os presidentes das Ligas.

2.5 – A EXPANSÃO DO FUTEBOL EM BELO JARDIM

O futebol espalha-se pela cidade. O anúncio a seguir sobre a partida que seria disputada entre as equipes do Santa Cruz de Belo Jardim e do ASA de São Bento do Una revela a importância dada ao campeonato de futebol organizado pela Liga Desportiva de Belo Jardim. Percebe-se inicialmente a abrangência do campeonato que se ampliava com a participação de clubes pertencentes a outras cidades – no caso o ASA, Associação Sãobentense de Atletismo, da vizinha cidade de São Bento do Una a aproximadamente 20 Km de distância.

Por outro lado, no anúncio desvela-se a expectativa em torno da partida em que "*estas duas agremiações decidirão no próximo Domingo, a liderança e invencibilidade do campeonato da*

---

[134] ARAGÃO. LENIVALDO. "Campeonato das Ligas: perspectiva de progresso para o futebol interiorano". In: *Diário de Pernambuco*, maio de 1960.

cidade." Vemos ainda, o apelo ao lúdico para atrair as pessoas. Esse lúdico que Huizinga compreende está ligado e inserido na cultura, neste caso na cidade de Belo Jardim. Esse apelo ao lúdico evidencia-se na frase: "Portanto será um choque de emoções". A palavra "emoções" corrobora a busca pelo lúdico que o futebol proporciona. Uma maneira das pessoas buscarem a tensão, a expectativa, a hesitação.

Atenção

DESPORTISTAS

BELOJARDINENSES

Domingo 1. de Outubro o grande classico dos Invictos: Santa Cruz X Asa de São Bento do Una.

Estas duas agremiações decidirão no proximo domingo, a liderança e invencibilidade do campeonato da cidade.

Portanto será um choque de emoções.

O Santa Cruz, espero domingo vêndo-o, o apoio de toda torcida Belojardinense, afim de conquistar mais um triunfo conquistador e ao mesmo tempo aumentar mais um degrau em sua magnifica campanha de jogos invictos.

Todos ao campo, para aplaudirem o velho e tradicional Santa Cruz.

O estadium José de Souza será palco, desse sensacional duelo de gigantes.

O juiz da partida será o popular Sherlok.

Pelo Santa Cruz tudo!!!

Não deixem de aplaudirem as jogadas dos seguintes jogadores do Santa Cruz: Tininha, Raposo, Tide, Wilson, Siqueira, Benedito, Marconi, Amaro, Jurandir, Edmundo, Raul, Marcos, Bartolomeu, Rui, Ahisio e Tico.

Ao procurarmos ampliar a análise deste anúncio, vemos ainda as transformações trazidas pelo futebol no imaginário da cidade de Belo Jardim. Há uma imbricação entre tradição e modernidade. O Santa Cruz, historicamente ainda novo é ligado a adjetivos como "velho",

[135] Idem, ibidem.

"tradicional". Ao lembrarmos que neste trabalho já citamos o conceito de tradição de Anthony Giddens em que a tradição significa repetição, rotina[136], observamos neste caso uma contradição – embora seja chamado de tradicional, o futebol e o campeonato representava o novo, o moderno, quando buscamos defini-lo dentro desta dicotomia entre tradição e modernidade, entre velho e novo.

Em uma outra possibilidade de percepção, observamos outra característica, outro indício de modernidade – a multidão. "***Todos*** *ao campo, para aplaudirem (sic) o velho e tradicional Santa Cruz*", "***Não deixem*** *de aplaudirem (sic) as jogadas dos seguintes jogadores do Santa Cruz* (...)". "*O Santa Cruz espera Domingo vindouro, o apoio* ***de toda a torcida*** *Belojardinense* (...)"[137]. Nessas frases percebemos a expectativa de um bom público por parte dos organizadores e diretores do time da cidade de Belo Jardim. Observamos os sinais de que as pessoas se envolviam com o futebol na cidade e que haveria a presença de um número significativo de pessoas durante as partidas.

O anúncio, então, testemunha uma época, constrói uma maneira de se praticar o futebol. Traz indícios de como se dava o futebol na década de 1960 na cidade de Belo Jardim. E ainda revela a expectativa da cidade em relação ao jogo. Traz sinais de que o público, as pessoas, os torcedores se reuniam no espaço de sociabilidade construído a partir do futebol – o estádio. Nesse sentido, o futebol que como prática esportiva e de sociabilidade acontecia e efervescia as grandes metrópoles, as grandes cidades desde as primeiras décadas do século XX, também se realizava e consolidava-se na Belo Jardim dos anos 60. Uma instituição de um signo que representava a modernidade.

---

[136] GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991, pp. 106-108.
[137] Anúncio apócrifo convocando a torcida da cidade de Belo Jardim para o jogo entre Santa Cruz e ASA, de São bento do Una. (grifos nossos)

2.6 – CAMPEONATO DAS LIGAS DO INTERIOR – A I COPA DO INTERIOR E A TAÇA PERNAMBUCO

As fotografias e os relatos da época registram a repercussão que a criação da Liga Desportiva Belojardinense teve na cidade[138]. Houve um comparecimento de numeroso público para prestigiar a solenidade de fundação dessa entidade esportiva e as partidas disputadas naquela ocasião[139]. Além do almoço de confraternização, oferecido ao Presidente da Federação Pernambucana de Futebol – Rubem Moreira – e demais dirigentes vindos de Recife e das cidades vizinhas, ocorreu um desfile das equipes fundadoras da LDB[140]. Entretanto, a notícia mais comemorada fora o anúncio feito pelo Presidente da FPF de que no ano seguinte – 1961 – seria iniciado o primeiro campeonato de seleções de futebol entre as cidades do interior do Estado, organizado pela Federação Pernambucana de Futebol com a participação das cidades que possuíam suas Ligas Desportivas filiadas.

O anúncio da realização daquele campeonato trouxe grande expectativa e ansiedade entre os desportistas de Belo Jardim e demais cidades que já tinham suas Ligas Desportivas devidamente constituídas e reconhecidas pela FPF.

---

[138] *Diário de Pernambuco*, maio de 1960.
[139] ARAGÃO, Lenivaldo. "Belo Jardim viveu dias de festas com a posse da diretoria da LBD". In: *Diário de Pernambuco*, maio de 1960.
[140] Idem, Ibidem.

Expectativa das mais ruidosas pelo início da Copa do Interior

O futebol interiorano vive dias ruidosos, atualmente, com a aproximação da I Copa do Interior, certame instituído pela Federação Pernambucana de Futebol, no sentido de colocar em ação as representações de suas ligas, numa série de competições que está fadada a alcançar sucesso absoluto.

Em tôdas as cidades, que tomarão parte no campeonato interiorano, o movimento é dos mais intensos, no que se refere ao setor futebolístico, já que diante da rivalidade, que separa cada centro esportivo da hinterlândia, cada mentora prima por se representar com um bom conjunto.

Está marcado para o próximo domingo, dia 12 do corrente, o certame interiorano de seleções, que será disputado pelo sistema de eliminatórias, na modalidade dos prelios da Taça Brasil.

JOGOS E AUTORIDADES

A FPF já deliberou as autoridades que estarão em ação nos cinco jogos que serão travados no próximo domingo. Ficou assim organizada a tabela:

Limoeiro x Garanhuns — Local Limoeiro (Estádio José Vereda) Arbitro — Sebastião Rufino; Delegado — Jaime de Brito Bastos.

Pesqueira x Caruaru — Local Pesqueira (Estádio Joaquim de Brito) Arbitro — Manuel Correia Lima; Delegado a escolher.

Belo Jardim x Vitória de Sto. Antão — Local, Belo Jardim; Arbitro — Torres Sidronio; Delegado — Paulo Silva.

Barreiros x Escada — Local, Barreiros; Arbitro — Waldemir Wanderley; Delegado a escolher.

Olinda x Igarassu — Local Olinda; Arbitro — José Amaro Dutra; Delegado — Wilson Ribeiro Brum.

JOGOS NO DIA 19

Garanhuns x Limoeiro — Local, Garanhuns; Arbitro — Torres Sidronio; Delegado — Wilson Ribeiro Brum.

Caruaru x Pesqueira — Local, Caruaru; Arbitro — Sebastião Rufino; Delegado — Jaime de Brito Bastos.

Vitória de Sto. Antão x Belo Jardim — Local, Vitória de Sto. Antão; Arbitro — José Amaro Dutra; Delegado a escolher.

Escada x Barreiros — Local Escada; Arbitro — Manuel Correia Lima; Delegado — Paulo Silva.

Igarassu x Olinda — Local, Igarassu; Arbitro — Waldemir Wanderley; Delegado a escolher.

Defesa do Santa Cruz, de Belo Jardim, que será a base da seleção local

DIÁRIO DE PERNAMBUCO nos Esportes

Ilustração 8 – Expectativa das mais ruidosas pelo início da Copa do Interior

Houve ainda, uma preocupação com a exploração eleitoral do fato. Em uma de suas reportagens, o “Diário de Pernambuco” dava indícios que a oposição poderia afirmar que a notícia da criação desse inédito campeonato, envolvendo as Ligas do interior do Estado de Pernambuco, teria a possibilidade de ser “mera propaganda eleitoral”. Uma vez que, dessa maneira, o Presidente da FPF, asseguraria os votos daquelas Ligas para a reeleição ao cargo. Mas, o jornalista encerra a reportagem confiante na seriedade da proposta apresentada. Respaldava sua confiança no fato de que Rubem Moreira seria “mais uma vez candidato único” e que o “imperioso dever do amparo ao futebol” estava sendo motivo da realização do campeonato.[141]

As reuniões preliminares acontecidas na FPF que antecederam a realização da I Copa do Interior, deixaram para trás as suspeitas sobre as intenções do torneio. Todas as dez Ligas

Desportivas filiadas puderam discutir juntamente com os dirigentes da Federação Pernambucana de Futebol acerca do regulamento e da fórmula de disputa, com exceção da Liga Desportiva de Limoeiro que não enviou representante. Um impasse fora registrado pela imprensa durante a reunião. A fim de diminuir os custos, uma vez que as despesas com transporte e hospedagem correriam por conta da FPF, aquela entidade propunha a disputa por região. Isso contrariava os interesses das Ligas locais que pleiteavam o sorteio. *"Finalmente, chegaram a conclusão de que o sorteio era a solução. E, depois de prolongados debates, discutiu-se, votou-se e aprovou-se a questão do sorteio."* [142]

Ilustração 9 – "Rubem Moreira presidiu a reunião das Ligas do interior"

A notícia de que se realizaria a I Copa do Interior patrocinada pela FPF, modificou a rotina do futebol em Belo Jardim. Houve uma reunião entre o Conselho Diretor da LDB a fim de traçar

[141] ARAGÃO, Lenivaldo. "Campeonato das Ligas: perspectivas de progresso para o futebol interiorano", In: *Diário de Pernambuco*, maio de 1960.
[142] "Limoeiro X Garanhuns – Caruaru X Pesqueira, abrirão a 'I Copa do Interior': 12 de março". In: *Diário de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1961, p. 8.

os planos para a participação da seleção local no campeonato. Fora escolhido inicialmente o nome do treinador: Geraldo Magalhães e o seu assistente, o preparador físico José Ananias de Moraes. Em seguida, ambos apresentaram à LDB uma relação com os nomes dos jogadores convocados para a primeira seleção que representaria a cidade de Belo Jardim:

> *"Do SANTA CRUZ – Tininha (goleiro); Raposo e Aluísio (zagueiros); Wilson, Simão, Siqueira, Edmundo (médios); Marconi, Ruy, Arlindo, Tico, Bartó (atacantes).*
> *Do CULTURA – Geraldo (goleiro); Ninha (zagueiro); Joel, Pinheiro, Nado (médios); Juvenal, Missias, Neco, Wassil, Zezito (atacantes).*
> *Do COMÉRCIO – Cincinatto (médio-volante) e Garrincha (ponta-esquerda)."* [143]

CONVOCADOS OS JOGADORES PARA A SELEÇÃO DE BELO JARDIM

BELO JARDIM (De João Torres para o DIARIO DE PERNAMBUCO) — O conselho diretor da LDB, esteve reunido com o fim exclusivo de traçar planos com relação ao selecionado belojardinense, que participará da "La Copa do Interior", patrocinada pela Federação Pernambucana de Futebol.

Depois de duas horas de debates foi escolhido, inicialmente, o treinador do selecionado, sr. Geraldo Magalhães, sendo seu assistente, o preparador físico José Ananias de Moraes (Zezinho), antigo defensor do Vera Cruz de Carmaru.

JOGADORES CONVOCADOS

Os técnicos Geraldo Magalhães e José Ananias de Moraes, já apresentaram aos dirigentes da Liga Desportiva de Belo Jardim, os nomes dos atletas que deverão formar o selecionado da "Terra do Bitury".

Do SANTA CRUZ — Tininha (goleiro); Raposo e Aluísio (zagueiros); Wilson, Simão, Siqueira, Edmundo (médios); Marconi, Ruy, Arlindo, Tico, Bartó (atacantes).

Do CULTURA — Geraldo (goleiro); Ninha (zagueiro); Joel, Pinheiro, Nado (médios); Juvenal, Missias, Neco, Wassil, Zezito (atacantes).

Do COMERCIO — Cincinatto (médio-volante) e Garrincha (ponta esquerda).

TREINAMENTOS

A Seleção Belojardinense, já iniciou seus treinamentos, sob a orientação dos técnicos Geraldo Magalhães e José Ananias de Moraes.

PRIMEIRO COMPROMISSO

Existe possibilidades da seleção de Belo Jardim, jogar amistosamente no próximo domingo, à tarde, na cidade de Pesqueira, contra o União, todo dependendo do exame médico que será efetuado possivelmente no domingo pela manhã.

Vale ressaltar que este logo seria do Santa Cruz, que depois de um entendimento concedeu a vez à Seleção para realizar seu primeiro teste.

Ilustração 10 – Convocados jogadores da seleção de Belo Jardim

[143] TORRES, João. "Convocados os para a seleção de Belo Jardim". In: *Diário de Pernambuco*, fevereiro de 1961.

Após a convocação da seleção de Belo Jardim, inicia-se uma série de partidas amistosas visando à preparação para a competição. Competição essa, que estava cercada de grande importância pela imprensa esportiva pernambucana, por reunir várias cidades e também por ser até então inédita. Assim, a I Copa do Interior era aguardada com grande expectativa pelos desportistas de Belo Jardim.

A I Copa do Interior realizada em 1961 pela FPF, reunia as seleções das cidades cujas Ligas Desportivas estavam filiadas e homologadas à Federação Pernambucana. A fórmula de disputa era a seguinte: sorteavam-se as equipes, separando-as em duas em duas que jogariam entre si uma vez em cada cidade e ao final das partidas classificaria-se à fase seguinte aquela que somasse mais pontos. Em caso de empate após as duas partidas, realizar-se-ia uma terceira partida de desempate em “campo neutro” que se decidiria até os pênaltis se necessário. A fórmula era simples e se aplicava até as partidas finais.

A seleção de Belo Jardim enfrentou em sua primeira partida a seleção de Vitória de Santo Antão. No primeiro confronto, em Belo Jardim, um empate em 0 x 0. Na segunda partida, realizada na cidade de Vitória de Santo Antão, vemos a importância dada ao evento mediante os indícios do anúncio a seguir.

ATENÇÃO DESPORTISTAS !

A «Casas Mauricéa» prestigiando as nossas causas, os nossos interesses, avisa e convida o pôvo, a familia vitoriense a comparecerem amanhã, á tarde ao Campo do Dique para aplaudir, para incentivar a seleção de Vitória, á sua 1ª. vitória no campeonato interiorano de futebol.

A seleção vitoriense necessita do apoio dos seus desportistas, do seu povo, para brilhar nesta grande competição. Depois do empate de 0 x 0 obtido domingo passado em Belo Jardim contra a sua seleção e uma imensa torcida, nêsse 2º. encontro, amanhã, Vitória precisa vencer para se classificar.

Grande festa foi programada para a comitiva visitante, que chegará ás 10 horas da manhã aproximadamente. Virá também a esta cidade a Banda Marcial da Marinha, que antes da partida fará evoluções, formação de letras, etc.

No campo teremos a presença de nomes ilustres nos setores politicos e esportivos de Pernambuco, inclusive o Dr. João Cleofas.

As rádios Clube e Olinda transmitirão para todo o nordeste esta sensacional partida que será tambem televisionada.

Não percam amanhã
Vitória x Belo Jardim
pelo campeonato do interior.

Atenção! A partir de 2a. feira será realizada diariamente na Casas Mauricéa uma grande feira de retalhos com uma queima total.

Visite e aproveite — Rua Barão do Rio Branco, 104

Ilustração 11 – "Atenção desportistas belojardinenses"

O anúncio anterior aborda a expansão do futebol pelo interior do Estado de Pernambuco, a partir da realização da I Copa do Interior. Em relação à presença do público, o anúncio registra o comparecimento de "*uma imensa torcida*" na disputa ocorrida na cidade de Belo Jardim. Confirma, dessa forma, a importância do futebol em Belo Jardim: "*Depois do empate de 0 x 0 obtido Domingo passado em Belo Jardim contra a sua seleção e* ***uma imensa torcida,*** *nêsse 2º encontro, amanhã, Vitória precisa vencer para se classificar.*" [144]

A importância da prática do futebol no espaço citadino mostra-se também pela transmissão daquela partida ao vivo. "As rádios Clube e Olinda transmitirão para todo o nordeste esta sensacional partida que também será televisionada."[145] A velocidade da vida moderna se desvela na simultaneidade das transmissões. O público das cidades distantes dos grandes centros urbanos

[144] Idem, ibidem. (grifo nosso)

é atingido pela velocidade da informação sobre os acontecimentos. A modernidade constrói um novo ambiente, interliga o indivíduo ao acontecimento remoto e em tempo real. A simultaneidade é uma marca dessa modernidade caleidoscópica, multifacetada que perpassa a cidade de Belo Jardim e as demais cidades do interior de Pernambuco.

O anúncio a seguir exprime a proliferação e a instituição de uma rede de comunicação entre as cidades do interior de Pernambuco. As diversas cidades se viam representadas, divulgadas e interligadas através das transmissões ao vivo de rádio e televisão, através dos videoteipes das partidas ou mediante a exibição dos melhores momentos das partidas realizadas.

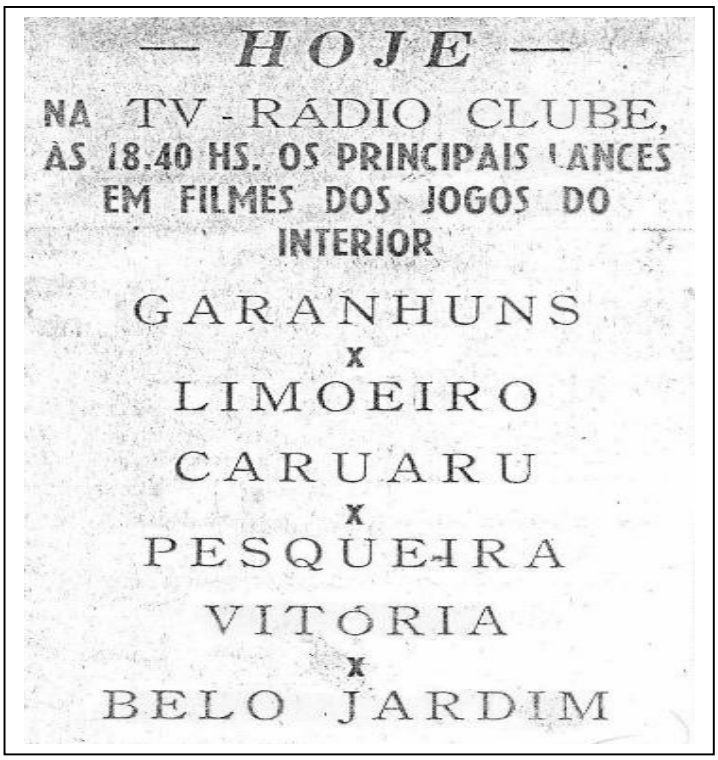


Ilustração 12 – "Hoje na TV Rádio Clube às 18:40 HS. (sic) ...

[145] Idem, ibidem.

Além da ampliação do número dos clubes de futebol em Belo Jardim, surgem em diversas cidades, novas equipes e adeptos do futebol a partir da criação e do sucesso dos campeonatos envolvendo as diversas Ligas e clubes do interior. Em 1961, a Taça Pernambuco era manchete no "Diário de Pernambuco": "Nova rodada da Taça Pernambuco atração do futebol no Interior".[146]

Faz-se necessário um breve esclarecimento acerca dessa competição, aliás, dessas duas competições, uma vez que existiam dois campeonatos oficiais organizados pela FPF envolvendo desportistas do interior do Estado. A Copa do Interior reunia as seleções das cidades inscritas e filiadas à Federação Pernambucana de Futebol. As seleções eram convocadas e compostas por atletas inscritos na FPF pelos clubes locais. Dessa forma, os atletas poderiam defender a seleção representante da Liga Desportiva a qual estava filiado o seu clube. Já a Taça Pernambuco, envolvia apenas os clubes campeões das Ligas locais, espalhadas pelo Estado. Assim, só participavam dessa última competição, os atletas vinculados aos seus respectivos clubes nas Ligas locais e homologados pela FPF.

Acerca dessas competições, o jornalista Bartolomeu Marinho esclarece em uma entrevista concedida para esta pesquisa:

> *"Antes era Copa Pernambuco e Copa do Interior de seleções. No outro ano fazia a Taça Pernambuco, eram os clubes. Cada clube representando a sua Liga. Como por exemplo, a Copa do Brasil, temos times de Recife, um ou dois, representando cada um o seu Estado. Nessa época, na Taça Pernambuco cada time representava a sua cidade."*[147]

Durante a realização da Taça Pernambuco, competição que como já frisamos reunia os times campeões da Ligas locais filiadas à FPF, entravam em campo não apenas as equipes com os

---

[146] "Nova rodada da Taça Pernambuco atração do futebol no Interior" In: *Diário de Pernambuco*, fevereiro de 1961.
[147] Trecho da entrevista concedida pelo jornalista Bartolomeu Marinho no dia 13 de fevereiro de 2004 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.

seus atletas. Mas, toda uma cidade representada pelo seu clube de futebol em um período de efervescência do esporte pelo interior de Pernambuco. A cidade de Belo Jardim se auto-afirmava envolvida pela atmosfera de disputa com as demais cidades do interior e pela boa participação na competição.

Mais uma vez, os periódicos relatam a rivalidade existente entre as cidades próximas situadas no Vale do Ipojuca. Belo Jardim, representada na Taça Pernambuco pela equipe do Santa Cruz Futebol Clube, campeã da cidade, confrontar-se-ia com a cidade de Pesqueira, representada pela equipe do União Peixe Esporte Clube. Esse aparente simples confronto entre duas equipes de futebol trazia outro embate não tão evidente. A hegemonia regional estava em jogo. As reportagens no jornal Diário de Pernambuco referiam-se à cidade de Pesqueira como a "terra do tomate". Em outras vezes, como a "cidade das chaminés" ou ainda, "terra das chaminés", em clara alusão à posição de liderança econômica da cidade naquele momento. Liderança essa, consolidada principalmente através das atividades industriais ligadas ao cultivo do tomate.

Nesse sentido, é observada a associação entre o esporte e a indústria. O principal time da cidade de Pesqueira era o União Peixe, tradicional agremiação mantida pela fábrica Peixe sediada naquela cidade. Em Belo Jardim, vemos a participação no campeonato da Liga local de times como: Mariola Esporte Clube, Mafisa, Batemoura, e Palmeiron, todos ligados às suas respectivas indústrias com ativa participação dos seus funcionários.

Acerca dessa imbricação entre trabalho e lazer, especificamente entre indústria e futebol, Leonardo Pereira narra que nas primeiras décadas do século XX, essa realidade era igualmente vivenciada no Rio de Janeiro.[148] Clubes como o Bangu e o Carioca surgem com o apoio da diretoria das respectivas fábricas. O campo de futebol passa a ser uma espécie de "quintal da

fábrica", uma continuidade do espaço da indústria levando o trabalhador ao seu local de trabalho também durante o seu lazer e a realidade que se tinha era que:

> "*Como primeiro time operário formado no Rio de Janeiro, o Bangu criava um modelo que seria nos anos seguintes seguido por muitos de seus pares (...) ele logo se tornou uma das principais opções de lazer dos moradores locais. Sua própria localização indicava a estreita relação que, desde seu surgimento, o clube estabeleceu com a companhia na qual trabalhavam seus sócios. Como uma espécie de quintal da fábrica, o campo do Bangu aparecia como uma continuidade do espaço de trabalho".*[149]

Dessa forma, o poder disciplinador exercido pela vila operária que é descrito por Margareth Rago[150], é ressignificado na cidade de Belo Jardim. Tem outras especificidades a partir das práticas de lazer – especificamente do futebol. Além dos campos de futebol serem construídos na área da fábrica, os uniformes, as confraternizações, os materiais necessários para a prática do esporte, tais como bolas e redes, são patrocinados pelas respectivas indústrias cujos funcionários tenham formado um time de futebol que invariavelmente levam o nome da empresa. Fato esse que aumentava o orgulho de pertencer à fábrica.

3.7 – A INSTITUIÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE: O FUTEBOL SE EXPANDE

As concorridas eleições e posses das diretorias das agremiações de futebol demonstram o envolvimento do público com o esporte na cidade de Belo Jardim. Um grande número de pessoas prestigiava a posse das diretorias eleitas dos clubes da cidade. A cidade via-se envolta na febre do futebol. O orgulho de pertencer à cidade de Belo Jardim traduzia-se na existência de uma Liga

---

[148] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit.
[149] Idem, ibidem., pp. 258-259.

Desportiva, de um campeonato local, de uma representação nos campeonatos entre os clubes do interior de Pernambuco, organizados pela Federação Pernambucana de Futebol. Existia ainda os clubes chamados tradicionais, considerados expressivos na cidade e o envolvimento de várias pessoas consideradas influentes na sociedade local, bem como a participação do grande público.

Em 1963, a "Coluna Belojardinense" do jornal "Vanguarda", da cidade de Caruaru, registrava a posse da diretoria de outro importante time de futebol da cidade – o Cultura Futebol Clube.

> *"Domingo passado, pela manhã, em sua sede social, à rua I. de janeiro, foi realizada a eleição para escolha dos novos membros que conduzirão a representação alvi-verde no período de uma ano. Perante um bom número de associados a chapa Hélio Maciel e Agamenon Caraciolo, para presidente e vice respectivamente, foi eleita com uma boa margem de votos. A posse dos novos dirigentes esmeraldinos ainda não foi marcada (...)"*[151]

Já o Diário de Pernambuco, estampava a seguinte manchete: "Toma posse nova diretoria".

> *"Tomou posse a nova diretoria do Santa Cruz Esporte (Futebol) Clube, no auditório da Rádio Bitury. Presença de grandioso público. O ato, solene, foi presidido pelo senhor Geraldo José Magalhães, presidente da Liga Desportiva Belojardinense. Eis a nova diretoria do Santa Cruz:*
> *Presidente, dr. (sic) Geraldo dos Passos, vice-presidente, José Pereira da Silva, 1º secretário, João Gouveia Senhorinho, 2º tesoureiro, José Afonso, vice-tesoureiro, José Soares Teixeira, orador, Eduardo Gomes Araújo, vice-orador, prof. Ulisses Souza Lima, diretor de esportes, José Ananias de Moraes e vice diretor (sic), José Monteiro Sobrinho."* [152]

A Liga Desportiva Belojardinense firma-se como uma das mais importantes do Estado. O campeonato organizado pela LDB conta com a participação de equipes das cidades próximas. Passa a ser habitual ocorrer partidas envolvendo cidades diferentes pelo campeonato de Belo

---

[150] Cf. RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
[151] MARINHO, Bartolomeu. "Eleita nova diretoria do Cultura Esporte Clube." In: *Vanguarda*, janeiro de 1964,

Jardim. Cidades como São Bento do Una, Tacaimbó e Sanharó têm os seus representantes na disputa do título de campeão no certame de Belo Jardim. Os periódicos registram essa movimentação em torno do futebol: *"O campeonato de Belo Jardim será iniciado hoje à tarde, com a realização de uma rodada tríplice, que está organizada: Grêmio X Palmeiras, em* ***Sanharó****; ASA X Comércio, em* ***São Bento do Una*** *e Mariola X Cultura, em* ***Belo Jardim****."*[153]

Em 1961, as páginas do Diário de Pernambuco inscreviam as disputas de futebol pelo interior do Estado. A cidade de Belo Jardim tinha um campeonato considerado dos mais importantes. Havia disputas simultaneamente em várias cidades próximas organizadas pela LDB.

> *"Com uma arrecadação de 5.780 cruzeiros o Santa Cruz, de Belo Jardim voltou a confirmar o seu favoritismo no presente turno no campeonato patrocinado pela LDB, derrotando ao* ***Grêmio, de Sanharó****, por 4 x 3. O encontro foi realizado no Estádio José de Sousa Cavalcante apresentando ampla movimentação. No primeiro tempo já o Santa Cruz vencia por 3 x 1. O conjunto orientado por Geraldo Magalhães teve no médio volante Wilson o seu maior elemento, secundado por Siqueira; os demais apresentaram-se em plano regular. Com êsse resultado o tricolor assegurou sua posição na liderança, juntamente com o* ***Asas*** *(sic),* ***de São Bento****."*[154]

Nessa reportagem, o cronista assinala a expansão do futebol pelas cidades circunvizinhas. Vemos a participação de clubes das cidades de Sanharó e São Bento do Una, distantes cerca de 20 Km da cidade de Belo Jardim. Temos uma consolidação e a propagação de um dos signos modernos. Assim, o futebol tornar-se-ia um símbolo propagador de novas formas de lazer, de novos hábitos e costumes, preparando o indivíduo para outras práticas de sociabilidade em massa.

Além da movimentação dada pela disputa dos campeonatos organizados pela LDB, a cidade de Belo Jardim recebia times de outros centros para incentivar a presença do público nos campos de futebol. Um dos mais esperados encontros foi realizado em 1963. A equipe do Santa

---

[152] TORRES, João. "Toma posse nova diretoria." In: *Diário de Pernambuco*, janeiro de 1961.
[153] "Certame de Belo Jardim". In: *Diário de Pernambuco,* Recife, janeiro de 1962.
[154] GOMES, Franklin. "Certame de Belo Jardim: Santa Cruz venceu". In: *Diário de Pernambuco*, 31.08.1961.

Cruz, de Belo Jardim, enfrentaria o Santa Cruz Futebol Clube, do Recife. O "duelo dos tricolores" foi cercado de grande euforia, pois a equipe recifense jogaria com o seu time principal composto pelos jogadores titulares. Seria uma "empolgante e sensacional partida amistosa". O anúncio registrava ainda que seria "o maior acontecimento esportivo do ano".[155]

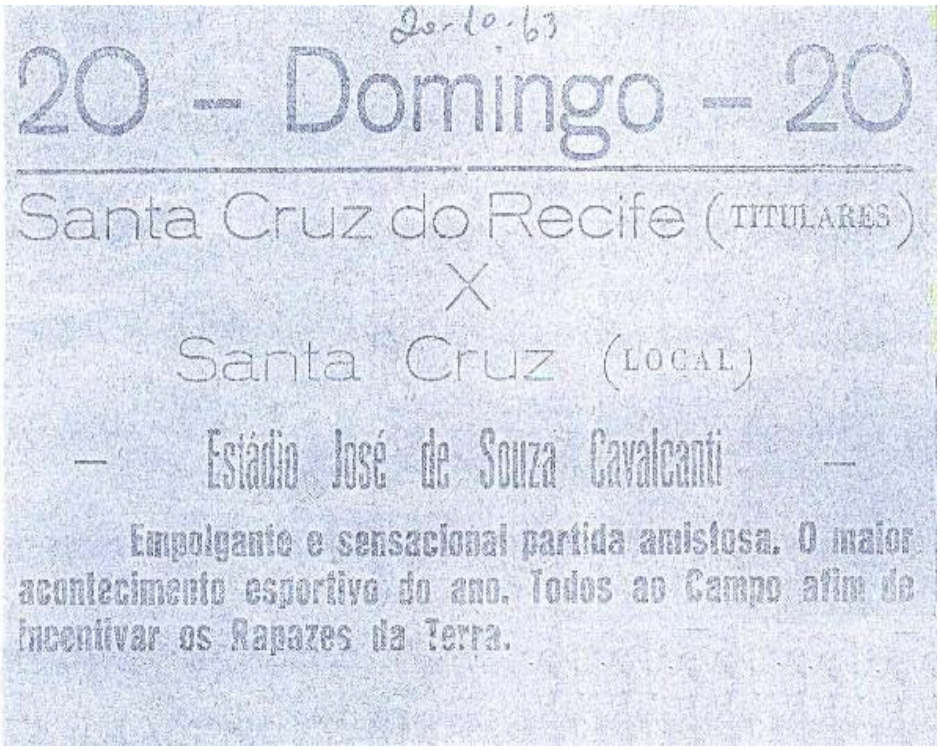


Ilustração 13 - Anúncio sobre o jogo entre o Santa Cruz Futebol Clube de Recife e o Santa Cruz Futebol Clube de Belo Jardim em 20 de outubro de 1963.

Com a manchete "No duelo dos tricolores, o triunfo coube ao de Belo Jardim", o jornal Diário de Pernambuco publicou uma reportagem enfatizando a vitória do Santa Cruz local sobre o Santa Cruz de Recife. O jornalista Edson Nascimento enviado para fazer a cobertura esportiva

[155]Anúncio divulgando o jogo entre o Santa Cruz, da cidade de Belo Jardim e o Santa Cruz, do Recife.

do evento, enaltece a vitória do time de Belo Jardim, classificando-a de "justa e merecida"[156], sendo conseqüência do uso da "raça como grande arma"[157], conseguindo "alcançar um triunfo dos mais sensacionais"[158]. Contudo, a reportagem ressalta a disparidade de forças entre as equipes. Ressalta a superioridade técnica e tática do Santa Cruz do Recife, todavia, afirma que a má fase atravessada pelo time, além do péssimo estado do gramado foram fundamentais para o resultado da partida,

> "A disparidade de forças é patente. O desequilíbrio técnico salta a olhos vistos, porém, a representação santacruzense do Recife, tendo pela frente um gramado de péssimas condições técnicas e enfrentando um adversário sem armação, mas que usava a raça e a correria como armas, não soube superara os obstáculos e terminou derrotado. O revés foi reflexo, principalmente da campanha negativa que atravessa a equipe, cujos jogadores formam um todo heterogêneo, sem a mínima definição dentro das quatro linhas do gramado."[159]

Outra crônica acerca dessa partida fora publicada no jornal Vanguarda. O jornalista Bartolomeu Marinho enaltece a vitória do Santa Cruz de Belo Jardim, destacando o a falta de entrosamento da equipe do Santa Cruz de Recife. Porém, a reportagem transparece o objetivo menos evidente desse confronto que seria a divulgação e a consolidação da prática do futebol na cidade de Belo Jardim. Uma tentativa de cristalizar o hábito de ir ao campo de futebol. Concretizar o hábito da prática esportiva. Consolidar a espetacularização do futebol. Instituindo, assim, novas práticas e espaços de convivência. Essa tentativa parece ter sido alcançada nas entrelinhas da reportagem no trecho abaixo em que há um deslumbramento do público presente:

---

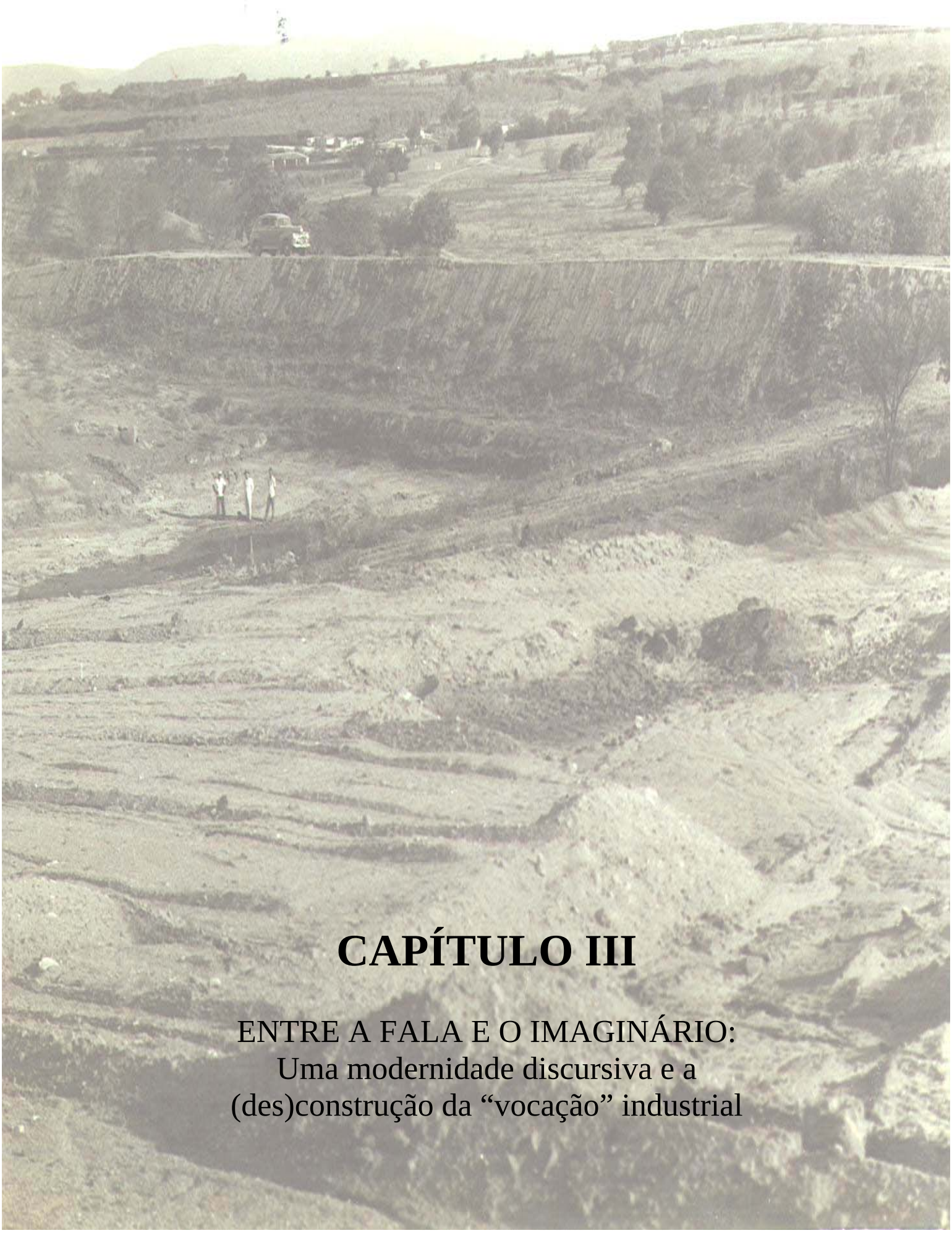
[156] NASCIMENTO, Edson. "No duelo dos tricolores, o triunfo coube ao de B. Jardim". In: *Diário de Pernambuco*, 20.10.1963.
[157] Idem, ibidem.
[158] Idem, ibidem.
[159] Idem, ibidem.

"Os rapazes de Belo Jardim estiveram como nunca; foram verdadeiros gigantes em defesa de suas côres.

De certo modo, foi uma partida memorável. O público belojardinense que se deslocou para o local do embate ficou deslumbrado e saiu maravilhado com tamanha surprêsa. Merece parabéns, o futebol belojardinense, principalmente o Santa Cruz por tamanha proeza".

Nesse sentido, vemos uma das múltiplas faces da instituição da modernidade na cidade de Belo Jardim, onde o futebol, essa nova rede de significados e significações consolida-se na cidade. As práticas de sociabilidade são transformadas, os hábitos e os costumes são modificados. O estádio se institui como um novo espaço dessa sociabilidade e atrai um grande número de pessoas. Os domingos passam a ser ansiosamente aguardados. A cidade se movimenta. Um movimento expansivo que se propaga por outras cidades vizinhas. Belo Jardim mediante o futebol passa a convergir essas cidades e a dinamizar, dar uma maior velocidade ao cotidiano local e regional.

O futebol se apresenta como um signo, como uma representação da modernidade. Institui-se como um significante dessa modernidade no interior de Pernambuco. A cidade de Belo Jardim, assim, conecta-se aos acontecimentos em lugares e espaços remotos, distantes. A cidade também é repetidora e criadora da modernidade mediante a consolidação dos signos modernos em seu cotidiano. A cidade, então, produz e propaga fragmentos da modernidade. Como faces de uma mesma moeda, a cidade é perpassada e ao mesmo tempo irradia esses fragmentos. As transmissões em tempo real em rádio e TV, os espaços ocupados na mídia impressa, a instituição de novos hábitos e costumes e a construção de novos espaços de sociabilidade refletem a expansão, a consolidação dessa modernidade na cidade de Belo Jardim.



CAPÍTULO III

ENTRE A FALA E O IMAGINÁRIO:
Uma modernidade discursiva e a (des)construção da “vocação” industrial

"Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles. Se descrevo Olívia, cidade rica de mercadorias e de lucros, o único modo de representar a sua prosperidade é falar dos palácios de filigranas com almofadas franjadas nos parapeitos dos bífores (...)"

Ítalo Calvino, As cidades invisíveis.

Quando em 1978, o então prefeito da cidade de Belo Jardim, Fábio Galvão, dá uma entrevista publicada no jornal Diário de Pernambuco afirmando que "sempre acreditamos na vocação industrial de Belo Jardim. E não apenas cremos, vamos mais além: apostamos nela"[160], deixa alguns indícios, sinaliza[161] que a instituição do moderno se consolidou também através do discurso e não apenas mediante a instituição dos signos da modernidade na cidade.

Não que a modernidade se construa apenas à margem do amálgama da realidade, do dia a dia das pessoas, das praças da cidade, de suas obras, da abertura de ruas, da consolidação do Distrito Industrial. Pelo contrário, todavia, a modernidade em Belo Jardim é instituída e consolidada, também, a partir do discurso. Institui-se através das formações discursivas indústria, desenvolvimento e progresso, da polifonia que faz da cidade não apenas o lugar praticado e imaginado do moderno, do novo, da mesma maneira com que se cristaliza e materializa-se nos desvãos citadinos, em uma tentativa de ruptura com o passado, uma busca de antecipar o futuro e experimentá-lo no presente.

[160] "Galvão impulsiona Belo Jardim para o seu destino industrial". In: Diário de Pernambuco, Recife, 13.09.78, Caderno Especial, pp. 6-7.
[161] Sobre indícios, pistas, sinais e sintomas ver o paradigma indiciário em: GINSBURG, Carlo. *Mito emblemas e sinais*: morfologia e história, Tradução Carlo Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.143-179.

Esse discurso da modernidade traz sentidos que evocando o movimento, à circulação de mercadorias, à velocidade das transformações, à idéia de progresso e de desenvolvimento. Contém uma ligação com a realidade em que é produzido. Pois paradoxalmente antes mesmo de ser, tenta fazê-la ser, instituí-la. Constrói uma representação da realidade. É o espaço em que saber e poder se articulam nessa instituição e representação. O discurso na cidade de Belo Jardim constrói-se em uma modernidade ambivalente, ambígua com suas várias faces e signos, com a sua imbricação e tensão com o tradicional. Ora instantes de ruptura com as formas anteriores, tradicionais, arraigadas nos desvãos e nas práticas na cidade, ora instantes de retrocesso, de rompimento com o avanço, rupturas com as novidades que tentam se instituir nas práticas citadinas. Assim as pessoas vivem a modernidade. Assim ela se institui, interage, transforma, por vezes retrocede, avança, permanece, desenvolve-se não apenas mediante o embate, a tensão entre o novo e o velho, o antigo e o moderno, mas também mediante a continuidade, a permanência.

Na cidade tradicional, as pessoas vêem a permanência, a rotina quase inalterada, a sucessão dos dias sem grandes modificações, o devir continuamente distante de uma dinâmica veloz. Os rompimentos com essa realidade têm a sua historicidade, ocorrem na linha do tempo histórico, não sendo meras sucessões de acontecimentos. A cidade de Belo Jardim assiste e nos conta algumas dessas rupturas. Não as assiste como um sujeito debruçado sobre si mesmo, mas as conta através das suas ruas, das suas praças, dos seus monumentos, das suas obras, dos nomes dos logradouros, da sua memória registrada e construída pelas pessoas que vivenciaram esses períodos de ruptura, de transformações, de mudanças na cidade. Mudanças inseridas na sucessão dos acontecimentos no devir citadino, que constroem ou ajudam a construir uma outra realidade, em um outro momento dado, em um outro tempo.

A fábrica de baterias automotivas Acumuladores Moura S/A é uma dessas rupturas, um desses instantes de novidade, de transformação na rotina da cidade. Inaugurada em 1957, a partir

daí podemos delimitar um novo perfil das atividades econômicas da cidade, a instituição de novas práticas, novos comportamentos. Todavia, o apito da fábrica já não era o novo, o desconhecido. Havia sido incorporado há algumas décadas na cidade através da Fábrica Mariola.

> *"Os saudosos apitos da Mariola anunciando aos operários o início e o final de mais um turno de trabalho para eles, suas máquinas e caldeiras, bem como a chegada da goiaba e da banana à fábrica e solicitando que seu comparecimento para o desembarque, eram ouvidos até mesmo nos mais remotos dos rincões; animados e dispostos trabalhadores de campo passavam para o trabalho, com suas ferramentas sobre os ombros; (...)"*[162]

Aquela indústria Mariola que fabricava doces de goiaba e de banana dando início às atividades industriais na cidade durante a década de 1920, ocupava um quarteirão da Rua Siqueira Campos em frente à atual Praça Jorge Aleixo. Veio a ser desativada no início da década de 1970. Entretanto, naquele instante havia uma clara separação entre o moderno e o tradicional representados por uma separação entre o rural e o urbano. A representação do moderno, do urbano, materializada nos operários da indústria de doces, contrastava com os "animados e dispostos trabalhadores do campo", que ali representavam a tradição, o rural, a repetição, a continuidade.[163]

3.1 – UMA INDUSTRIALIZAÇÃO EM QUATRO MOMENTOS

A industrialização da cidade de Belo Jardim pode ser analisada em quatro momentos distintos. Momentos que ultrapassam o período de estudo proposto neste trabalho. Embora

[162] SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. *Belo Jardim*: história, cultura e recursos naturais. Recife: O Autor, 2001, p. 255.

tenham início em épocas distintas, não significa que eles não se sobreponham entre si em alguns instantes. As fronteiras e delimitações subjetivamente criadas na linha do tempo não negam a possibilidade de que esses momentos continuem simultaneamente em outras fases em uma imbricação desses instantes. Essa periodização da industrialização na cidade nos auxiliará na construção e compreensão deste capítulo.

O primeiro momento surge a partir da Fábrica Mariola que inicia as atividades na década de 1920. Como já vimos, essa indústria atuava no segmento de doces. A sua produção concentrava-se em doces de goiaba e doces de banana, em pequenas barras cobertas com açúcar cristal envoltas em papel celofane. No auge da produção na década de 1950, chegou a fabricar dez toneladas diárias, bem como abrir uma segunda fábrica na cidade de Flores, localizada na microrregião do Sertão do Pajeú, também em Pernambuco. Após um período de grande crescimento vivido nas décadas de 40 e 50, a indústria fechou as suas portas no início dos anos de 1970.[164]

Nesse primeiro momento, a produção inicia-se artesanalmente a partir da idealização da fábrica por Jorge Aleixo e sua esposa D. Quitéria Aleixo que adquirem tachos para fabricação de doces e constroem a fábrica. Há a contratação dos primeiros operários. É um instante de transição, de mudança, de imbricação entre o velho e o novo, o antigo e o moderno. Os trabalhadores do campo ainda em maior número na cidade contrastam com a figura do operário cujo apito da fábrica impõe o ritmo e o tempo da produção em uma dicotomia com a produção rural naquele instante. Uma dicotomia entre o rural e o urbano, o antigo e o moderno.

---

[163] Sobre tradição, ver também: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

[164] Ver SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. *Belo Jardim*: história, cultura e recursos naturais. Recife: O Autor, 2001.

Um segundo momento da industrialização em Belo Jardim, dá-se a partir de 1957 com o início das atividades da fábrica de baterias Moura[165], fundada por Edson Mororó Moura. Inicialmente incipiente, como abordaremos mais adiante, a indústria se consolida durante a década de 1970, firma um contrato de fornecimento para a linha de produção da FIAT na década seguinte e atualmente é uma das maiores fabricantes do segmento de baterias automotivas do país. Dessa forma, nesse segundo momento, a industrialização na cidade amplia-se com o segmento de baterias para a indústria automobilística.

Ilustração 14 – Vista área das fábricas de baterias e pilhas em Belo Jardim na década de 1980.

Ilustração 15 –Área interna de produção da automotivas da fábrica de baterias Acumuladores Moura S/A. .

Em 1969, simultaneamente à consolidação da indústria Moura, ocorreu a criação do Distrito Industrial I às margens da rodovia BR-232 em Belo Jardim, cujo momento delimitaremos como o terceiro da industrialização na cidade. Esse empreendimento ocupou uma área desapropriada pela prefeitura municipal e doada às empresas que desejaram se instalar no local.

[165] Posteriormente na década de 1970, a fábrica passa a se chamar Acumuladores Moura S/A que permanece até a

Com a infra-estrutura necessária, algumas empresas se transferiram de cidades vizinhas para Belo Jardim, foi o caso da indústria Palmeiron. Pertencente ao segmento de sucos, doces e produtos derivados de tomate, essa indústria vem da cidade de Arcoverde em 1977[166], distante cerca de 70 km de Belo Jardim. No entanto, outras indústrias como a MAFISA – do segmento avícola e CAIBE – Companhia Agroindustrial de Belo Jardim – do segmento de polpas de frutas, também contribuíram para a consolidação das atividades industriais em Belo Jardim.

O discurso da modernidade em Belo Jardim é elaborado e difundido com maior ênfase apenas décadas depois da fundação da Fábrica Mariola. Nem mesmo durante a inauguração da primeira fábrica da Acumuladores Moura, que mais tarde tornar-se-ia uma das maiores fabricantes de baterias automotivas do Brasil, esse discurso poderia ser encampado com tamanha propriedade como no final da década de 1960 e durante as décadas seguintes. Afinal, o discurso, essa palavra em movimento, essa prática da linguagem, é uma mediação entre o homem e a sua realidade. E como veremos a seguir, o início das atividades da fábrica Moura não refletiria os anseios de consolidação do moderno, do novo.

Nesse sentido, Eni Orlandi aponta que a linguagem é *concebida "como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive*".[167] Essa realidade, no caso de Belo Jardim, tem uma consolidação das atividades industriais a partir do instante que se amplia a produção da indústria Acumuladores Moura S/A e a criação do Distrito Industrial I às margens da rodovia BR-232.

---

atualidade. Ver SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. Op. cit.

[166] SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. Op. cit, p. 195.

[167] ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 15.

Um quarto momento pode ser delimitado a partir da criação do II Distrito Industrial ocorrido no início da década de 1990. Também localizado às margens da rodovia BR – 232, como já vimos, esse empreendimento foi criado mediante doação de uma área pela Prefeitura para as empresas que desejaram se instalar no local. Esse II Distrito Industrial fomentaria parte do discurso da modernização e do desenvolvimento através da indústria como veremos adiante.

A consolidação das atividades industriais em Belo Jardim, a partir da década de 1960 e 1970 é confirmada pelos números e dados econômicos relativos ao período, conforme demonstram os gráficos a seguir[168].

Ilustração 16 – PIB Industrial Vale do Ipojuca 1996

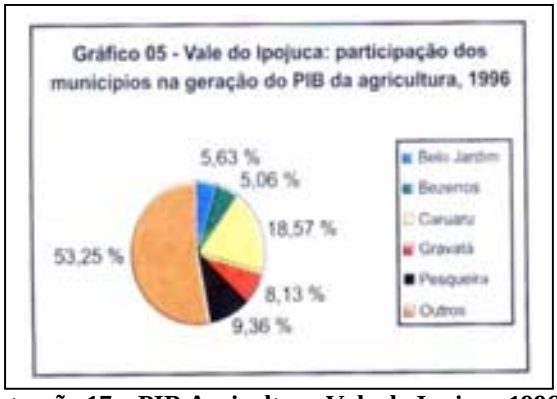


Ilustração 17 – PIB Agricultura Vale do Ipojuca 1996

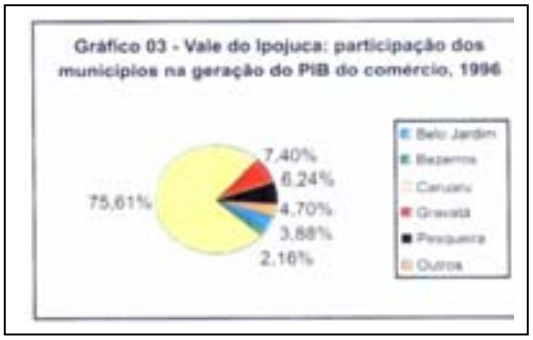


Ilustração 18 – PIB do Comércio Vale do Ipojuca 1996

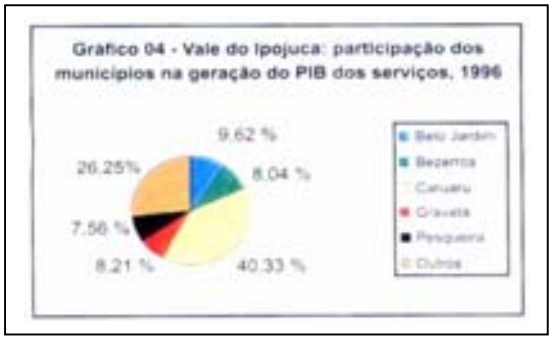


Ilustração 19 – PIB dos Serviços Vale do Ipojuca 1996

[168] CONDEPE. Op. cit., pp. 51-52.

Como podemos observar nos gráficos acima, a cidade de Belo Jardim apresenta um alto índice de produção industrial em relação aos demais municípios localizados na microrregião do Vale do Ipojuca no Agreste de Pernambuco – composta por dezesseis municípios. Possuindo 33,50% do total da produção, é superada apenas pela cidade de Caruaru que possui 39,61% desse mesmo total. Todavia, devemos considerar que Belo Jardim possui aproximadamente uma população quatro vezes menor em relação à cidade de Caruaru[169]. Essa produção industrial, embora altamente concentrada em um reduzido número de indústrias, faz com que a cidade de Belo Jardim apresente o segundo maior PIB per capita no Vale do Ipojuca e um dos maiores do Estado de Pernambuco, atingindo US$ 1.680 no ano de 1998.[170]

Os dados econômicos nos revelam um outro aspecto: Belo Jardim é uma cidade voltada economicamente à produção industrial. Isso evidencia-se ao compararmos a participação da cidade dentro da microrregião do Vale do Ipojuca em relação à produção agrícola (5,63%), ao comércio (3,88%) e aos serviços (9,62%).[171] Evidencia uma predominância da atividade industrial que fomenta a discursividade acerca da modernidade da cidade, sendo o elo entre a realidade e a dizibilidade do discurso.

Para a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco – CONDEPE/FIDEM, a cidade de Belo Jardim

> "*caracteriza-se por possuir uma **estrutura industrial de grande porte**, destacando-se a fábrica de doces Palmeiron, a Mafisa e a Baterias Moura, o que lhe proporciona uma dinâmica diferenciada em relação aos demais centros urbanos da microrregião*".[172]

3.2 – A " CONSTRUÇÃO DA VOCAÇÃO INDUSTRIAL"

[169] Pelos dados do censo de 2000 realizado pelo IBGE, Belo Jardim possui uma população aproximada de 69.000 habitantes, enquanto Caruaru possui cerca de 250.000 habitantes.
[170] Idem, ibidem. p. 50.
[171] Ibidem. p. 51.

"P – Belo Jardim é uma cidade que tem uma vocação essencialmente industrial. O que determina essa tendência?

R – Nós sempre acreditamos na vocação industrial de Belo Jardim. E não apenas cremos, vamos mais além: apostamos nela. Porém, deve ficar aqui registrado que não relegamos os demais setores das atividades sociais e econômicas do município. (...) Agora, penso que a nossa tendência industrial deve-se a alguns importantes fatores. O primeiro deles seria o privilégio de termos uma coisa que poucas cidades possuem: a água. Temos água farta, abundante, e sobretudo barata. Nunca tivemos problemas com a seca. Inclusive há um trabalho elaborado pelo Governo estadual, que a afirma que a barragem do Bitury pode represar o dobro dos níveis atuais. Neste aspecto temos um potencial ilimitado. Do ponto de vista industrial, a questão da água está resolvida. E muito satisfatoriamente.

Um outro ângulo que podemos ressaltar é a distância entre Belo Jardim e o Recife: 185 quilômetros nos separa da Capital pernambucana, através de uma estrada, a BR-232, totalmente asfaltada. Além disso, a produção pode ser escoada pela linha ferroviária, que também nos liga ao Recife e a Salgueiro, no Sertão. (...) A prefeitura tem demonstrado interesse em ajudar e até mesmo doar os terrenos necessários à implantação de indústrias.

Poderíamos ainda enumerar diversos outros fatores que evidenciam a vocação industrial de nosso município. Belo Jardim terá em breve mais uma subestação de energia elétrica. (...) Daí, a constatação de que temos um destino eminentemente industrial.

P – Quais são as perspectivas de desenvolvimento de Belo Jardim?

R – Achamos que o desenvolvimento de nosso município é irreversível. Em 77, o orçamento municipal atingiu cerca de Cr$ 8 milhões e 440 mil. Em 78, atingiremos 15 milhões e 727 mil. Para o próximo ano está previsto um orçamento de 22 milhões. Outros dados atestam o crescimento do município. Demograficamente também crescemos nesses últimos anos.(...) A perspectiva de novas indústrias instalarem-se em Belo Jardim é, sem dúvida, a melhor possível. Agora mesmo, estamos tentando instalar o complexo da Cilpe, que foi montado no governo Cid Sampaio, e até hoje não funcionou. A Prefeitura de Belo Jardim, através de minha pessoa, está convocando todos os industriais que disponham de recursos e estejam dispostos a investí-los (sic) em Pernambuco, para que venham para Belo Jardim. Estamos à disposição da classe industrial. (...)"[173]

No trecho da entrevista acima concedida pelo então prefeito de Belo Jardim, Fábio Galvão, no ano de 1978, há uma tentativa em consolidar discursivamente a cidade como um pólo industrial em expansão. Esse discurso, repetido de tempos em tempos, é retomado pelos políticos locais em defesa dos seus projetos, como também na busca de consolidar as suas imagens, associando-as ao desenvolvimento da cidade, ao progresso mediante a instalação e a ampliação da produção industrial.

---

[172] Ibidem. p. 29.

[173] "Galvão impulsiona Belo Jardim para o seu destino industrial". In: Diário de Pernambuco, 13.09.78, pp.

Uma “vontade de verdade”, como aponta Michel Foucualt, em a “Ordem do discurso”. Uma tentativa de construir uma verdade discursivamente a partir da polifonia, da massificação das palavras. A retórica, o discurso, são instrumentos nessa consolidação, nessa construção da realidade, mediante um emaranhado de palavras cuja verdade não mais ocupa o centro da questão, mas apenas a verdade que se procura cristalizar. Para Foucault, a vontade de verdade, retomada do pensamento de Platão, “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e incontornável”.[174] Nesse sentido, seria:

> *“Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade verdade, na vontade de dizer o discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro (...) não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.”*[175]

O espaço desse discurso que aponta para a “dizibilidade” acerca da indústria é a imprensa: os jornais Diário de Pernambuco, Mariola e Tribuna do Agreste, esses últimos da cidade de Belo Jardim. Nesses periódicos, a indústria instituída e crescente na cidade aparece associada ao desenvolvimento e ao progresso, à geração de empregos, ao aumento da arrecadação, ao crescimento, à racionalidade, enfim, reveste-se essencialmente de uma das representações da modernidade, citadas por Alain Touraine, em seu livro “Crítica da modernidade”: *o ritmo e o mito do progresso.*[176]

---

[174] FOULCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 19.
[175] Idem, ibidem. pp. 19-20.
[176] Cf. TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Tradução de Elia Ferreira Ediel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

Assim, como a Olívia imaginária d'As cidades invisíveis de Ítalo Calvino[177], a cidade de Belo Jardim é construída discursivamente. Um discurso que constrói e institui ao mesmo tempo uma modernidade através da modernização[178], mediante uma conexão com os signos instituídos em outras partes do planeta. Uma modernidade associada ao progresso "identificado com a própria marcha da história moderna".[179] Uma modernidade a partir da modernização que abarca todo o mundo e o coloca em um movimento constante, em um turbilhão. Marshall Berman, na obra intitulada "*Tudo que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade", assinala que a partir do século XX, consolida-se esse ambiente moderno, esse turbilhão que

> "*tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano (...)*"[180]

O discurso fundante dessa dizibilidade industrial, dá-se a partir da naturalização da industrialização da cidade. A indústria surge no discurso como uma vocação em Belo Jardim. O discurso institui que a cidade seria predestinada à produção industrial. Retoma-se a fábrica Mariola das primeiras décadas do século XX e legitima-se discursivamente o início do processo de industrialização da cidade – concebida como uma espécie de motor em explosão que desencadearia naturalmente toda uma seqüência de outras indústrias instaladas na cidade.

---

[177] CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

[178] Para Marshall Berman, a modernização é um dos compartimentos distintos da modernidade. É um processo que expande no século XX "a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo". BERMAN. Marshall. *Tudo que é solido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

[179] MORIN, Edgar; WULF, Christoph. *Planeta*: a aventura desconhecida. Tradução Pedro Goergen. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13.

Associa-se o fato de Pedro Moura Júnior ter sido sócio da antiga Fábrica Mariola e um dos que iniciaram a Indústria e Comércio Acumuladores Moura Ltda, juntamente com Edson Mororó Moura, Jader de Souza Barbosa, Jephté Campelo e Agamenon Leite.[181]

Contudo, essa construção e associação são tênues, pois a indústria Moura, como veremos adiante, inicia as suas atividades de maneira incipiente e arcaica, constituindo-se em uma antítese da modernidade e do desenvolvimento. Seria uma representação do antigo, do ultrapassado, do reaproveitamento do ferro-velho, toda uma negação da própria modernidade que discursivamente ela representa e que dela se constrói um discurso e a consolidação dessa modernidade em Belo Jardim.

Todavia, Fábio Galvão na reportagem citada, ambiguamente nos dá subsídios de como essa modernidade foi construída e não "vocacionada" pela cidade: *"Agora, penso que a nossa tendência industrial deve-se a alguns importantes fatores. O primeiro deles seria o privilégio de termos uma coisa que poucas cidades possuem: a água. Temos água farta, abundante, e sobretudo barata. Nunca tivemos problemas com a seca."* Em uma contradição imanente em seu discurso da "vocação industrial", aponta que a oferta d'água abundante na cidade a partir da construção da barragem do Bitury, destacada no primeiro capítulo deste trabalho, seria um fator importante nessa construção e consolidação da industrialização, cuja representação está associada à modernidade.

Nessa perspectiva, destaca ainda a pequena e relativa distância de 182 Km até o Recife, cuja ligação é feita pela rodovia BR-232*: "Um outro ângulo que podemos ressaltar é a distância entre Belo Jardim e o Recife: 185 quilômetros nos separa da Capital pernambucana, através de uma estrada, a BR-232, totalmente asfaltada"*. Tornando, dessa forma, o escoamento da

[180] BERMAN. Marshall. Op. cit. p. 16.
[181] MOURA, Edson Mororó. Op. cit. p. 3.

produção viável, como também poderíamos acrescentar a proximidade com a cidade de Caruaru, distante cerca de 49 Km. Essa cidade próxima consolidou-se ao longo do tempo, como um entreposto comercial e de serviços consolidado como centro distribuidor para o interior de Pernambuco e para uma grande área das regiões Norte e Nordeste.

Há ainda a abundante oferta de energia elétrica gerada e distribuída a partir da usina hidrelétrica de Paulo Afonso, no vizinho Estado da Bahia, cuja capacidade de distribuição para Belo Jardim seria ampliada através de uma distribuidora da CHESF construída na cidade de Tacaimbó, distante 20 Km e das subestações da CELPE instaladas em Belo Jardim. Na fala do ex-prefeito, "P*oderíamos ainda enumerar diversos outros fatores que evidenciam a vocação industrial de nosso município. Belo Jardim terá em breve mais uma subestação de energia elétrica"*. Essa oferta atenderia a demanda de energia elétrica industrial e residencial em expansão na cidade. Assim, possibilitaria a convocação "*a todos os industriais para que venham para Belo Jardim*", uma vez que se viabilizaria a instalação das indústrias e a garantia da sua operacionalidade sem comprometimento de suas metas de produção.

A apropriação da construção da barragem do Bitury como marco fundante dessa modernidade em Belo Jardim, dá-se mediante a apropriação de sua memória[182]. A fotografia da construção da barragem mencionada que se apresenta no início do capítulo anterior, é um marco dessa apropriação. As lideranças locais se apropriam daquela obra e da sua capacidade de armazenamento d'água para se identificarem com a modernização da cidade, com o seu crescimento, com o seu desenvolvimento sempre atrelado-o à produção industrial. Dessa

---

[182] Sobre memória ver: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*: a cultura popular revisitada, 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Tradução Bernardo Leitão et. al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. BERGSON. Henri. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

maneira, há uma relação construída discursivamente entre a barragem, a oferta d'água e a modernização através da industrialização na cidade de Belo Jardim.

Quando o então prefeito Fábio Galvão e os outros atores desse cenário que se constitui a cidade de Belo Jardim, referem-se ao passado, tentam (re)construí-lo discursivamente no e pelo presente. Remetem-nos a uma discussão proposta por Jacques Le Goff, em sua obra "História e memória". Para Le Goff, "*o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história*"[183]. Nesse sentido, observamos que o discurso acerca da industrialização da cidade proferido por vozes ambíguas, múltiplas e irreconciliáveis em alguns momentos, insere-se no campo da memória coletiva e de sua manipulação nessa relação entre o passado e o presente. Le Goff em relação à objetividade e da manipulação do passado enfatiza que "*há pelo menos duas histórias (...) a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado.*"[184]

Assim, ao percebermos a história nessa perspectiva, buscamos atender ao chamado de Le Goff de e nos desvencilharmos dessas armadilhas discursivas que a todo momento estão em uma dinâmica de construção e de reconstrução do presente, do passado e idealizando o futuro. O autor ressalta que "*é desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os* ***mass media,*** *corrija esta história tradicional e falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros*"[185].

[183] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Tradução Bernardo Leitão et. al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 24.
[184] Idem, ibidem, p. 29.
[185] Ibidem.

3.3 – INDÚSTRIA E MEMÓRIA: A CONTINUIDADE DO DISCURSO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Embora o corte temporal proposto neste trabalho esteja delimitado entre as décadas de 1950 e 1970, como já frisamos na introdução deste trabalho, algumas fontes de períodos fora dessa delimitação cronológica nos ajudam na compreensão e na análise do nosso objeto de estudo. Nesse sentido, destacamos que no início da década de 1990, esse discurso de desenvolvimento e de industrialização retoma a cena. O jornal "A Tribuna do Agreste" publica uma entrevista com o prefeito Francisco Cintra Galvão, que já havia ocupado a tribuna estadual e depois seria novamente Deputado Estadual em Pernambuco. Na reportagem "Belo Jardim: 63 anos de desenvolvimento"[186], Cintra Galvão destaca o desenvolvimento industrial da cidade.

O discurso da modernização da cidade, a partir da instalação da indústria no I Distrito Industrial no final da década de 1960, é apropriada pelo político, em uma tentativa de cristalizá-la na memória da cidade. Uma busca de registrar os acontecimentos, registrar a sua versão sobre os fatos, de construir o seu próprio mosaico acerca do passado como forma de instituir uma vontade, uma justificativa sobre o presente a partir da sua própria fala, do seu próprio discurso.

> "*Na primeira vez como prefeito tentei fazer a industrialização da cidade, conseguindo transformar à época Belo Jardim num pólo de desenvolvimento. A instalação de vários grupos industriais, como também o empenho de vários filhos da terra, que acreditaram no seu futuro, impulsionaram o desenvolvimento de suas fábricas, negócios proporcionando assim aposição de destaque que ora ocupamos.*"[187]

[186] "Belo Jardim: 63 anos de desenvolvimento". In: A Tribuna do Agreste, 11.09.1991. p. 5.
[187] MENDONÇA, José. Discurso proferido na Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1969 e arquivado no Projeto Memória da Assembléias Legislativa de Pernambuco.

Essa fala de Cintra Galvão traz de volta o discurso do desenvolvimento através das indústrias, das fábricas que transformaram a cidade "*num pólo de desenvolvimento*". Assim, o político busca legitimar a realidade industrial da cidade contemporânea a partir da criação do I Distrito Industrial ocorrida durante o seu mandato como prefeito entre 1969-1973.

Ainda no início da década de 1990, vemos o lançamento do II Distrito Industrial em Belo Jardim. A administração do prefeito Cintra Galvão faz doação de terrenos à margem da rodovia BR-232 para as indústrias que desejarem se instalar no município. Porém, algumas peculiaridades ficam submersas, encobertas pelo discurso, pela *vontade de verdade* instituída através de uma dizibilidade, através de uma polifonia dos sujeitos.

O local onde se instalaria o II Distrito Industrial fica ao lado do I Distrito Industrial. O nome II Distrito nos dá inicialmente uma idéia de grandiosidade, de continuação de algo que é ampliado a partir do anterior. No entanto, vemos apenas uma tênue divisão entre ambos os espaços. O que se chama de II Distrito confunde-se com o I Distrito, não apenas pela sua localização e características semelhantes, mas fundamentalmente pelas suas dimensões. Isso vem reforçar a existência de uma "vontade de verdade" inserida na dizibilidade, na discursividade dos sujeitos.

Com o título "*Distrito Industrial II: novo tempo para Belo Jardim,*"[188] inicia-se uma reportagem em 1991 comemorativa aos 63 anos de emancipação de Belo Jardim. O prefeito Cintra Galvão divulga o lançamento da segundo distrito industrial da cidade. Naquele momento, lembrava a crise econômica vivida pelo país, afirmando que a cidade assistia ao crescimento industrial caracterizado pela ampliação do espaço destinado às indústrias a partir da doação pelo poder executivo municipal de uma área com aproximadamente 100 hectares. Essa área possuiria

[188] Tribuna do Agreste, Belo Jardim, 11.09.1991, pp. 4-5.

uma infra-estrutura de água, energia elétrica e vias de acesso disponibilizada pelo governo do Estado de Pernambuco, além de incentivos fiscais e linhas de crédito para financiamento.

Nesse momento, o interdiscurso[189] do moderno aparece na dizibilidade do político. A historicidade da industrialização da cidade se faz presente. O esquecimento da industrialização iniciada a partir da fábrica Mariola é substituída na memória coletiva, pela lembrança de que o próprio Cintra Galvão inicia a industrialização da cidade mediante a criação do I Distrito Industrial iniciado há mais de 20 anos. Nesse exemplo vemos uma imbricação entre memória e história e o seu processo de produção, de construção. Há uma tentativa de construção da memória, não apenas pela rememoração, mas também pelo silêncio e pelo esquecimento.[190]

Quando Cintra Galvão fala acerca do início da industrialização, ao construir um discurso de fundação e de agente mediador das transformações, percebemos aí uma busca de cristalização do seu pensamento, da sua versão na construção histórica. Uma cristalização a partir da materialização da memória e mediante o registro histórico. Como assinala Antonio Torres Montenegro, "a história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado para e pela sociedade, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos, o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico".[191] Nesse sentido, ao produzir um discurso acerca da industrialização ligado à modernidade, ao desenvolvimento, ao crescimento da cidade, e vinculados a si mesmos, os sujeitos históricos buscam a própria afirmação como personagens

---

[189] Para Eni Orlandi, o interdiscurso é definido como o eixo vertical das formações discursivas. Ele é construído a partir do que já foi dito e esquecido ou apagado da memória: "*é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra*." Dessa maneira, permite que o discurso do moderno sempre retorne em diferentes momentos na cidade de Belo Jardim. Cf. ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 31-32.

[190] Sobre as relações entre memória, silêncio e esquecimento, ver também: DOSSE, François. Uma história social da memória. In: DOSSE, François. *A história*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003, pp. 261-298.

[191] MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada, 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 19.

centrais na narrativa histórica de Belo Jardim. Uma tentativa de representação do real, uma busca de construção e instituição de uma realidade.

3.4 – DESCOMPASSOS COM O MODERNO: A AMBIVALÊNCIA DO DISCURSO

Em 1975, o jornal Voz do Bitury, noticia que o grupo Bompreço construirá naquele ano uma indústria no I Distrito Industrial na BR-232. Seria a instalação da fábrica Palmeiron que geraria, segundo a reportagem, emprego para 600 pessoas em um investimento de 34 milhões de cruzeiros. Novamente explicita-se a associação entre indústria e desenvolvimento: "É o desenvolvimento belojardinense". [192]

Esse discurso de desenvolvimento e de progresso, como o prometido pelo projeto da modernidade ocidental, insiste sempre em reaparecer, ressurge com uma nova roupagem. Ressignifica-se em Belo Jardim a cada novo empreendimento que se instala na cidade. Embora tenha alguma ligação, algum referencial com a realidade, em outros casos, esse discurso está dissociado. É construído mediante um descompasso com o real, uma outra realidade que busca construir de acordo com a fala dos sujeitos ou dos símbolos que esses mesmos sujeitos constroem na e para a cidade.

Ilustração 20 – O progresso chegando...

Ilustração 21 – Vista das instalações da fábrica de laticínios Dannata

Nas fotos anteriores, vemos um exemplo desse descompasso da realidade que o discurso constrói e busca materializar. Nelas evidenciam-se num instante, um fragmento dessa possibilidade de construção e de instituição acerca de uma realidade. Uma realidade que se pretende criar, cristalizar, consolidar e dela fazer parte, ser o sujeito instituinte que transforma a cidade, modifica a sua estrutura e traz o novo, o moderno. A placa publicitária a respeito da Fábrica de Laticínios Danata sugere um empreendimento grandioso, gera expectativas em quem a lê e a observa. No entanto, o discurso nela contido não corresponde à realidade do empreendimento, ao mito do progresso e do desenvolvimento inserido na memória discursa de Belo Jardim. Esse discurso de desenvolvimento e de progresso sustenta-se mediante uma memória discursiva

> "*que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma FD (formação discursiva), o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supões o enunciado inscrito na história.*"[193]

Mas essa discursividade, essa dizibilidade possui outros sujeitos. Pensamentos divergentes que também buscam fazer parte da memória de Belo Jardim. Em uma polifonia, vozes com interesses plurais e diversos, tentam materializar-se na escrita da história e na memória acerca da cidade. A memória constrói uma concepção histórica de permanência, (des)continuidades, mas

---

[192] Voz do Bitury, Belo Jardim, 13.04.1975, ano I, número 5. p. 2.

[193] BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise de discurso*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, s. d. pp. 76-77.

também rupturas. Assim, percebemos esses elementos da memória em uma tentativa de instituir e consolidar uma versão, uma história, a sua própria narrativa.

Na tribuna da Assembléia Legislativa de Pernambuco, temos um desses instantes. Em 1969, o Deputado José Mendonça, em um de seus primeiros pronunciamentos afirmava,

> *Venho hoje pela primeira vez à tribuna dessa Casa (...) o meu grande compromisso assumido com aquela gente foi no sentido de batalhar atarvés desta Tribuna por uma política desenvolvimentista para Belo Jardim e região (...) Estamos dentro daquela tese do governador Nilo Coelho de interiorizar a industrialização (...) Vou terminar minha oração fazendo um apelo, desta Tribuna, ao Exmo. Sr. Governador do Estado para através do COMPER desapropriar uma grande área na cidade de Belo Jardim e ali criar um distrito industrial."*[194]

Vemos outros sujeitos históricos buscando instituir a modernidade discursivamente em Belo Jardim. Essa procura, a partir de uma dizibilidade que enfoca a industrialização como o símbolo do moderno, do desenvolvimento, do crescimento. Essa visão de progresso emancipador que traria o bem-estar para toda a sociedade está baseada na concepção clássica da modernidade de que o progresso seria o sentido da história e o destino a ser trilhado pelas sociedades em todo o mundo. Uma concepção de progresso como algo dado, como algo inerente à natureza humana, como algo naturalizado.[195] Nesse sentido rememoramos Foucault ao apontar que "*A história não tem 'sentido', o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e*

[194] MENDONÇA, José. Discurso proferido na Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1969.

[195] Sobre a concepção clássica acerca da modernidade, ver: TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Tradução de Elia Ferreira Ediel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994. p. 38. Para Touraine, a concepção clássica da modernidade é a busca da construção de um novo homem através do desencantamento do mundo, da secularização, racionalização, da busca pelo progresso. É o afastamento do homem em relação a Deus, a dessacralização. Ver também: HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*: doze lições. Tradução Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BERMAN. Marshall. *Aventuras no marxismo.* Tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas."[196]

Nesses momentos da construção histórica, temos os sujeitos em uma polifonia, articulando as suas falas em um emaranhado de vozes, os seus discursos carregados de um intradiscurso[197] cuja formulação reflete as condições de sua produção – o desenvolvimento baseado na crença do progresso, esse mito a ser perseguido, a ser buscado e naturalmente construído, segundo a concepção clássica de modernidade e progresso anteriormente citada. É a idéia de antecipar o futuro de vivê-lo no presente a "presentificação" do porvir. Nesse sentido, a cidade de Belo Jardim conecta o local ao global, a sua realidade interage com a construção do pensamento universalizador da modernidade, que busca uma homogeneidade das práticas, das experiências do sujeito, dos modos de pensar e de agir, de relacionamento com o real e fundamentalmente com a realidade e a sua própria construção. Assim, uma tentativa de inserção da cidade na modernidade mediante não somente as práticas e experiências, mas principalmente através dos discursos que procuramos analisar.

Assim Edson Mororó Moura define-se em relação à instalação de indústrias em Belo Jardim iniciada na década de 1920 com a Fábrica Mariola: "*Nós os herdeiros do velho Jorge no que tange ao processo de industrialização na cidade*". Nessa construção discursiva, Edson Moura em uma *vontade de verdade,* projeta-se como herdeiro do pioneirismo do seu "tio torto"[198]. Provavelmente, não por mera coincidência, faz uma alusão e uma relação de significado do empreendedorismo de Jorge Aleixo da Cunha e o espírito de aventura e de conquista do

[196] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 5.
[197] O intradiscurso é definido por Eni Orlandi como o eixo horizontal da formação discursiva. Uma formulação construída em um dado momento e em condições dadas, circunstancialmente com elementos apropriados do que já foi dito em um momento anterior, rearticulando a fala, adequando-a às circunstâncias em que o discurso é emitido. Cf. ORLANDI, Eni Puccinelli. Op. cit. p. 31-32.

bandeirante Domingos Jorge Velho, explícita no despretensioso "Velho Jorge". Pois mesmo que denote carinho e intimidade, essa expressão é incomum nas relações familiares da primeira metade do século XX.

O legado do "Velho Jorge", a que se refere no discurso comemorativo ao centenário de nascimento de Jorge Aleixo, falecido em 1947[199], e a continuidade das atividades da fábrica não são repassadas diretamente a Edson Moura, provavelmente pela sua pouca idade à época. Os sucessores à frente do empreendimento foram a viúva D. Quitéria Aleixo, Pedro Moura Júnior, pai de Edson Moura e José de Souza Cavalcanti.[200]

Dessa forma, a polifonia acerca da industrialização da cidade ganha mais uma voz: Edson Mororó Moura. Nesse instante, o passado é (re)elaborado, são atribuídas novas significações. Uma relação entre o passado e o presente é reconstruída. Percebemos os contornos da história se definindo, desvelando-se em sua elaboração, contornos de uma história a qual Le Goff se refere como a do historiador de ofício. É uma busca de cristalizar novas significações ao início da industrialização em Belo Jardim. Ou melhor, procura-se construir novas justificativas para o presente.

A cidade tem hoje um perfil industrial, como apontam os dados econômicos que trataremos adiante. Nessa perspectiva de "nós os herdeiros do velho Jorge", esse perfil seria uma continuidade da Fábrica Mariola como fica subentendido através dessa fala, desse discurso e ressaltado por Edson Moura ao enfatizar que "posso dizer que a Mariola, de certa forma, pariu a bateria Moura há exatos 40 anos (...)."[201]

---

[198] Jorge Aleixo era casado com D. Quitéria, irmã mais velha da mãe de Edson Moura cujo pai, sendo ligado à família portanto indiretamente. Daí ser considerado um "tio torto" . Cf. MOURA, Edson Mororó. *Meu pai, Pedro Moura & minha mãe, Mocinha*. Belo Jardim: s.e., 1997.
[199] MOURA, Edson Mororó. "1889-1989: centenário de Jorge Aleixo da Cunha". In: *Mariola*, 06.05.1989. p. 3.
[200] Idem, ibidem.
[201] MOURA, Edson Mororó. *Meu pai, Pedro Moura & minha mãe, Mocinha*. Belo Jardim: s.e., 1997, p. 40.

Contudo, a história também é feita não só de continuidades, permanências, mas ambiguamente também é construída por rupturas, por quebras, por descontinuidades. Como também rompendo com uma lógica dualística, a história também é construída por simultaneidades, por paralelos. Nesse sentido, vimos que o processo de instituição da indústria – esse signo moderno – na cidade de Belo Jardim se deu em várias etapas. Etapas nem sempre contínuas, nem sempre duradouras, mas por vezes simultâneas no caso da instituição do I Distrito Industrial e a consolidação da Acumuladores Moura S/A . Às vezes marcadas por quebras, por descontinuidades, pela não-permanência, como no caso da Fábrica Mariola e das demais indústrias na cidade, especialmente as localizadas nos Distritos Industriais. Às vezes por continuidades como o I e o II Distrito Industrial.

Assim, observamos vozes divergentes e irreconciliáveis em uma tentativa de apropriação do progresso, do desenvolvimento, do moderno, do novo. Em uma busca incessante pela instituição da modernidade não apenas pelo concreto, pelo tangível, pelo palpável, mas também pelo que "se desmancha no ar", pelo intangível, pela fala, pelo discurso, pela *vontade de verdade* que se institui, que se constrói, desconstrói, significa e ressignifica o passado – esse eterno desconhecido que a todo instante é revelado por novos ângulos, por novas abordagens, como um caleidoscópio que a todo momento estamos curiosamente observando as suas várias faces. Esse passado que é ressignificado a partir das circunstâncias do presente sob uma perspectiva de instituir um futuro.

A cidade de Belo Jardim e os sujeitos com as suas experiências representam um fértil campo de análise para a inserção da modernidade nas pequenas e médias cidades na historiografia brasileira. As falas dos sujeitos aparecem como instituintes dessas práticas e experiências, em uma afinidade com o discurso moderno de outras regiões do país e do globo. Tenta-se, mediante algumas práticas repetidas a partir de outras cidades, de grandes centros

urbanos, afirmar a modernidade no espaço da pequena cidade[202]. Essa modernidade que tem como o seu principal palco e o seu próprio cenário, o espaço que exprime a condição humana – *a cidade*. Tentamos compreender a cidade como uma grande representação humana[203]. Para Octávio Ianni, a modernidade se difunde e espalha-se a partir da grande cidade, da grande metrópole – instituinte e propagadora de signos, de símbolos do moderno. Nesse sentido, vemos os sujeitos na cidade de Belo Jardim procurando essa conexão, essa ligação com o mundo da modernidade mediante a instituição dos signos modernos apropriados dos grandes cidades que os difundem e propagam. Uma conexão, uma ligação entre o local e o global.

Na procura pela instituição desses signos, vemos outro instante de retomada do discurso da modernidade durante as comemorações do centenário do nascimento de Jorge Aleixo[204]. Em 1989, o jornal Mariola publica reportagem assinada por Edson Mororó Moura intitulada "1889-1989: centenário de Jorge Aleixo da Cunha". Nela, Edson Moura vê o que definimos como o primeiro momento da industrialização em Belo Jardim, como uma construção associada ao fundador da fábrica Jorge Aleixo e em seguida associa os atuais empreendimentos industriais como desdobramentos da antiga fábrica Mariola. Uma hipótese a ser respeitada, mas nem por isso contraditória.

Como já vimos, a instalação das empresas que atualmente compõem o segmento industrial na cidade de Belo Jardim foi possibilitada por uma série de investimentos em infra-estrutura, tais como: oferta de água, energia elétrica, financiamentos, incentivos fiscais e pela facilidade de

---

[202] Para Octávio Ianni, nesse processo de expansão da modernidade há um novo ciclo dessa ocidentalização do mundo que é "originária da Europa, e revigorada nos Estados Unidos, ela se expande pelos países e continentes, em surtos sucessivos e freqüentemente contraditórios". IANNI, Octávio. A sociedade global. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 71.

[203] Sobre a cidade como representação humana, ver: ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*, 2ª ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Especialmente a Introdução intitulada "fatos urbanos e teoria da cidade e o Capítulo I intitulado "Estrutura dos fatos urbanos".

escoamento da produção pela rodovia BR-232. Nesse sentido, não seriam uma continuidade da fábrica Mariola, pois os capitais dessa fábrica não estariam diretamente empregados nas demais indústrias. No entanto, não podemos refutar a hipótese de que a antiga fábrica demonstraria a viabilidade da expansão industrial da cidade, uma vez que grande parte da sua produção era distribuída em outras cidades e em outros Estados através de caminhões.

Observamos uma pluralidade de vozes acerca da industrialização na cidade de Belo Jardim: Fábio Galvão, Francisco Cintra Galvão, Edson Moura e José Mendonça. Uma associação dessa atividade econômica ao signo do moderno, do novo e principalmente do desenvolvimento e do progresso. Nesses instantes em que as falas se proliferam e em alguns momentos conflitam-se na linha do tempo, vemos a instituição da *modernidade discursiva* com as suas ambivalências e ambigüidades, ora para permanecer uma conjuntura atual, ora para transformá-la, para rompê-la. Constituem-se momentos de instabilidade, de contradições, de tensões e rupturas, mas também de permanências e continuidades a partir dessa instituição e apropriação da modernidade em Belo Jardim.

Estabelece-se, então, um jogo de palavras, uma pluralidade de falas, vozes ambíguas e conflitantes, contraditórias, ambivalentes que tentam mediante esse embate instituir o novo discursivamente. Instituem uma tensão entre memória e representação, uma luta entre o registro histórico e o imaginário que tenta se cristalizar e tem como palco a *cidade discursiva*, que nesse instante é a cidade de Belo Jardim. Nesse momento, o discurso "torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade

[204] Jorge Aleixo é considerado o pioneiro na industrialização da cidade de Belo Jardim. Foi quem iniciou as atividades da extinta Fábrica Mariola, citada anteriormente, durante as primeiras décadas do século XX. O antigo açougue público em frente à antiga fábrica foi demolido e construída no lugar uma praça que possui o seu nome.

em que ele vive."[205] Os sujeitos a partir de suas falas tentam essas permanências e continuidades, como também a transformação e a mudança em algumas circunstâncias.

3.5 – POR UMA DESCONSTRUÇÃO DA "VOCAÇÃO" INDUSTRIAL.

A esse discurso da "vocação industrial" em Belo Jardim, poderíamos levantar algumas questões. Se a vocação industrial da cidade é naturalizada, qual seria o papel desempenhado pelos fatores como a energia elétrica, a água, a rodovia, os incentivos fiscais e a doação de terrenos? Sem esse conjunto de fatores seria viável essa "vocação"? Como se explica que cidades próximas tradicionalmente com atividades industriais, o caso de Pesqueira e Arcoverde, tenham diminuído a sua produção, fechado indústrias no exato momento em que Belo Jardim consolida o seu crescimento industrial? Apenas vocação?

Há uma tentativa de construção de mitos acerca da história de Belo Jardim. Uma tentativa de apropriação da industrialização na cidade ocorrida a partir dos anos 60. Nesse sentido, busca-se uma relação direta entre esses acontecimentos que viabilizaram a instalação das indústrias e os sujeitos na cidade. Uma construção de mitos em torno de pessoas direta ou indiretamente ligadas à política local e estadual que mediante as suas formações discursivas constroem ou procuram cristalizar esses mitos, materializando-os em torno desses sujeitos.

O início da Moura contrasta com os símbolos de modernidade que a própria fábrica construiria em torno de si nas décadas seguintes. "De fábrica só tinha o nome"[206], essa seria a descrição que o Sr. Edson Mororó Moura, Presidente e fundador do Grupo Moura, teria acerca do início da empresa, trinta anos após a fundação ocorrida em 1957.

---

[205] ORLANDI, Eni Puccinelli. Op. cit., p. 15.

"De fábrica só tinha o nome, pois era um verdadeiro barraco com prédios e máquinas muito toscos: a argamassa dos prédios era o barro com que os engenheiros do DNOCS construíam a barragem do Bitury, caibros de pendão de facheiro. Parte das toscas máquinas construídas em baraúna e quase toda ferragem comprada nos ferros-velhos do Recife."[207]

Dessa maneira, a cidade que no final da década de 1960 repetiria o discurso do moderno, do novo, em 1957 possuía um empreendimento fabril incipiente. Embora ousado, era uma antítese do moderno: máquinas montadas com peças adquiridas em ferro-velho, argamassa feita com barro da construção da barragem do Bitury. Como já destacamos, uma antítese da modernidade, uma representação do antigo, do ultrapassado: uma negação do moderno. Contudo, um paradoxo, pois posteriormente seria um dos signos modernos mais evidentes em Belo Jardim. No entanto, essa instituição da modernidade na cidade seria precedida de alguns empreendimentos estruturadores que trataremos mais adiante.

No mesmo ano de inauguração da fábrica de baterias Moura, a cidade de Belo Jardim passa a receber energia elétrica gerada e distribuída a partir da usina hidrelétrica de Paulo Afonso, no Estado da Bahia, administrada pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF. A cidade deixava de depender do antigo gerador elétrico[208]. A sua iluminação seria alimentada pela nova linha de transmissão.

Anteriormente a cidade era alimentada por uma "usina de eletricidade" que gerava e fornecia energia elétrica movida por um gerador a óleo diesel. Essa usina somente deixaria de funcionar com a chegada da energia gerada pela usina hidrelétrica de Paulo Afonso em 1957. Funcionava com um gerador de 150 HP adquirido e trazido da Alemanha pelo Major João Gomes

---

[206] MOURA, Edson Mororó. *Moura por Moura*. Belo Jardim: s.e., 1987, p. 3.
[207] Idem, ibidem.
[208] SILVA, Adalberto Jordão da; LIMA, Abel de. Op. cit., p. 260.

em sociedade com o Barão de Suassuna em 1923, substituindo a iluminação da época à base de lâmpadas a álcool e lampiões a querosene.[209]

No capítulo primeiro, frisamos a construção da barragem do Bitury. Essa obra seria de fundamental importância para a infra-estrutura necessária à instalação de indústrias na cidade. Coincidentemente, a sua construção se dá no mesmo instante da inauguração da linha de transmissão elétrica já mencionada. Dessa forma, a oferta de água necessária à industrialização estaria consolidada, assim como a oferta de energia elétrica. A cidade de Belo Jardim ofereceria as condições elementares para a instalação de indústrias. Porém, outras condições fundamentais não estariam explicitadas através da barragem e da oferta de energia elétrica.

A indústria inicia a sua instituição nessa que delimitamos como a segunda fase da industrialização em Belo Jardim a partir da experiência acumulada durante a primeira fase da indústria na cidade, assim como a partir dos incentivos fiscais concedidos pelo poder municipal. A prefeitura de Belo Jardim isenta a indústria de Acumuladores Moura das taxas e impostos municipais por um período de dez anos. [210]

Buscaremos a seguir algumas considerações acerca da relação entre a cidade de Belo Jardim e a indústria. Existiria uma "vocação" industrial? A indústria se instalaria na pela predestinação da cidade? Henri Lefebvre, em sua obra "A Revolução Urbana", assinala algumas razões e algumas relações entre a cidade e a indústria. A cidade industrial se instituiria a partir do capital industrial que inicialmente se transfere do comércio. Mas qual a relação entre a cidade e a indústria? Por que a indústria se instala na cidade? Qual a dependência da indústria em relação à cidade? Para Henri Lefebvre, "ela estaria antes de mais nada ligada, ligada à não-cidade, ausência

[209] Idem, ibidem.. A iluminação elétrica por gerador em 1923 dá-se em um outro momento da instituição dos signos modernos na cidade de Belo Jardim: a década de 1920. Além da energia elétrica, nessa década ocorre a inauguração da fábrica Mariola, a abertura de cinemas e a autonomia política da cidade que por muito tempo foi um Distrito pertencente à cidade de Brejo da Madre de Deus, como vimos na introdução deste trabalho.

ou ruptura da realidade urbana."[211] Lefebvre aponta que inicialmente a indústria surge próxima às fontes de energia, das matérias-primas. Contudo, aproxima-se da cidade. Não exatamente pelos motivos citados, mas pelo fato de na cidade encontrarem-se os capitais e os capitalistas, os mercados e mão-de-obra mantida a baixo preço. "*Logo ela poderia se instalar em qualquer lugar*". Essa formulação corrobora a localização pouco privilegiada e estratégica da indústria Acumuladores Moura S/A, como abordaremos adiante.

Para Lefebvre, a cidade industrial é uma ampliação e continuidade da cidade comercial.[212] Os capitais industriais que migram das atividades comerciais são vistos pelo autor a partir da ótica da resistência da cidade comercial, aliás, uma resistência por parte dos estabelecidos[213] na sociedade que assistem às mudanças com reserva e desconfiança em sua maioria. Uma nova forma de gerir a cidade é gradativamente instituída na cidade industrial. Novas formas de intervenção na estrutura e no espaço público. Percebe-se o crescimento urbano ou como o autor prefere definir – o fenômeno urbano ou apenas o urbano.[214]

Lefebvre enfatiza que o continuísmo histórico e o evolucionismo mascaram esses efeitos e essas rupturas. Assim, por vezes perdemos a percepção histórica na linha do tempo, no decorrer dos acontecimentos. Em uma retomada da compreensão histórica, visualizamos mais claramente a razão das falas, da dizibilidade acerca da apropriação da indústria em Belo Jardim.

---

[210] Lei de incentivo fiscal à Moura.
[211] LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 25.
[212] Henri Lefebvre em "A revolução urbana", especificamente no capítulo intitulado "Da cidade à sociedade urbana", faz uma discussão acerca da historicidade das funções da cidade. Classifica e define essas funções em três tipos que não se excluem entre si: A partir das aldeias, surge a cidade com função política que objetiva administrar a vida social organizada e suas relações, seria o surgimento do Estado. Em seguida, é incorporada a função comercial a partir do aumento da circulação das mercadorias e de pessoas que interferem na estrutura das cidades e no seu crescimento e por último, a cidade industrial que transforma e intervém mais ostensivamente na cidade mediante a crescente urbanização.
[213] Sobre os estabelecidos na cidade, ver ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os outsiders e os estabelecidos*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

No entanto, essa relação entre capitais, capitalistas e cidade não respondem às nossas indagações. Com isso não pretendemos negar que possa contribuir na compreensão das condições elementares e necessárias para a instalação das indústrias em Belo Jardim. Estamos à procura de captar essas permanências e rupturas apontadas por Lefebvre. Na cidade de Belo Jardim, vemos uma proximidade entre a cidade, os capitais e os capitalistas. Uma constatação, mediante a fundação da fábrica Moura, de que a cidade tornara-se a "não-cidade" para a indústria que se instalara. A Acumuladores Moura poderia estar localizada em uma área mais industrializada e mais estrategicamente localizada em relação aos seus principais clientes: as montadoras de automóveis do ABC Paulista. Porém, a indústria está ligada à não-cidade e depende de fatores extrínsecos à natureza, a imanência das cidades.

Alguns desses fatores extrínsecos à cidade são abordados por Edson Moura na edição comemorativa de 30 anos do grupo Moura[215]. Nessa publicação, o autor faz uma retrospectiva das atividades do Grupo desde a sua formação em 1957 até a constituição da Bitury Taxi Aéreo em 1987. Assim, podemos observar que o Grupo Moura contou em vários momentos de sua trajetória com linhas de financiamento da SUDENE, BNB, BNDES, Bandepe, Banco Econômico, além de incentivos fiscais como já vimos anteriormente, que viabilizaram a expansão do grupo empresarial. Dessa forma, corrobora-se a formulação de Lefebvre acerca da não-cidade. A indústria necessita desse não-lugar, mas fundamentalmente necessita dos capitais.

3.6 – A MODERNIDADE EM NÚMEROS E A AMBIVALÊNCIA DA REALIDADE

[214] Para Lefebvre, o advento da cidade industrial leva o fenômeno urbano ao que o autor denomina como zona crítica, uma implosão-explosão marcada pela concentração urbana, êxodo rural, extensão do tecido urbano, uma subordinação do agrário ao urbano. Cf. LEFEBVRE, Henri. Op. cit., p.27.
[215] MOURA, Edson Mororó. *Moura por Moura*. Belo Jardim: s.e., 1987.

O progresso toma conta das falas dos sujeitos acerca da cidade de Belo Jardim. A indústria como signo que representa o moderno associada à representação desse progresso. De maneira naturalizada, a atividade industrial é discursivamente instituída como vocacional. A cidade teria esse destino, essa predestinação: a de tornar-se um polo industrial. Em outros momentos é vista como uma expansão da antiga Fábrica Mariola. A modernidade aporta na cidade mediante esse signo – a indústria. Institui-se pela indústria, mas também discursivamente. A antítese dessa industrialização – a agricultura ou as atividades a ela relacionadas – são extirpadas da memória coletiva. Procura-se não associar a cidade à produção agrícola. O novo, o moderno, o desenvolvimento e o mito do progresso trazido juntamente com a atividade industrial, extirpa dos discursos políticos as origens da cidade.

A cidade que se origina em torno de uma fazenda – a Fazenda do Capim – e tem o seu crescimento inicial em torno de uma feira, não mais remonta ao seu passado. Constrói-se um intradiscurso mediante o esquecimento concebido acerca da produção agrícola. Uma ruptura com esse passado associado à decadência e ao atraso. Uma dicotomia em que o rural representa o arcaico e a indústria representa o moderno. O discurso do novo, do moderno é pautado no desenvolvimento e no progresso cristalizado na atividade industrial. A outrora próspera produção cafeeira na cidade não mais é retomada ou raramente lembrada na historiografia da cidade. Após a sua decadência no final da década de 1920 e início dos anos 30 do século passado, a cafeicultura torna-se suplantada até mesmo da memória da cidade. Uma tentativa de esquecimento, um silêncio, um apagamento na memória da cidade. Os sujeitos não mais se reportam ao café, mas, contrariamente, reportam-se ao instante de crescimento da cidade a partir da produção industrial.

Evidencia-se a cristalização do pensamento acerca da modernidade. As práticas refletem esse pensamento. Uma negação do passado, em nome da antecipação do futuro ao presente, o que

já delimitamos como a "presentificação" do futuro. Uma quebra da tradição, no sentido da ruptura de suas duas funções na sociedade apontadas por Georges Balandier – "uma, passiva, que manifesta sua função de conservação, de memorização; outra, ativa, que lhe permite ser o que já foi"[216]. Assim, a cidade é ressignificada, ocorre uma ruptura com a tradição. Em nome do progresso, faz-se uma revolução na ordem anterior, há uma naturalização do progresso. Para Touraine:

> *"O triunfo do progresso acaba necessariamente nesta naturalização da sociedade em nome da qual os que se opõem à modernidade e à sua revolução são considerados obstáculos, elementos anti-sociais que devem ser suprimidos pelos bons jardineiros incumbidos de extirpar as ervas daninhas."*[217]

Uma negação que destrói o passado, uma paradoxal destruição criadora, em um incessante movimento. Uma quebra da repetição inerente à tradição, mas que no entanto, ambiguamente institui uma nova e ambivalente ordem, cria uma nova tradição – a tradição da ruptura. Essa nova tradição que é marcada por um interminável ciclo de quebra, de movimento, uma busca constante pelo progresso, pela antecipação do porvir, em uma contínua aceleração.

O crescimento da cidade de Belo Jardim é corroborado pelos números, pelas estatísticas oficiais dos dados econômicos do CONDEPE, conforme os quadros a seguir[218] e que suplanta a

---

[216] BALANDIER, Georges. *A desordem*: elogio do movimento. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 93.

[217] TOURAINE, Alain. Op. cit., p. 94.

[218] Os valores dos quadros encontram-se em Cr$ 1.000,00 e os percentuais da população urbana foram arredondados para números inteiros. Nesse caso, para um dígito acima quando o número após a vírgula fosse maior do que cinco, permanecendo o mesmo dígito quando fosse igual ou menor do que cinco. Os dados foram extraídos dos seguintes documentos: IBGE. Anuário Estatístico de Pernambuco Ano XII – 1948. Rio de Janeiro: IBGE/Departamento Estadual de Estatística, 1949. pp. 16-17, 86-87. IBGE. Anuário Estatístico de Pernambuco Ano XIV – 1950. Rio de Janeiro: IBGE/Departamento Estadual de Estatística, 1952. pp. 23-24, 88-89. IBGE. Anuário Estatístico de Pernambuco Ano XXI – 1966. Recife: IBGE/Departamento Estadual de Estatística/Secretaria de Coordenação Geral, 1968. pp. 30, 116-117. SERPE. Anuário Estatístico de Pernambuco – 1975. Recife: Superintendência de Estatística

produção industrial de cidades próximas consideradas mais tradicionais nessas atividades em suas economias, como Pesqueira e Arcoverde:

POPULAÇÃO TOTAL – POPULAÇÃO URBANA EM %							
CIDADE	1940	1950		1960		1970	
Belo Jardim	31.120	37.405	19%	36.629	35%	45.432	43%
Brejo da Madre de Deus	29.131	35.719	6%	34.741	14%	25.877	15%
S. Bento do Una	29.918	53.625	8%	57.338	17%	33.667	22%
Caruaru	73.455	103.785	43%	106.231	61%	144.646	
Arcoverde		17.128	57%	24.087	75%	40.861	83%
Pesqueira	52.854	48.916	27%	44.561	51%	50.145	56%

Nº DE INDÚSTRIAS E VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM Cr$ 1.000,00								
CIDADE	1940		1950		1960		1970	
Belo Jardim	79	4.558	51	6.449	84	178.097	66	9.865
Brejo da Madre de Deus	111	5.062	76	5.140	71	7.783	52	839
S. Bento do Una	115	15.790	69	16.851	21	39.849	20	2.565
Caruaru	215	111.288	250	139.258	845	304.911	587	36.340
Arcoverde	64	28.246	39	44.473	37	124.034	40	11.470
Pesqueira	73	96.729	78	90.149	92	119.222	59	25.835

Ao analisarmos os dados acima, observamos que a cidade de Belo Jardim, em um grupo de seis cidades próximas, passa gradativamente de 19% do total de sua população residente na zona

---

de Pernambuco - SERPE, 1976. pp. 200-201. FIDEPE. Anuário Estatístico de Pernambuco – 1979: com dados até 1978. Recife: Fundação de Informação para o desenvolvimento de Pernambuco – FIDEPE, v. 28. pp. 80-81.

urbana em 1950, antes do início da industrialização, para um total de 43,36% no início da década de 1970, atingindo 73% na atualidade[219]. Esse período coincide com a ampliação da atividade industrial na cidade, confirmando o fenômeno urbano de Lefebvre ao analisar a cidade industrial.

Em relação à produção industrial, percebe-se uma transformação das estatísticas sobre Belo Jardim. Em uma comparação com as demais cidades próximas, a cidade passa de uma insignificante produção registrada nas décadas de 1940 e 1950 para se consolidar como a segunda mais importante no segmento industrial dentre as 16 cidades que compõem a microrregião do Vale do Ipojuca, no Agreste de Pernambuco. Assim apenas é superada pela cidade de Caruaru.

Retomando a discussão de Eni Orlandi em que o discurso está relacionado ao real, ao concreto, embora saibamos que a sua construção também o institui, percebemos que o discurso da modernidade em Belo Jardim a partir da industrialização, encontra um elo, uma ligação com a realidade. Vemos a cidade que na década de 1940 possuía apenas 19% da população residente no perímetro urbano, atualmente possuir cerca de 73% da população vivendo na urbs. O crescimento da urbanização se dá a partir do aumento da industrialização ocorrido no final da década de 1950 e que toma impulso maior durante as décadas de 1960 e de 1970, respectivamente.

Esse crescimento, porém, não pode ser naturalizado, como algo dado, como uma "vocação" encontrada em alguns discursos. Durante este capítulo, procuramos evidenciar que a modernidade da cidade de Belo Jardim é ambivalente, possui uma ambigüidade, uma multiplicidade de pensamentos e inúmeras possibilidades de abordagem. A construção desse moderno, desse novo, é perpassado por esse discursos, por essas falas, por essas dizibilidades em determinados períodos da construção histórica. Discursos que objetivam instituir, permanecer,

---

[219] Dados do censo do IBGE 2000. CONDEPE. Op. cit., pp. 23.

por vezes romper com a realidade que se apresenta, em uma procura pela cristalização e materialização na memória coletiva e histórica da cidade de Belo Jardim.

No embate silencioso, às vezes imperceptível em um curto espaço de tempo, encoberto pelas permanências e continuidades inerentes à dinâmica das sociedades, observamos a cidade de Belo Jardim perpassada pelos discursos acerca da modernidade e pelos seus descompassos com a realidade. Perpassada discursivamente sim, mas, por outro lado algo também se materializa nessa aventura da modernidade, algo se cristaliza. Uma imbricação entre contraste e estranhamento apontado por Adalberto Jordão, abordado nas primeiras páginas deste capítulo, mediante a contemplação dos operários da Fábrica Mariola e dos trabalhadores do campo para mais um dia de serviço com as suas ferramentas sobre os ombros, ficaram para trás. Ficaram, porém permanecem nas reminiscências acerca de um tempo remoto que a todo instante é ressignificado, reelaborado, que novamente torna-se presente, portanto dinâmico e não apenas um passado morto, mas constantemente revisitado e reconstruído a partir das particularidades do presente, esse eterno presente que se constitui a história.

Não que tenha deixado de ocorrer essa alteridade entre os trabalhadores do campo e o operariado nos desvãos da cidade. Por outro lado, não mais estão sós os operários ou em tão escasso número como os 92 registrados em 1950, dos quais, muitos destes provavelmente antigos operários da Fábrica Mariola.[220] Mas que ainda se emocionam ao lembrarem dos seus tempos passados, de suas tarefas diárias tão vivamente presentes em suas mentes, como as reminiscências da senhora Zulmira Santos que “embalava doce, cortava a palha de bananeira para fazer o fundo da caixa para colocar o doce, descascava goiaba e banana e fazia ‘serão’ (...) As moças cantavam,

[220] IBGE. Anuário Estatístico de Pernambuco Ano XIV – 1950. Rio de Janeiro: IBGE/Departamento Estadual de Estatística, 1952, pp. 88-89

enquanto trabalhavam. Jorge Aleixo tinha o ‘sangue bom’. Todos que trabalhavam lá se casaram e ninguém fumava”.[221]

A memória da antiga operária da Fábrica Mariola parece não querer apagar o período de 1944 a 1950 em que trabalhou na antiga fábrica. O apito da fábrica parece algo marcante em seu relato, como algo diferente, como o novo que se instituiu na cidade. Significava para a operária e para os demais “o início e o final do trabalho. Avisava também quando chegava goiaba para o operário comparecer ao serviço”. O apito da Fábrica Mariola não mais existe, não mais os seus *ecos* pelos desvãos da cidade, apenas persiste e vive na memória daqueles que puderam ouvi-lo.

[221] *MARIOLA*, Belo Jardim, 06.05.1989,. p. 8.

PALAVRAS FINAIS

Na introdução deste trabalho há uma epígrafe de Clifford Geertz em que o autor sugere que "*precisamos de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades*". A partir dessa afirmação, percebemos que o trabalho que se iniciava poderia contribuir com as particularidades e especificidades em relação à instituição de alguns signos modernos no Agreste de Pernambuco.

Geertz fala em modos de pensar, de receptividade, de contrastes e singularidades. Se a história é formada por rupturas e continuidades, se ela não tem um sentido, como aponta Michel Foucault ou se ela é uma narrativa de fatos acontecidos e verdadeiros como aponta Paul Veyne, compreendemos a necessidade de contá-la e de analisá-la por um ângulo e por um olhar em que os acontecimentos de uma construção histórica contemplem essas especificidades, a partir do vivido.

Nesse sentido, rememoramos a nossa chegada à cidade de Belo Jardim em 1998. Naquele instante e nos anos seguintes, despertava a nossa curiosidade, o fato das pessoas demonstrarem nas ruas e nas conversas um orgulho pela industrialização. Um orgulho pelo fato da cidade possuir grandes indústrias em atividade, como a "fábrica da Moura", Palmeiron, Belasa, Mafisa, essas duas últimas do segmento avícola. Demonstra-se esse orgulho pelo uso de camisas pelos funcionários que identificam as indústrias nas ruas, pelo fato de ostentarem o crachá de suas empresas nos momentos fora da fábrica, no convívio na cidade, como ir à padaria, por exemplo. A "vocação" industrial, ou melhor, o discurso acerca dessa "vocação" também nos inquietava, pois apresentava a industrialização como algo dado, como algo natural, uma predestinação, e não construído historicamente, sendo associado à idéia de progresso.

Assim, desejamos naquele instante estudar e ampliar essas discussões. As aulas no mestrado em História na UFPE, inicialmente como aluno especial, possibilitaram o suporte teórico para analisarmos a cidade de Belo Jardim a partir da temática cidade e modernidade. Descortinarmos novos horizontes e novos questionamento acerca da cidade e da instituição dos signos modernos

Nessa caminhada surgiram novas questões e outras possibilidades foram desveladas. Curiosamente, em uma dessas ocasiões cotidianas que nos fazem refletir, deparamos com um veículo estacionado cujo rádio estava sintonizado em uma partida de futebol, ao retornarmos da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim. Algumas pessoas estavam próximas ao automóvel e o narrador com entusiasmo dava ênfase aos lances que favoreciam o time que representava o Santa Cruz Futebol Clube. Entretanto, algo nos chamava a atenção: o Santa Cruz havia jogado na noite anterior e certamente não deveria estar novamente em campo naquele instante.

Ao procurarmos saber do que se tratava aquela narração, fomos surpreendidos ao descobrirmos que o jogo disputado e transmitido pelo rádio acontecia entre a equipe do Santa Cruz de Belo Jardim e o Ypiranga da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, válida pela Copa Pernambuco. Desse episódio, ficou-nos as dúvidas e as indagações. O que motivaria aqueles rapazes a ouvirem atentamente uma partida de futebol aparentemente sem grandes atrativos para a mídia? O que levaria a imprensa a fazer a cobertura daquela competição? Quando iniciaram-se essas competições? Seriam uma construção histórica recente?

Evidente que não tínhamos nenhuma das respostas. Todavia ficava algo em nossa memória e que sempre retornava em busca de esclarecimentos. Já havia o desejo de trabalharmos o futebol como signo moderno desde o pré-projeto desta pesquisa, no entanto, ao conhecermos o jornalista Bartolomeu Marinho as perspectivas se ampliaram através do rico acervo que possuía, mas principalmente por ter sido um dos protagonistas desses acontecimentos que elucidariam alguns dos nossos questionamentos.

A partir dessas perspectivas, buscamos associar a modernidade que se expande pelo mundo e a inserção dos signos modernos na cidade de Belo Jardim. As distâncias do mundo tornam-se mais próximas e as formas de pensar, de agir, de lazer, as práticas de sociabilidade tendem a uma homogeneização, uma desterritorialização, mantendo as especificidades locais, construindo uma multiplicidade. Para Octavio Ianni,

> *Aos poucos, ou de repente, o mundo se torna grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado. Simultaneamente à globalização, dispersam-se os pontos de referência, dando a impressão de que se deslocam, flutuam, perdem (...) A desterritorialização manifesta-se tanto na esfera da economia como na da política e cultura. Todos os níveis da vida social, em alguma medida, são alcançados pelo deslocamento ou dissolução de fronteiras, raízes, centros decisórios, pontos de referência. As relações, os processos e as estruturas globais fazem com que tudo se movimente em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias.*[222]

Dessa forma, podemos analisar a modernidade e a instituição de seus signos na perspectiva de que os signos se expandem, há uma desterritorialização, contudo, interagem com as culturas locais. O futebol praticado na cidade de Belo Jardim desde as primeiras décadas do século passado, não foge à essa lógica. Durante a década de 1970, observa-se essa imbricação do global e do local. Uma hibridação entre práticas culturais distintas que convivem, interagem e dialogam, construindo um entrelugar, uma tênue fronteira de difícil definição como aponta Homi Bhabha[223]. Uma hibridação a partir das práticas e das ações que sugere Canclini:

> *"As práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação. Isso acontece não apenas nas atividades culturais expressamente organizadas e reconhecidas como tais; também os comportamentos ordinários, agrupados ou não em instituições, empregam a ação simulada, a atuação simbólica."*[224]

---

[222] IANNI, Ocatvio. *A sociedade global*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 91,95
[223] BHABHA, Homi. Op. cit.
[224] CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 350

Nessa perspetiva de hibridação entre o local e o global, entre as práticas do cotidiano e as formas trazidas pela racionalidade, há o surgimento de clubes de futebol filiados à Liga Desportiva Belojardinense cuja característica principal é a irreverência durante a década de 1970 – é o caso do Brutos Futebol Clube que existe até a atualidade. Talvez uma maneira de resistir às imposições da organização de uma lógica racionalista nas práticas de lazer, uma busca de resistir à ordem estabelecida, de reagir à formalidade das práticas que Certeau enumera como:

> *"práticas da leitura, práticas de espaços urbanos, utilização das ritualizações cotidianas, reempregos e funcionamentos da memória através das 'autoridades' que possibilitam (ou permitem) as práticas cotidianas, etc. (...) Essas mil 'maneiras de fazer' constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizap pela técnicas da produção sócio-cultutral."*[225]

Uma arte de fazer, trajetórias em uma "inventividade artesanal". São táticas imbricadas com as práticas cotidianas: falar, ler, circular e práticas cotidianas simbolizadas nas resistências e nas estratégias abordadas por Michel de Certeau. Nesse sentido, observamos que a agremiação Brutos Futebol Clube possui uma ambivalente organização racional, chegando a ser campeão da cidade. Em 1972, o colunista Ney Bianchi, publicava no Diário de Pernambuco uma nota a respeito daquele time:

> *"Uma notinha que fiz aqui sobre a seleção de Caruaru, nos anos cinqüenta, continua rendendo. Agora mesmo o leitor Estêvão Freitas, de Belo Jardim, Pernambuco (cidade pertinho de Caruaru), manda a escalação do Brutos Futebol Clube, campeão local: Pereco; Xotôta, Mago, Pneu e Batman; Japonês, e Zé Palito; Cachacinha, Marco Boca Mole, Pá e Chambari. Reservas:*

[225] CERTEAU. Michel. Op. cit., pp. 41-42.

Pinguim, Bacurau, Zezé de Juvita, Bago de Jaca, Netune e Quinquinha. Mas ocorre que o Brutos F. C. também é bom (de nomes) nos juvenis: Longrinha; Adirço, Furiá, Custureira e Petão; Zé Concho e Pau Seco; Geraldo Fincão, Biru, Pissiu e Bereta. Técnico de todos os times: Adauto Sapatão (pé 48, sem chuteiras...)"[226]

Os nomes dos jogadores que compunham o time acima do Brutos Futebol Clube em 1972, traz à tona essa discussão acerca de táticas, hibridação e práticas de resistência. Os participantes utilizavam as regulamentações que lhe eram impostas na organização das suas práticas de lazer, reelaboravam as suas representações e davam-lhe outros significados cujos resultados não poderiam ser imaginados anteriormente. Um resultado possível mediante a imbricação do cotidiano local, suas especificidades e uma maneira de resistência aos valores trazidos de outros centros urbanos maiores nessa aventura que é a modernidade.

[226] BIANCHI. Ney. "Os bons times de Pernambuco". In: *Diário de Pernambuco*, agosto de 1972.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – INTITUIÇÕES DE PESQUISA

Arquivo Público Municipal de Belo Jardim

Laboratório de História da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim

Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Assembléia Legislativa de Pernambuco – Projeto memória

Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco CONDEPE/FIDEM

Biblioteca Estadual Presidente Castello Branco

2 – FONTES IMPRESSAS

2.1 – Jornais

A Voz da Cidade, 1942

Diário de Pernambuco, décadas de 1960 e 1970

Vanguarda, décadas de 1960 e 1970

O Batalhador, 1960

O Líder, 1964

Rio Bitury, 1965

O Bitury, 1972

Voz do Bitury, 1975

Gazeta do Bitury, 1983

Jornal Mariola, 1989

2.2 – Documentos Oficiais

Livros de Decretos e Leis da cidade de Belo Jardim, entre os anos de 1940 e 1951

Livro de Leis e Atos Municipais de cidade de Belo Jardim, entre os anos de 1952 e 1959

Discursos proferidos na Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1969 – Projeto Memória

2.3 - Livros

2.3.1 – Belo Jardim

BARBALHO de Siqueira, Nelson. *Cronologia pernambucana*: subsídios para a história do Agreste e do Sertão, vol. 16. Recife: CEHM/FIAM, 1998.

Centro de Estudos de História dos Municípios. Calendário oficial de Datas Históricas dos Municípios do Interior de Pernambuco. Recife: CEHM/FIAM, 1994.

CORREIA, Amaury de Barros. "Belo Jardim: de povoado à cidade." In*: Revista de História Municipal*, ano III, nº 4, março de 1991. Recife: CEHM/FIAM, 1991.

MOURA, Edson Mororó. *Moura por Moura*. Belo Jardim: s.e., 1987.

_____. *Meu pai, Pedro Moura & minha mãe, Mocinha*. Belo Jardim: s.e., 1997.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco (1821/1954)*, vol. XI. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1994.

SILVA, Adalberto Jordão da. *Belo Jardim*: personalidades de nossa terra, vol. I. Recife: O Autor, 2001.

SILVA, Adalberto Jordão da, e Lima, Abel de. *Belo Jardim*: história, cultura e recursos naturais, 2. ed. Recife: O Autor, 2001.

2.3.2 – Cidade e modernidade

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer*: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. *Aventuras no marxismo.* Tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI. Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed.. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*, 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *As encruzilhadas do labirinto,* 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*: introdução às teorias do contemporâneo. 3. ed.. Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso,* 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*, 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens*: o sentido da modernidade. Tradução Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *A sociedade global,* 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*, tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LYOTARD, François. *A condição pós-moderna*, 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos*: histórias do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Eneida Maria de. (org). *Modernidades tardias.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Tradução de Elia Ferreira Ediel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

2.3.3 – História, historiografia e memória

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 2001.

BERGSON. Henri. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo. Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *Variedades de História cultural.* Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi, 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DOSSE, François. *A história*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Tradução Bernardo Leitão et. al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*: a cultura popular revisitada, 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhias das Letras, 1992.

SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes (org.). *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*, 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

2.3.4 – Esportes e cidade

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

2.3.5 – Obras diversas

BHABHA. Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1 – artes de fazer. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente.* Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os outsiders e os estabelecidos*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

GINSBURG, Carlo. *Mito emblemas e sinais*: morfologia e história, Tradução Carlo Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 99.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão,* 18. ed. Tradução de Elaine Zagury. Rio de Janeiro: Editora Record, s. d..

MORIN, Edgar. *Ninguém sabe o dia que nascerá*. "Íntegra das entrevistas Nomes de Desus a Edgard Blattchen", tradução Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Editora UNESP; Belém: Editora da UEPA, 2002.

MORIN, Edgar; WULF, Christoph. *Planeta*: a aventura desconhecida. Tradução Pedro Goergen. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 15.

3 – FOTOGRAFIAS

A relação das fotografias encontra-se na lista de ilustrações no início deste trabalho, logo após o resumo em língua estrangeira, conforme orientação da NBR 14724, de agosto de 2002, publicada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. A s fotografias podem ser visualizadas no decorrer do trabalho e as demais no anexo fotográfico.

4 – FONTES ORAIS

Entrevista com o Sr. Bartolomeu Marinho em 13.02.2004.

Entrevista com a Profª. Dulce Ramos em 22.01.2004.

ANEXO FOTOGRÁFICO

Ilustração 24 – Praça da Conceição no final do século XIX

Ilustração 25 – Estação ferroviária de Belo Jardim no início do século XX

Ilustração 26 – Estação feroviária de Belo Jardim, s.d.

Ilustração 27 – Demolição no centro da cidade de Belo Jardim na década de 1950

Ilustração 28 – Construção da barragem do Bitury, década de 1950

Ilustração 29 – Visita do Frei Damião à cidade de Belo Jardim, década de 1970, no primeiro plano à direita Edson Moura e sua esposa Sra. Conceição Moura

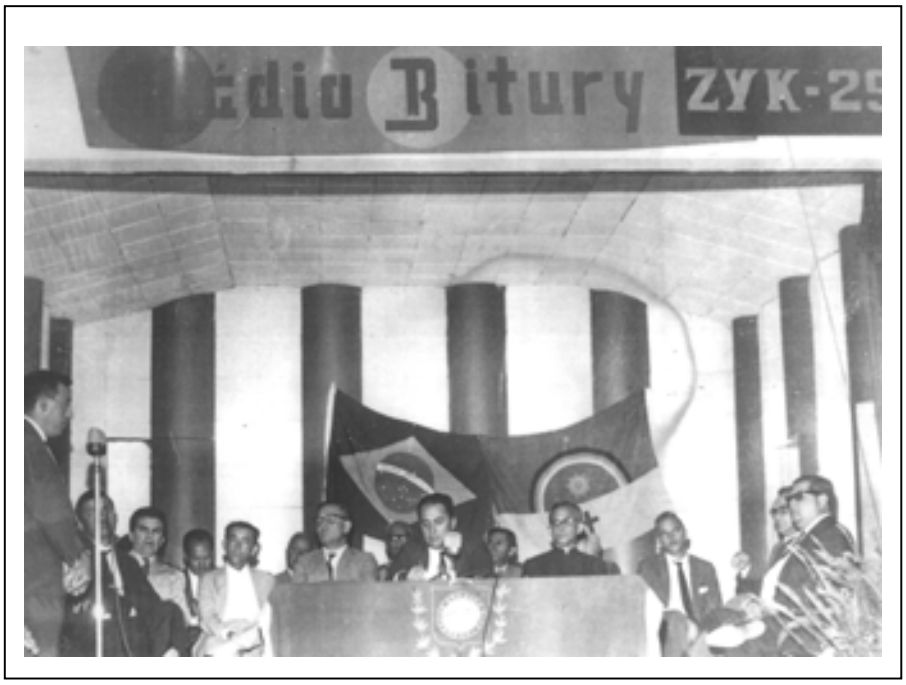


Ilustração 30 – Uma das primeiras transmissões da Rádio Bitury AM em 1957.

Ilustração 31 – Sede da Rádio Bitury em 1957 na R. Siqueira Campos, onde fora construído o prédio em que se localiza o Palácio Municipal – sede da Prefeitura de Belo Jardim

Ilustração 32 – Conjunto de cantores em Programa da Rádio Bitury na década de 1950.

Ilustração 33 – Equipe do Brutos Futebol Clube na década de 1970, clube caracterizado pela irreverência dos seus associados e torcedores, disputava o campeonato da LDB pela qual sagrou-se campeão.